Bêabá na Bahia

guia turístico

José Valladares

BÊABÁ DA BAHIA

GUIA TURÍSTICO

José Valladares

Bêabá da Bahia

Guia turístico

EDUFBA
Salvador-BA
2012

Feito o depósito legal

Coordenador da edição
Fernando da Rocha Peres

Projeto Gráfico
Geraldo Jesuíno

Editoração e Capa (arte final)
Josias Almeida Jr.

Ilustrações
Carlos Thiré

Ilustração da capa: Cristo da coluna do Convento do Carmo, do escultor Francisco Chagas, o Cabra

Digitalização
Uranus

Tratamento de imagens
Gabriel Cayres

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Valladares, José, 1917-1959.
Bêabá da Bahia : guia turístico / José Valladares ; ilustrações e mapas de Carlos Thiré ; prefácio de Fernando da Rocha Peres . – 2. ed. - Salvador : EDUFBA, 2012.
140 p. : il. – (Coleção Nordestina)

ISBN: 978-85-232-0819-6

1. Bahia - Descrições e viagens – Guias. 2. Bahia – História. I. Thiré, Carlos. II. Título. III. Série.

CDD 918.142 – 22. ed.

Editora filiada à

A meus irmãos:

Clarival, Francisco-Miguel, Mariano, Raimundo.

SUMÁRIO

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

PREFÁCIO

SESSENTA e um anos depois da primeira edição[1], a Universidade Federal da Bahia publica, na Coleção Nordestina, em novo formato, o livro do baiano José Valladares (1917-1959), como uma homenagem a um seu docente de estética e de história da arte brasileira e das criações do barroco colonial, que cursou especialização em história da arte na Universidade de New York e visitou setenta e quatro museus norte-americanos no ano de 1943, fundou e dirigiu o Museu de Arte da Bahia (1939-1959) e ao artista plástico Carlos Thiré (carioca, 1917-1963), que estudou arte em Paris, em 1947, com o pintor André Lothe, foi produtor, diretor e cenógrafo de teatro, televisão (Rio e Tupi) e cinema (Vera Cruz), dentre outras atividades na área cultural, e também autor dos desenhos que ilustram, como uma joia, este guia turístico da cidade de Salvador em 1951.

[1] Na sua primeira edição, este livro foi editado com o formato 21x29cm, em papel WESTERPOST, trezentos exemplares numerados de 1 a 300 e 35 com desenho original do ilustrador, numerados de I a XXXV, todos assinados pelo autor, com 155 páginas, Livraria Turista Editora, Salvador, e com uma tiragem em formato 16x23,5cm, com 155 páginas, Livraria Progresso Editora, Salvador, ambos compostos e impressos nas oficinas gráficas da tipografia Beneditina Ltda., que contava com a orientação do Irmão Paulo Lachenmeyer OSB (1903-1990). Nas duas tiragens, há um "Mapa pitoresco e resumido da cidade da Bahia em 1950", de autoria de Carlos Thiré, cuja data nos esclarece o ano de feitura das ilustrações.

Pode-se marcar a importância da reedição deste livro não só por seu conteúdo exemplar, com a qualidade do seu texto e a beleza das ilustrações, mas também pelo seu valor como documento ou fonte de natureza histórica e antropológica sobre a "cidade da Bahia", uma sutil e delicada apresentação da sua cultura, arquitetura e monumentos.

O livro, esgotado há muitos anos, transcendeu a sua condição de "guia turístico" e passou a integrar, no meu entender, a *bibliografia baiana*, por seu variado interesse para os estudiosos da evolução (seria uma involução?) urbana da cidade, acentuadamente predadora da sua paisagem humana, arquitetônica e natural desde o início do século XX.

Para que se constate esta destruição, basicamente provocada pela vontade e incúria dos homens, especialmente dos incompetentes administradores públicos e dos especuladores imobiliários, basta ler o capítulo do livro "Roteiro para o visitante apressado", comparando-o com o que se vê atualmente nas praças, ruas e becos daquilo que ainda resta do "centro histórico", na baixa e alta da cidade que chamo de *Salvadolores*.

A primeira edição deste livro deu-se no Governo do democrata Octavio Mangabeira (1947-1951), sendo Anísio Teixeira seu Secretário e grande mentor da cultura e das artes na Bahia. Esta nova edição, em 2012, repassa ao leitor um exemplo do que pode ser feito, com qualidade e bom gosto, quando se respeita a tradição.

Não me resta qualquer dúvida que este livro deve ser lido, nos medíocres e temerosos tempos atuais, como uma obra de referência no gênero, por sua linguagem direta e clara, curiosa e informativa, principalmente crítica, pois o mestre e amigo José Valladares, já em 1951, em Nota Final ao livro, p. 110, advertia e prenunciava o que aconteceria quando o "turismo" assumisse o seu lugar na economia, como uma "indústria avassalante", também na Bahia, sem qualquer política e nenhum controle:

> Embora este livro tenha o subtítulo "Guia Turístico", não sinto a menor simpatia pela preocupação de muitos baianos com o turismo. Que a cidade da Bahia seja rica de atrativos turísticos – ninguém poderá contestar. Mas será uma tristeza no

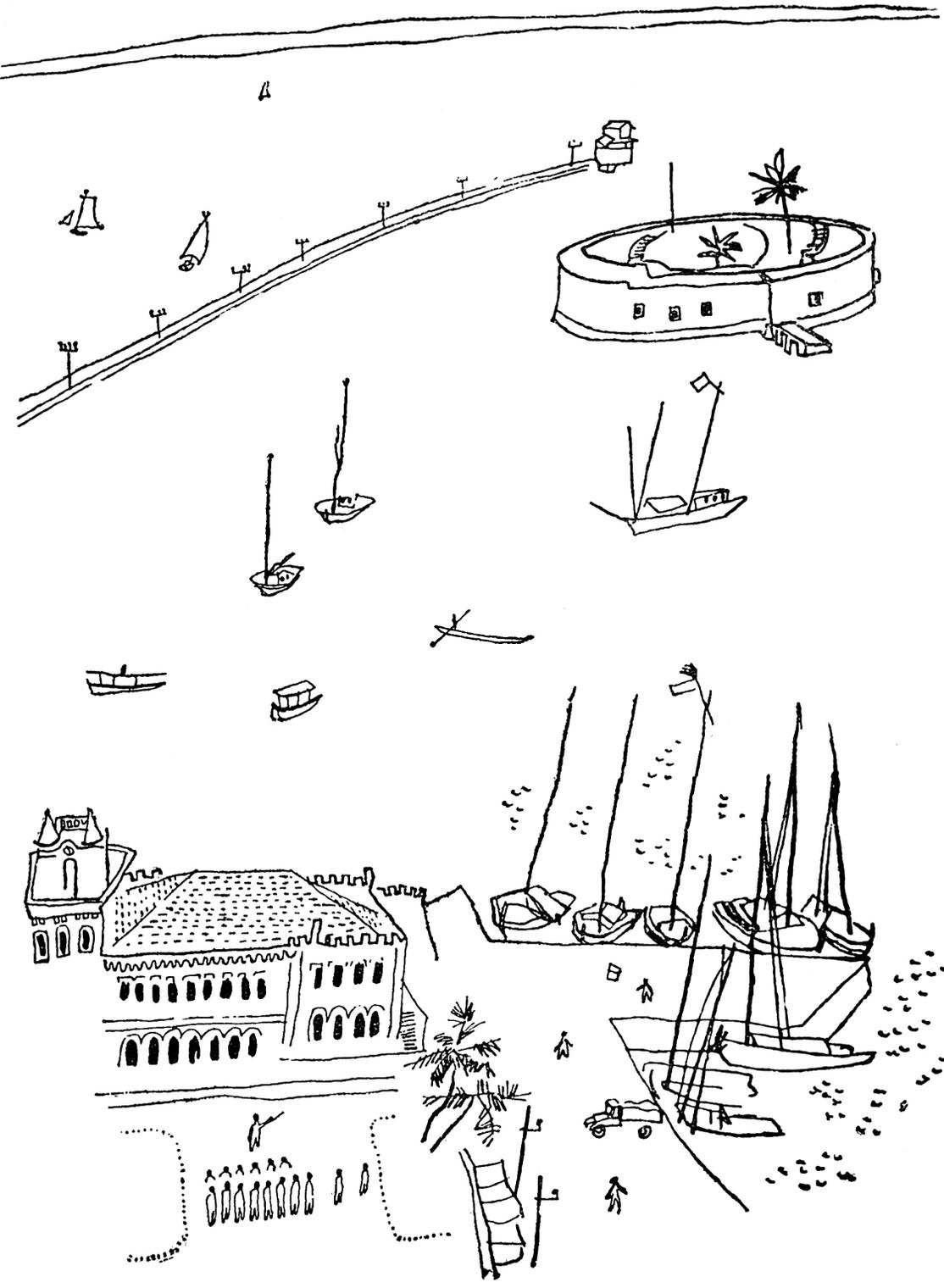
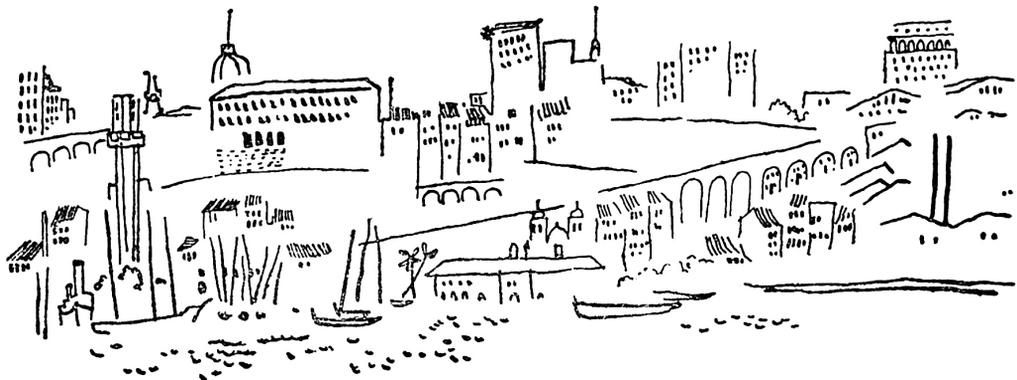
> dia em que, ao invés de pensarmos em nossas coisas, à nossa maneira e de acordo com nossas convicções, nos pusermos a pensar no conforto, curiosidade, gosto e caprichos do turista. Não será desta forma que a Bahia progredirá. Sejamos cordiais com os que nos dão a honra da visita; mas não sejamos subservientes. No final, nós é que sairemos perdendo. E a primeira coisa que se perderá será o caráter de nossa cidade, quase por milagre ainda conservado num Brasil cujas grandes cidades a passos largos se vão tornando excessivamente semelhantes às grandes cidades de qualquer parte do mundo. Quando menos imaginarmos, com essa mania de cortejar os turistas, a Bahia terá deixado de ser a Bahia.

Assim sendo, ainda hoje há muito o que defender no centro histórico da cidade, em especial no Pelourinho, quando intenta-se construir um "palco" modernoso e retrátil no seu largo (vide as ilustrações de páginas 38 e 39), porém, agora e sempre, muito o que agradecer pela existência deste belo livrinho, hoje redescoberto, e pela sensibilidade e lições dos seus autores: louvados sejam Valladares e Thiré.

É preciso acrescentar que, para a segunda edição deste livro, contamos com uma cuidadosa revisão e atualização ortográfica, assim como das indicações bibliográficas dentro das normas da ABNT, realizadas pacientemente por Maria José Bacelar Guimarães.

Creio que ainda vale ressaltar neste prefácio duas informações necessárias: 1) o grande sobrado representativo da bela arquitetura da cidade baixa, no século XIX, de pé ainda na década de 1950, ilustrado por Thiré, sede do antigo Banco da Bahia, já não existe mais (página 59), assim como o templo protestante, referido na página 58 e ilustrado na página 93, situado no Campo Grande; 2) as filhas de José Valladares, Julia e Diana, procederam uma revisão final do texto hoje reeditado.

Salvador, 1 de abril de 2012.

Fernando da Rocha Peres
Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia

COMO SE ESCREVE, COMO É E ONDE FICA

BAHIA E NÃO BAÍA

BAHIA se escreve com **h**. É questão de lei e de tradição. Há quem escreva simplesmente **Baía**, como quer a nova ortografia e como se a velha cidade fosse apenas um acidente no mapa do Brasil. É falta de respeito. Compreende-se que os de fora procedam assim: não é o nome de sua família. Mas quando um filho da terra faz o mesmo, ou anda obcecado pela gramática ou está na intenção de se fazer diferente.

Já os derivados – baiano, baiana, baianada, baianismo, baianidade – perderam humildemente seu **h**.

BAHIA MELHOR QUE SALVADOR

O nome da capital do estado da Bahia é Salvador. Desde o século XVI que se fala em fortaleza do Salvador, cidade do Salvador. Amazonas capital Manaus, Bahia capital Salvador. Isto todos nós aprendemos na escola. Ninguém, porém, dirá que vai viajar para Salvador, ou que vai a Salvador. Se disser, procura logo acrescentar – Bahia. Pois

corre o risco de não ser entendido. É outra questão de tradição: Salvador é mais conhecida como Bahia. Quem nasceu em Santo Amaro da Purificação diz-se santamarense; em Cachoeira, cachoeirano; Itaparica, itaparicano. Mas quem nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia, jamais será salvatorense: há quem chame baiano da gema.

LATITUDE E LONGITUDE

A cidade da Bahia fica situada na Baía de Todos-os-Santos, que é a maior do Brasil. Ouve-se muito que tem capacidade para abrigar todas as esquadras do mundo. Quem sabe?... Não possui a beleza dramática da Baía de Guanabara, onde fica o Rio de Janeiro. Nem por isso deixa de ser belíssima. Águas mansas, ora safira, ora esmeralda, ou cor de chumbo, ou todas três misturadas, céu magnífico, o recorte suave do continente e das ilhas, até parece uma mensagem de paz.

A cidade propriamente está a 12° 58' de latitude sul. Quer dizer: é tropical. Seu meridiano passa a 38° 31' oeste de Greenwich. Quer dizer: quando é meio-dia na Bahia são 10 horas da manhã em Nova Iorque, 3 horas da tarde em Londres, 5 da tarde em Moscou e meia-noite no Japão.

O CLIMA

O clima é dos mais amenos: média anual de 25° centígrados à sombra. Em Fahrenheit, 75°. Quase sempre está soprando uma brisa do quadrante leste que é como uma ventarola encantada. O vento sul e o noroeste, que são os perigosos, somente nas tempestades. Mas estas são raras. Também raros são os dias de grande calor.

Inverno agradável, verão suportável – eis como os antigos definiam a constância e amenidade do clima baiano. Mal sabiam que essa falta de variações conduz à indolência...

O povo distingue, embora nem sempre o sol e a chuva confirmem: as chuvas do caju, em janeiro; as de São José, no meado de março, que também é o mês das grandes marés; o veranico de maio; as chuvas de São Pedro, no fim de junho; as ventanias de agosto; as trovoadas de novembro. O mês mais quente costuma ser o de janeiro. Mais frio, junho. Os mais agradáveis, abril, maio, setembro e outubro.

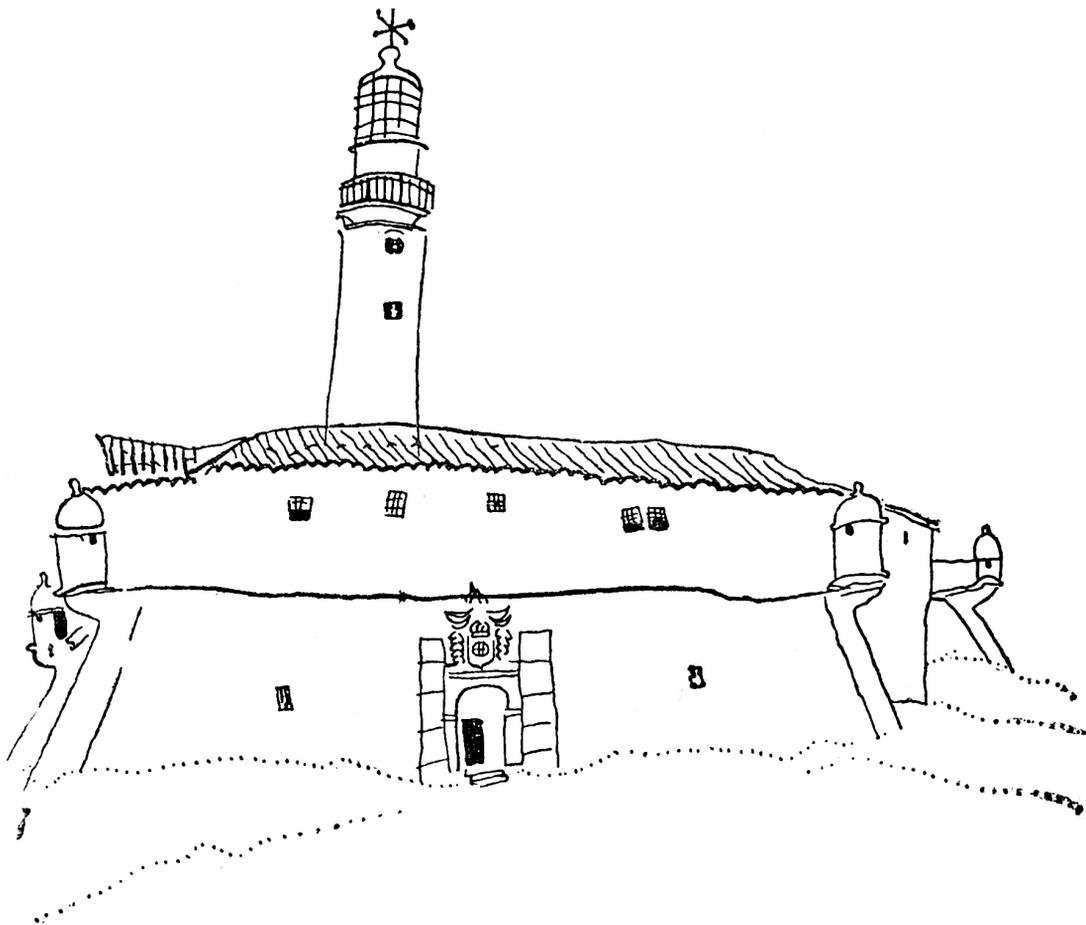
POPULAÇÃO

Atualmente, possui a cidade (inclusive zona rural) cerca de 425.000 habitantes. Cresceu consideravelmente nos últimos dez anos. Ocupa o quarto lugar entre as capitais do país, na ordem Rio, São Paulo, Recife, Bahia, Porto Alegre, Belo Horizonte.

CONFIGURAÇÃO

Existe entre nós um Plano de Urbanismo que se fez reputado em todo Brasil e até fora do Brasil. Mais conhecido como EPUCS.

Para o EPUCS, a Bahia, do ponto de vista das vertentes d'água, é uma pirâmide de três faces desiguais. Consideradas as gargantas e vales que separam as colinas, afigura-se um leque. E a topografia de seus diferentes bairros lembra folhas de trevo.

Temos assim a bonita imagem de um leque com ornatos quadrifoliados para dar ideia da estrutura da cidade.

UM POUCO DE HISTÓRIA

QUEM DESCOBRIU A BAHIA

O PRIMEIRO europeu famoso a ver estas paragens foi o italiano Américo Vespúcio. Viu e batizou. Navegando a serviço do rei de Portugal, Dom Manuel o Venturoso, aqui chegou a 1.° de novembro de 1501. Deu ao local o nome que estava no calendário católico: 1.° de novembro – dia de Todos-os-Santos, Baía de Todos-os-Santos. Ficamos sob excelente proteção.

CARAMURU

De 1501 até 1534, quando foi doada como capitania a Francisco Pereira Coutinho, a Bahia, embora fosse terra do rei de Portugal, era também uma espécie de terra de ninguém. Antes, pertencia aos índios – os tupinambás e os tupiniquins. Com a vinda dos europeus, até hoje não se sabe ao certo quem ficou mandando: se os portugueses, que tinham o título de posse e arrendaram todo o Brasil a um grupo de cristãos-novos; se os franceses, extremamente hábeis em negociar

pau de tinturaria com os indígenas; se o misterioso Caramuru, **né** Diogo Álvares.

Este homem foi tronco de numerosas famílias baianas, algumas da maior importância em nossa história. Não surpreende que existam lendas a respeito de seu aparecimento e de sua dedicação à coroa portuguesa. Naufragara, quase virava peixe de tanto se esconder nas locas. O estrondo de um tiro, com que procurava matar um pássaro, assegurou-lhe a devoção dos índios estupefatos. E a lenda prossegue.

No entanto o mais plausível é que ele tenha sido agente dos traficantes franceses. Amizade de primeira ordem. Sua principal concubina e depois esposa, a indígena Paraguaçu, foi batizada Catarina em terras de França. Mas já houve quem sugerisse que na realidade Caramuru era um contra-espião português...

Espião, contraespião, náufrago de sorte ou aventureiro de coragem, não se lhe pode negar que tenha sido o patriarca de nossa gente. O Abraão da Bahia. Fez os filhos que pôde.

Também não se pode negar que tenha sabido lutar pelo que considerava seus direitos adquiridos. A doação da capitania a Francisco Pereira Coutinho, encanecido nas lutas do Oriente, mas inteiramente alheio ao Brasil, foi um golpe difícil de suportar. A capitania da Bahia figura no rol das muitas que não prosperaram. Resta apurar com exatidão quanto se deve a Caramuru pelo malogro. Sabe-se que após naufrágio ele escapou ileso, enquanto o pobre do donatário era trucidado pelos selvagens da ilha de Itaparica. Este Abraão!... Até contava com a parentela das concubinas para eliminar seu adversário.

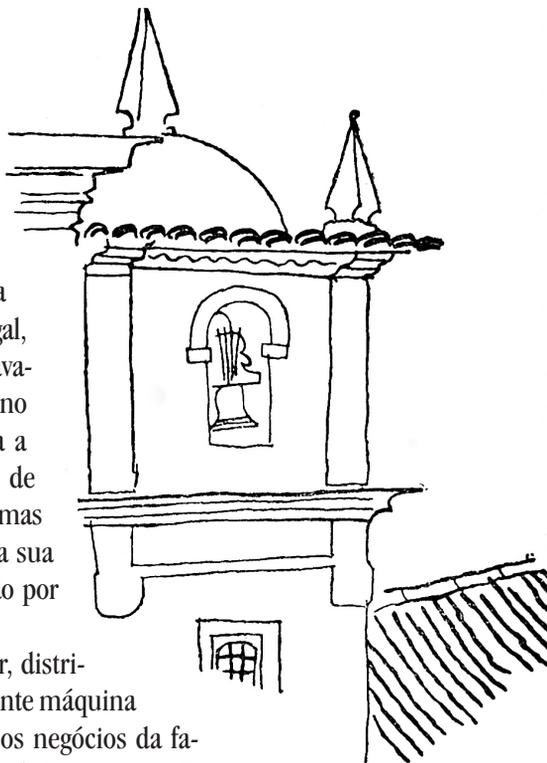
Credita-se a Pereira Coutinho a fundação do povoado de Vila Velha e da igreja da Vitória. A igreja continua no mesmo lugar, mas não se pode estabelecer com precisão onde ficava o povoado. O mais que se pode garantir é que estava no triângulo Barra, Barra Avenida, Graça.

A FUNDAÇÃO DA CIDADE

A cidade do Salvador, isto é, a Bahia, foi fundada em 1549. Para esse fim, Dom João III, rei de Portugal, armou uma expedição especial. Tratava-se do estabelecimento de um governo geral para o Brasil. Confiou a tarefa a cavalheiro de boa estirpe, embora de ramo bastardo, protegido do paço, mas bem conhecido pelo seu valor e pela sua prudência: Tomé de Souza, nomeado por três anos, salário anual 400$000.

Com o nobre capitão-mor, distribuída em seis navios, veio a competente máquina administrativa: provedor-mor para os negócios da fazenda, ouvidor-mor para os negócios da justiça, capitão-mor da costa para os negócios da guerra no mar; um físico-mor para os negócios da saúde e mais um grande sortimento de oficiais subalternos, para preencher os quadros vagos. Começava-se bem: distribuindo empregos. Alvorada da burocracia no Brasil. Ao todo, mas nesse cálculo diversos historiadores modernos não acreditam mais, 400 soldados, 600 degredados e 320 oficiais mecânicos e administrativos. Para cuidar do bem-estar espiritual dessa multidão de colonos, apenas seis jesuítas – quatro padres e dois irmãos. Nomes que todo baiano deve trazer gravados no coração, pois foram os pioneiros de nossa fé: Manuel da Nóbrega, João Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, os irmãos Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

A expedição partiu a 1.° de fevereiro. Chegou a 29 de março seguinte.

A fim de evitar enganos, Tomé de Souza foi provido de Regimento, onde sua conduta se achava preestabelecida. Assim, o local da Vila Velha não servia para a nova cidade. Que tratasse bem os gentios,

punindo de morte os colonos que tentassem escravizá-los. Como devia conceder sesmarias. Que fortificasse os engenhos e promovesse feiras periódicas etc....

Governador e auxiliares logo se puseram a trabalhar intensamente. Escolhido o novo local – meia distância entre a península de Itapagipe e a Vila Velha – uma cerca de mato foi de pronto levantada. O núcleo inicial se estendia desde a igreja da Ajuda até a vala que havia em frente ao Terreiro. Para acesso à praia, lá embaixo da ribanceira, duas ladeiras, ainda existentes, foram abertas na encosta: Pau da Bandeira e Misericórdia.

Teoricamente, a cidade devia abranger seis léguas para cada banda, ou seja, aproximadamente, seus atuais limites. Em poucos meses, mais de cem casas. Entre as sesmarias que o governador doou, a de Garcia d'Ávila, fundador da grande casa da Bahia colonial.

Quase tudo se sabe da administração Tomé de Souza. Desde quando chegou até quando se retirou em 1553. O que infelizmente ninguém conseguiu descobrir foi a data exata da fundação da cidade. Depois de muitos debates, o quarto centenário, em 1949, acabou comemorado numa data simbólica, a da chegada do governador – 29 de março.

AFRICANAS, PORTUGUESAS, ÍNDIAS

Ainda no governo de Tomé de Souza, a pedido do padre Nóbrega, muito preocupado com a virtude dos colonos jovens, chegou um carregamento de órfãs de boa linhagem enviadas pela piedosa rainha Dona Catarina. Ficaram conhecidas como as "órfãs da rainha" ou "donzelas da rainha". Casaram-se em boas condições. Houve outra remessa em 1553, já no tempo do governador Duarte da Costa, e uma terceira em 1557, com o governador Mem de Sá.

Negros escravos a Bahia já importava desde 1538.

Índios, portugueses, africanos; africanas, portuguesas, índias. Um que outro francês desgarrado. Um que outro alemão

aventureiro. Italianos. Judeus. Com a chegada das moças de boa linhagem, completava-se o quadro. Daí em diante era só procriar. A raça baiana, iniciada com Caramuru e suas caboclas, estava com o futuro garantido.

O PRIMEIRO BISPO

O bispado da Bahia foi criado em 1551. Primeiro titular, o ilustre e letrado Dom Pero Fernandes Sardinha. Ao ser criado, estava subordinado à arquidiocese de Lisboa. Mas foi o primeiro da colônia. Seria também o primeiro arcebispado. Até por isso se diz do arcebispo da Bahia que é o primaz do Brasil.

Dom Pero Fernandes havia de brigar com o segundo governador. E de volta à Europa morrer sob o tacape dos índios caetés, na costa de Alagoas. Foi também o primeiro mártir do cristianismo no Brasil.

O SEGUNDO GOVERNADOR

O segundo governador, Duarte da Costa (1553-1557), distinguiu-se pelo intimidamento dos indígenas. Consequência de insurreições. Encontrou um braço forte na pessoa do próprio filho, Dom Álvaro, que também era seu ponto fraco. Por sua causa, incompatibilizou-se com o bispo. Pudera! O prelado não tolerava deboches e o moço adorava as aventuras. Escandalizou a colônia nascente com seus adultérios (imaginamos que com algumas das órfãs da rainha). Na tempestade que se levantou, o governador preferiu o lado do coração.

A Duarte da Costa deve a Bahia o belo brasão de armas que até hoje seus filhos veneram com carinho: – "uma pomba branca em campo verde, com um rolo à roda branco, com letras de ouro que dizem *Sic illa ad arcam reversa est*, e a pomba tem três folhas no bico", diz um cronista do século XVI. Comemorava a derrota que infligira aos selvagens. Valendo-se da história da arca de Noé, a pomba simbolizava a tranquilidade que voltava à cidade.

MEM DE SÁ

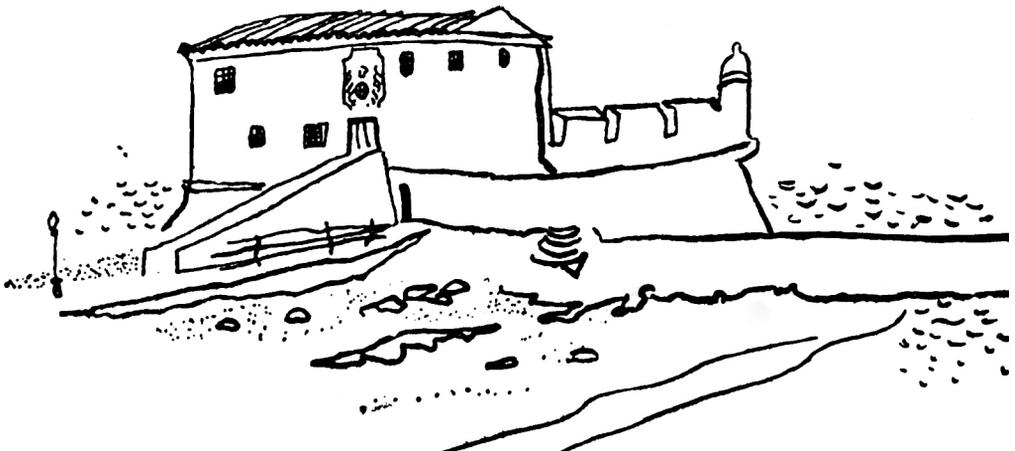
Mem de Sá, terceiro governador, achou o terreno pronto para iniciar uma obra de expansão e de defesa contra os franceses.

Permaneceu de 1558 a 1572. E aqui morreu e o sepultaram. Rico, grande amigo dos jesuítas. Seu túmulo – um dos mais venerandos do país – está na capela-mor da antiga igreja do Colégio, atual Catedral Basílica.

Era um grande enamorado da Baía de Guanabara. De lá expulsou os franceses comandados pelo bravo Villegaignon. Foi durante seu governo que se fundou o Rio de Janeiro.

A IDADE DE OURO

Tomé de Souza, Duarte da Costa e Mem de Sá consolidaram a posição da Bahia em face da colônia e do mundo.

1549-1572. Vinte e três anos de labor intenso, de lutas internas e de campanhas militares, e de muito sangue bom heroicamente derramado. Em compensação, a cidade já se tornara importante. Iniciava-se a idade de ouro da Bahia, período em que se tornou um grande empório comercial, enchendo de cobiça os olhos de muitos magnatas da Europa.

DOMÍNIO ESPANHOL

Em 1580, dois anos após a trágica morte de Dom Sebastião de Portugal na batalha de Alcacer-Quibir, passou Portugal ao domínio espanhol. As colônias também. Reinava o fanático Filipe II. A coroa portuguesa só voltou a cabeças lusitanas em 1640.

APARECE A INQUISIÇÃO

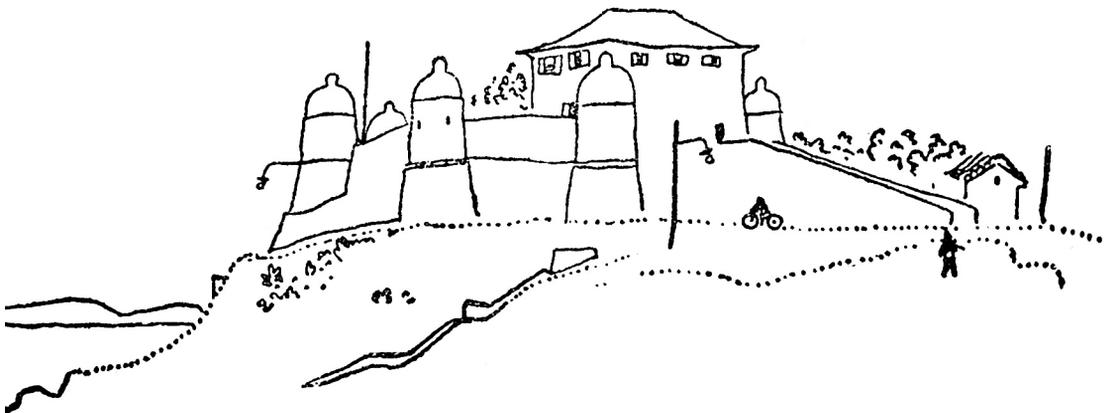
Para a Bahia, que então vivia alegremente, a primeira consequência grave da mudança de metrópole foi a chegada da Inquisição em 1591.

Com os espanhóis, a teoria de colonização era diferente. Nada das tolerâncias com que o governo português procurava facilitar o progresso em ultramar. Nada de sinagogas escondidas, nada de hábitos judaizantes, nada de sodomias, nem de adultérios, nem de feitiçarias. "Bahia, terra de todos os santos e de quase todos os pecados!", exclamou um poeta do século XX. Faz tanto tempo que é assim!...

Os falsos cristãos-novos, as bruxas, os sodomitas, os blasfemos, ou tiveram de fugir ou caíram nas malhas do tribunal. Para a colônia houve prejuízo econômico. Por causa das perseguições, muito industrial, muito técnico, muito comerciante e artesão israelita teve de fugir com sua família. Foram para as Antilhas e para os Estados Unidos.

INVASÃO HOLANDESA

Segunda consequência grave do domínio espanhol, o assalto dos holandeses em 1624. Era um meio de que a Holanda dispunha para ferir seu velho inimigo.

Vergonha em grande estilo. Com a visão da esquadra batava, fugiu o governador, seus auxiliares fugiram, fugiram os grã-finos, fugiu a tropa. A vida era boa, ninguém queria saber de sacrifícios. Na cidade

só ficaram os negros escravos. O saque revelou-se verdadeira maravilha. Caixões e mais caixões de prataria, de joias e de moedas de ouro. O bispo, porém, Dom Marcos Teixeira, pensou em reagir.

O movimento de resistência que organizou foi tomando corpo. Não deixava os inimigos em paz. Nem tardou o socorro da metrópole. Dentro de um ano, a cidade viu-se reconquistada. E muito sangue correu. De parte a parte. O mosteiro de São Bento foi cenário de horrível matança de soldados espanhóis.

No Museu do Prado, em Madrid, existe um quadro famoso celebrando a recuperação da Bahia. Reinava Filipe IV. Há cópia dessa tela em nossa Câmara Municipal. Herói principal da reconquista, de acordo com o quadro: Dom Fradique de Toledo Osório.

PRAÇA FORTE

Depois da invasão holandesa e enquanto os soldados de Nassau ocupavam o nordeste do Brasil, transformou-se a Bahia numa poderosa praça de guerra.

Ainda em pé, ou já em ruínas, ainda hoje se vê a maioria das fortalezas que vomitavam o fogo de seus canhões sobre toda e qualquer enseada onde se pudesse tentar um desembarque: Rio Vermelho, Santo Antônio (atual Farol da Barra), Santa Maria, São Diogo, Gamboa, São Marcelo, Santo Alberto, Monte Serrat.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Até 1763, a capital do Brasil era na Bahia. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, sobretudo pela necessidade de se controlar de mais perto o ouro das Minas Gerais.

A CIDADE COLONIAL

Como devia ser bela a Bahia de então! A julgar pelas vistas panorâmicas da época, havia uma harmoniosa integração de natureza e construções.

Desde o começo que a cidade se dividira em cidade alta e cidade baixa. Na alta se instalaram o governo, os principais conventos e igrejas, as residências nobres e da gente abastada, as casas de comércio e de prazer; na outra, as atividades ligadas ao porto.

Com o tempo, no entanto, a própria cidade baixa expandiu-se em zona residencial. Inicialmente, em volta da Conceição da Praia; depois pela Jaqueira, Preguiça, Corpo Santo, Guindaste dos Padres, Taboão, Pilar, Água de Meninos, Jequitaia, Calçada, Boa Viagem, Bonfim, Itapagipe, Monte Serrat. Surgiram igrejas e pequenos conventos, também.

Só foi, porém, no corrente século que se conquistou a área das docas. Antigamente, o mar chegava até o prédio da Associação Comercial e aos fundos da rua Portugal.

Com as modificações introduzidas pelo progresso, a Bahia ainda não recuperou a silhueta equilibrada que se manteve até os dias da proclamação da República (1889). Para restabelecê-la, é preciso construir muito. E dentro da nova escala, que é a dos edifícios mais novos. Em altura, pelo menos o dobro da antiga.

Mas a Bahia continuará sempre uma cidade estendida à beira da praia. Do bairro mais dentro do continente – Brotas – se avista o mar bem pertinho. Na cidade alta, as casas foram construídas nas colinas. Na zona central, todos os lados de cada colina; nas mais

afastadas, de preferência a crista. Por isso, tem sido com tanta insistência comparada a um presépio.

NO SÉCULO XIX

Depois da mudança da capital da colônia para o Rio, o primeiro acontecimento de grande importância na vida da Bahia foi a chegada da família real portuguesa em 1808. Estava fugindo dos exércitos de Napoleão. O príncipe regente Dom João, sua esposa Carlota Joaquina, a rainha mãe Dona Maria e toda a equipe de aristocratas iam para o Rio. Mas enquanto aqui estiveram houve muita alteração e reboliço na cidade, e aqui mesmo se assinou o decreto franqueando os portos do Brasil aos navios das nações amigas, passo avançado para a independência do país.

A independência só viria em 1822. Novamente foi a Bahia cenário de acontecimentos importantes. A rigor foi unicamente entre nós que houve luta armada para expulsão da tropa portuguesa. A campanha durou quase um ano. A independência do Brasil somente ficaria consolidada a 2 de julho de 1823, na Bahia.

Em 1826, Dom Pedro I fez uma visita à cidade. Seu filho e sucessor, Dom Pedro II, visitou-nos em 1859. Não esqueçamos, se a alguém parecer pouco: naquele tempo, deliberações, preparativos e meios de transporte eram vagarosos.

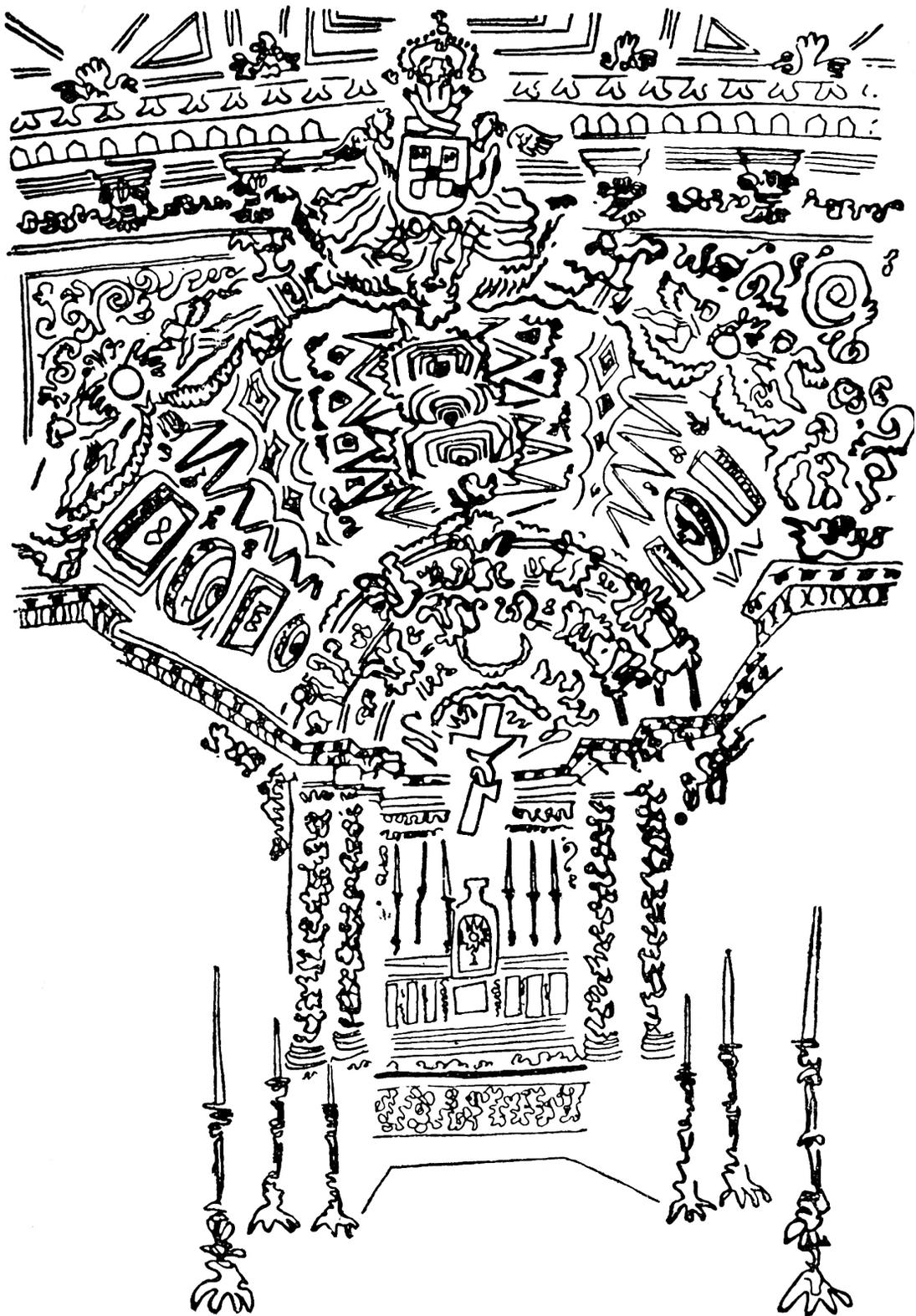
REVOLUÇÕES

Em 1789, a chamada dos alfaiates, que foi abafada no nascedouro. Que seria de nossa terra se tivesse caído nas mãos dos semianalfabetos que responderam pelo movimento!

Em 1837, a Sabinada, outra aventura perigosa. Subverteu a cidade durante vários meses.

Os negros escravos, sobretudo os de religião muçulmana, mais de uma vez sobressaltaram a população com seus motins. A revolta

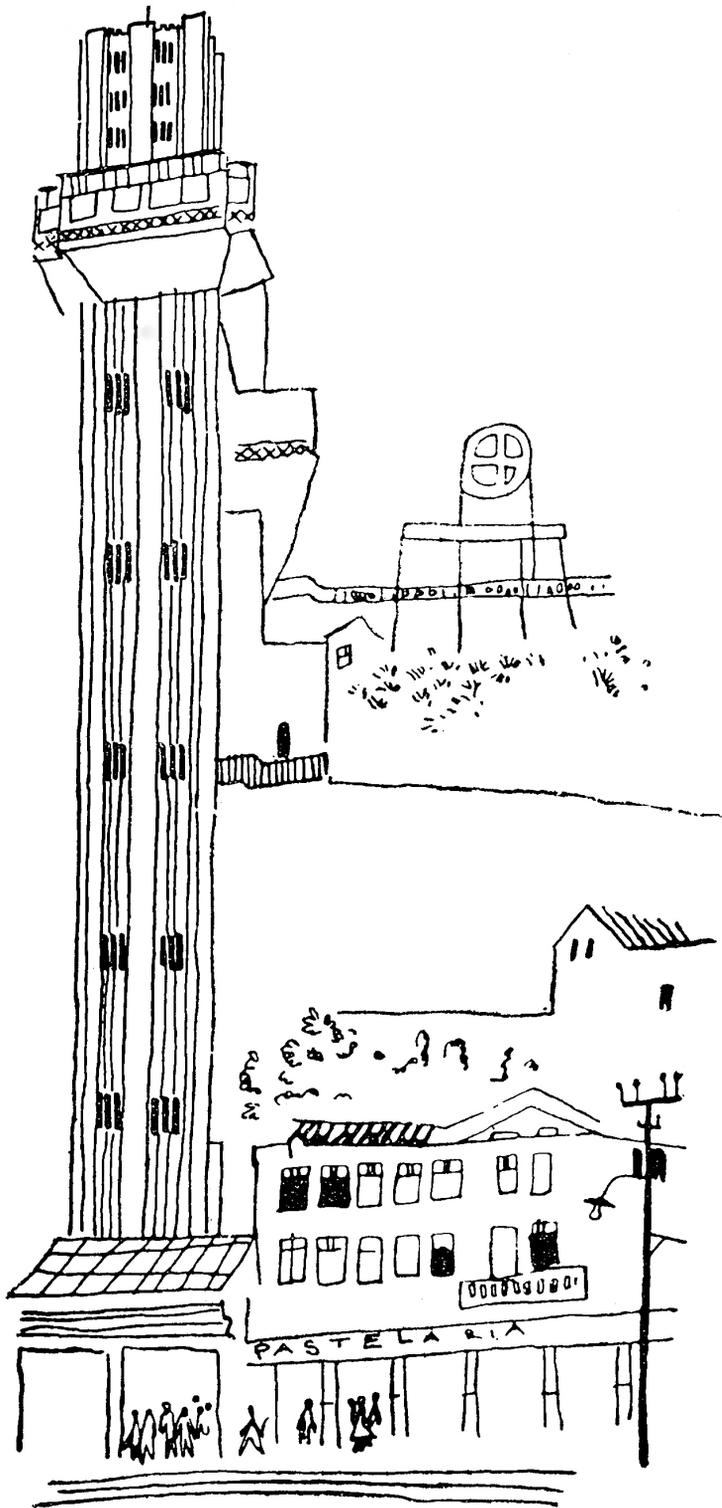
conhecida como dos malês, em 1835, não fossem os delatores, de sua própria raça, ia tendo consequências da maior gravidade.

Em 1912, a política governamental assumiu tal violência que se cometeu o crime nefando de bombardear a cidade para forçar a renúncia do governador eleito.

ROTEIRO PARA O VISITANTE APRESSADO

PEÇA que o levem até a praça Municipal. Aí chegando, de costas para o mar, ponha a mão no peito, concentre-se e medite: aqui começou o Brasil a ser um país organizado.

À direita está o palácio Rio Branco. Estilo bombástico. Já foi, no entanto, um belo paço do século XVII. Reformado depois da proclamação da República, reedificado, com a cúpula e águias, após o bombardeio da cidade em 1912. Esqueça tudo isso e considere ao invés que, nesse sítio, Tomé de Souza trabalhou; e que foi a residência dos vice-reis do Brasil até 1763, quando a capital da colônia se transferiu para o Rio de Janeiro.

Em frente, a Câmara Municipal. Também já foi um belíssimo edifício seiscentista. Sofreu reforma menos completa. Apesar de todos os ornatos que lhe puseram na fachada, o arcabouço antigo ainda se deixa perceber, em toda sua imponência de cabido. Além disso, os reformadores não tiveram ocasião de metamorfosear as fachadas laterais e de fundo, nem o pátio interno, nem o salão da câmara de vereadores. Há quem presuma ser possível recuperar o aspecto original do edifício. Será um grande dia para a arquitetura colonial brasileira.

PASTELARIA

No lado oposto, ou seja, sobre o mar, fica o elevador Lacerda. Até pouco tempo fazia tal impressão na paisagem urbana que alguém o chamou de "dente de ouro" da Bahia. Com o aparecimento dos arranha-céus mirins da cidade baixa, a impressão quase se desfaz. Não será mais o "dente", porém continua sendo uma mina, para a companhia concessionária.

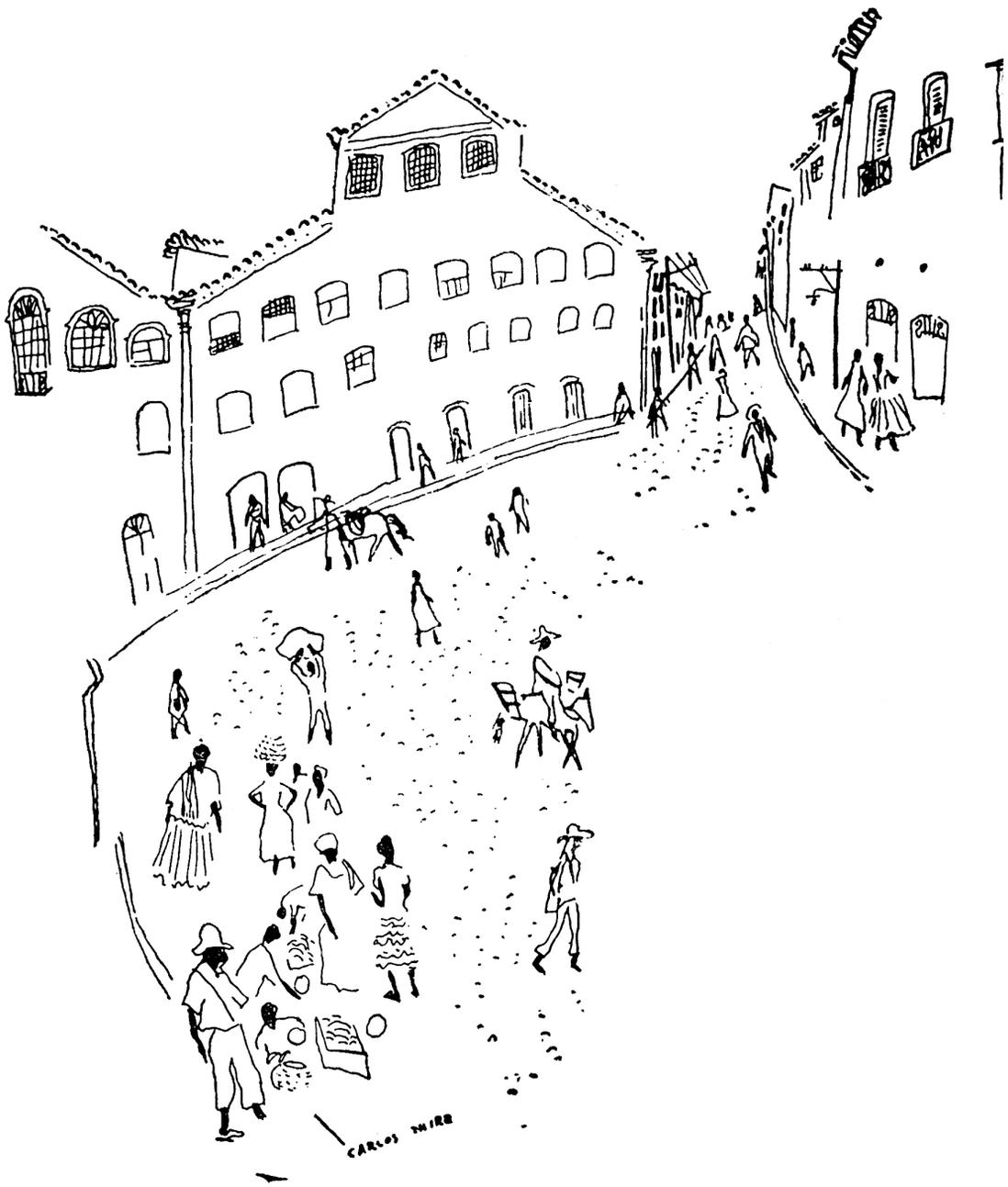
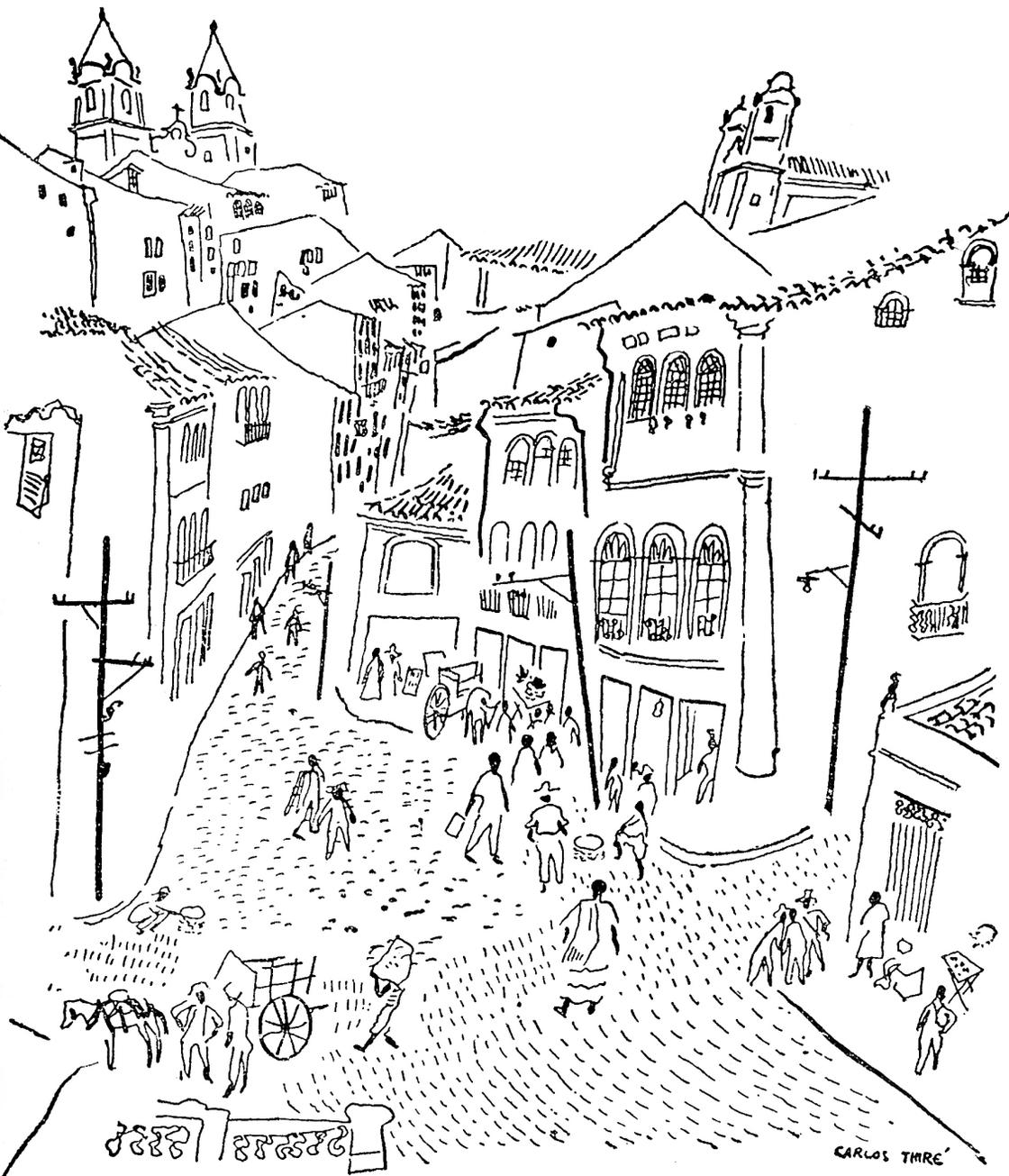
À esquerda, a Biblioteca Pública, uma das mais antigas (fundada em 1811) e uma das melhores do Brasil. Também à esquerda, acha-se o prédio da Imprensa Oficial.

E agora, caro visitante, que prefere: o antigo, o moderno, ou a natureza tropical?

Se gosta das coisas antigas, tome a rua à esquerda. Um pouco adiante da Biblioteca está a Santa Casa. Vale a pena entrar. Mais adiante, o palácio da Cúria. No grande vazio que separa a Santa Casa deste palácio, levantava-se a igreja da Sé, destruída em 1933. Continue andando e chegará à Catedral, no Terreiro de Jesus.

Defronte da Catedral, a Ordem Terceira de São Domingos; à esquerda, a igreja de São Pedro dos Clérigos. A praça menor ao fundo é o Cruzeiro de São Francisco. Aí se encontram o convento, a igreja mundialmente famosa e, à sua ilharga, a Ordem Terceira.

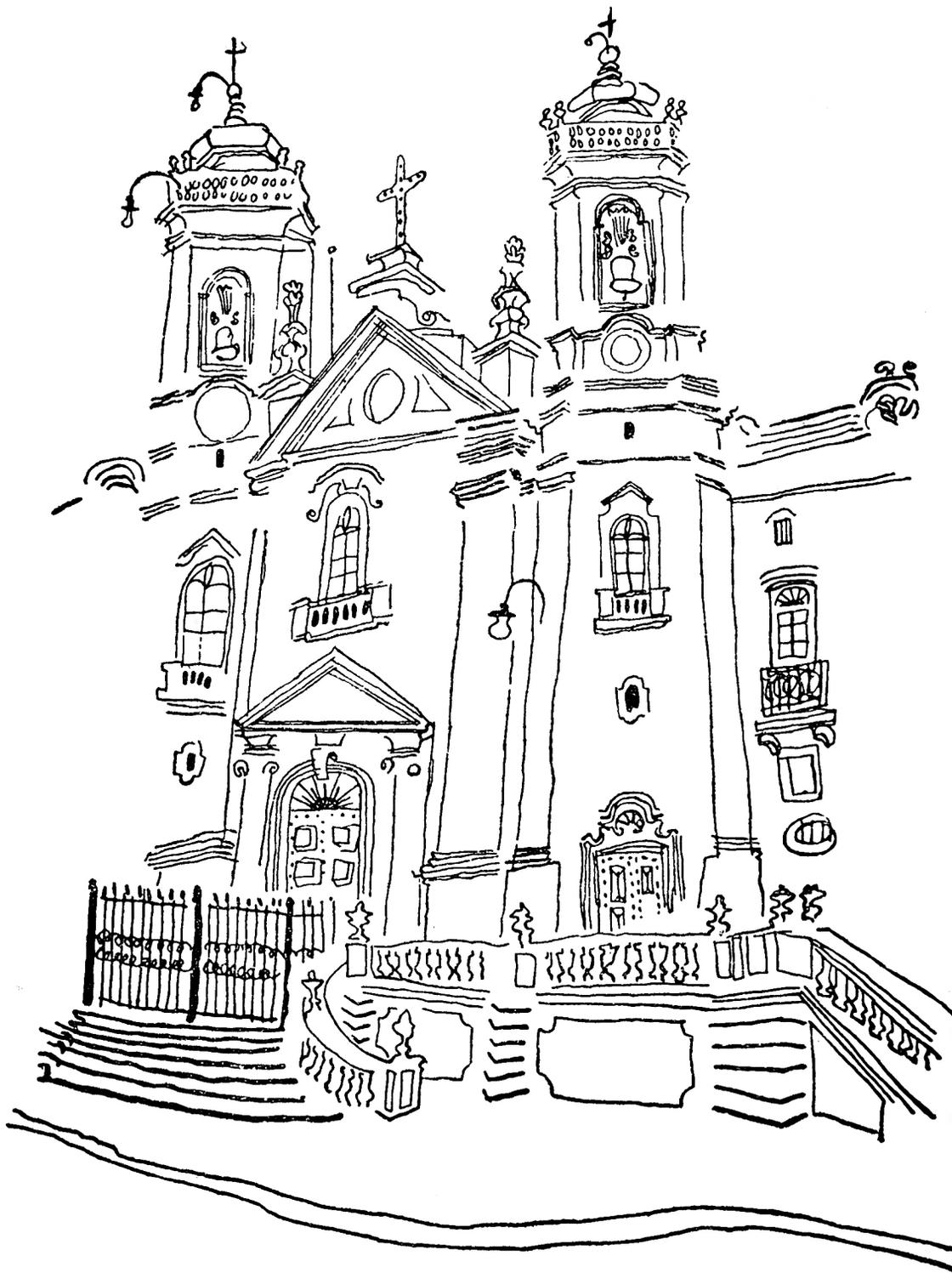
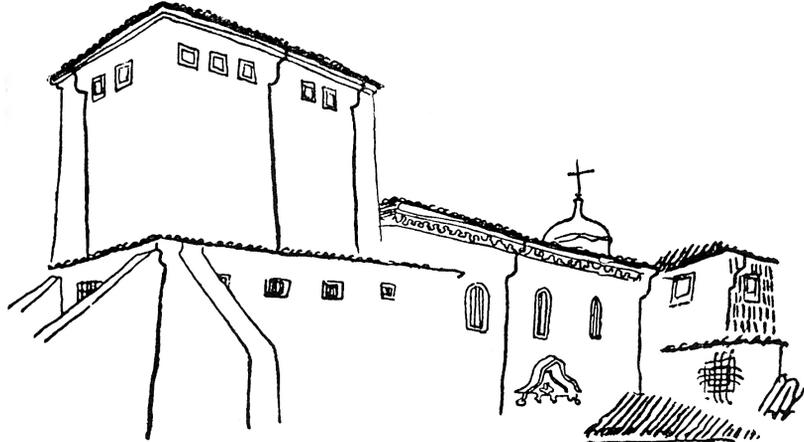
A Bahia colonial, no que tem de melhor, está em volta, no raio de um quilômetro. Desça ladeiras, suba ladeiras. Desça o Pelourinho, suba a rua do Passo. Vá perguntando que lhe ensinam. Passe pela rua das Laranjeiras, pelo Maciel de Cima e pelo Maciel de Baixo. No beco do Mota e na ladeira de São Miguel. Continue andando, descendo e subindo. Apreciando. Sentindo o cheiro de antiguidade que exala de cada saguão. Ninguém o atacará, os cachorros não mordem. Quando se cansar, volte para o hotel, repouse e repita o passeio. Veja se pode ir de noite. É tão dramática a Bahia colonial noturna! Só assim é que se começa a gostar de uma cidade que tem caráter e passado. Da primeira vez, talvez choque.

Se você gosta do moderno, pouco terá que ver. A rua Chile é uma das ruas mais feias do Brasil; sua salvação está nas tentadoras

CARLOS THIRE

mulheres que lá fazem compras. Felizmente é curta; desemboca na praça Castro Alves. Começa então a avenida Sete que compreende: São Pedro, Piedade, Rosário, Mercês, Campo Grande, Vitória, Ladeira da Barra, Porto da Barra, Farol da Barra. Aí tem boate, cinema, sorveteria, churrascaria, brisa do mar, paisagem.

Qualquer bonde que se tomar na praça Municipal ou na praça Cairu levará o passageiro a bairros modernizados. Nalguns com maior frequência, noutros de raro em raro, verá casas antigas e algumas solarengas. São a parte mais digna desses bairros. As edificações modernas são na sua quase totalidade de mau gosto, quando não de gosto hilariante. Diversas custaram uma fortuna.

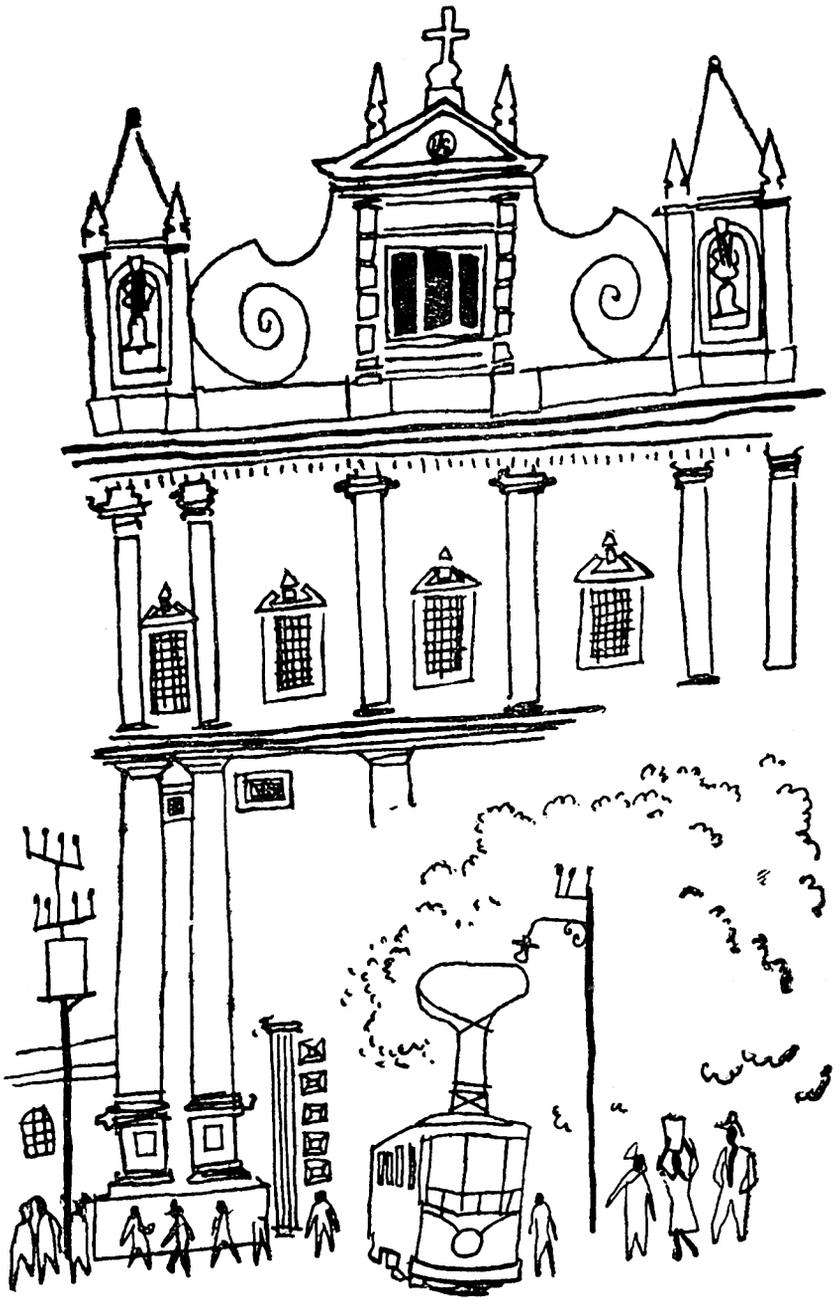
Será melhor, caro visitante, gostar da natureza tropical. Vá diretamente a Itapuã. A estrada inclui, depois do Farol da Barra: avenida Oceânica, Ondina, Rio Vermelho, Mariquita, Amaralina, Pituba, Armação, Chega-Negro, Boca do Rio. Sempre ao longo da praia, um nunca se acabar de praias bonitas. Mas não se meta a tomar banho em qualquer lugar. Pode custar sua vida. Há trechos de puro coqueiral, outros edificados. Chegando a Itapuã, beba sua água de coco. É gostosa e refrescante.

Mas talvez você prefira panoramas. Dirija-se então ao outro extremo da cidade, o farolete de Monte Serrat. Terá toda a Bahia diante de si, uma recordação de majestade que nunca se apagará de sua memória.

ARTES E LETRAS NA BAHIA

IGREJAS

A BAHIA nunca teve 365 igrejas. Uns dizem que Roma tem, outros que Moscou. No máximo teve umas noventa, incluindo as capelas particulares.

A maioria foi fundada no período colonial. Algumas no século XVI, como a Vitória, a Graça, a Ajuda, a Conceição da Praia, São Bento, a Catedral, o Carmo. Não são todas, porém, as que conservam seu aspecto original. As do primeiro século, então, foram profundamente alteradas no decorrer do tempo. Da estrutura primitiva poderão restar os alicerces, paredes indistintas e, no melhor dos casos, como na Graça, a torre do campanário.

Já do século XVII, temos fachadas inteiras, como a da Catedral, a igreja da Santa Casa, o seminário de Santa Teresa, Santo Antônio da Barra, a capela do Monte Serrat.

Do século XVIII é que não faltam exemplares: São Francisco, Ordem Terceira de São Francisco, São Domingos, Bonfim, Santana, Nazaré, Passo, Pilar, Boa Viagem, Penha, Lapa, Rosário dos Pretos, Boqueirão e outras de menor beleza.

A maior parte dessas igrejas pertence ao estilo barroco. Em suas diversas variantes. Desde o severo da Contrarreforma ao vaporoso do rococó. Algumas sofreram a influência do neoclássico. Muitas vezes o exterior é austero e o interior luxuriante, como em São Francisco. Noutras, o interior de talha barroca foi substituído com retábulos ao gosto neoclássico. Era como se trabalhava pelos fins do século XVIII e todo o XIX. Não são maus. O que é horrível são as igrejas góticas, românicas, manuelinas e de estilo duvidoso eretas no século atual.

Pela sua beleza e riqueza, distinguem-se:

BASÍLICAS

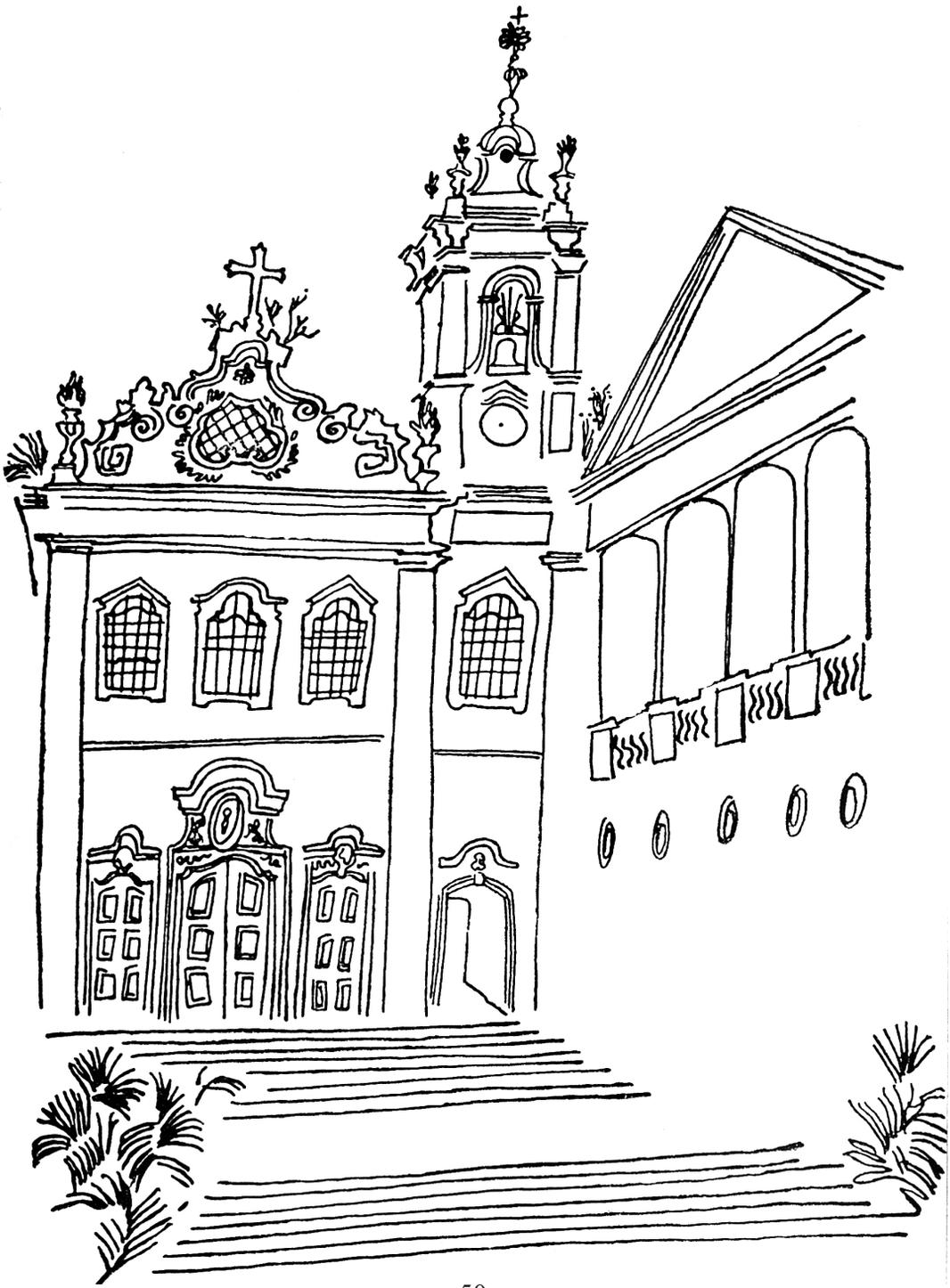
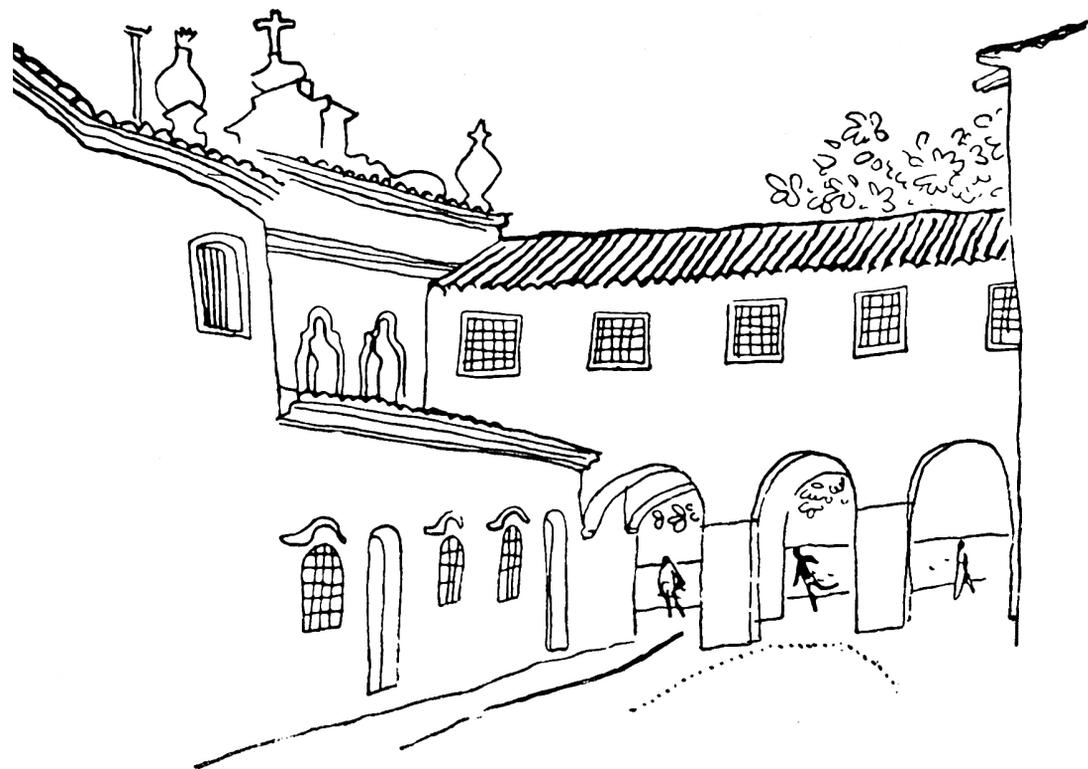
Catedral. Antiga igreja do Colégio dos Jesuítas. Em mármore de Lisboa. Altares de talha dourada, em diferentes maneiras, acompanhando a evolução do estilo barroco entre nós. Suspenso ao teto, imenso sol. Na capela-mor, túmulo de Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil. Sacristia considerada uma das mais belas de toda América Latina. Arcazes monumentais, de jacarandá, tartaruga e marfim, sobrepostos com pinturas em cobre, finíssimas, da escola romana. No forro, retrato dos primeiros missionários da Companhia. Na biblioteca do Colégio, museu de arte sacra.

Bonfim. Principal devoção da cidade. Pinturas da nave de Antônio Joaquim Franco Vellasco, escola baiana. Dos corredores e sacristia de José Teófilo de Jesus, da mesma escola. Sala dos milagres. A rica imagem do Senhor do Bonfim fica no altar-mor. Peça sua ajuda. Não esqueça. E ao sair, bem na entrada, repare nas telas “Morte do Justo” e “Morte do Pecador”.

Conceição da Praia. Outra igreja toda em mármore português. Veio cortada de lá, aqui só se fez armar. Pinturas de José Joaquim da Rocha, maior pintor da Bahia no século XVIII. Observar o forro.

Santíssimo Sacramento da Rua do Passo. Gigantesca escadaria de acesso, cortando de uma rua para outra. Boa pintura do forro.

Pilar. Fachada muito graciosa. Bela sacristia. Ricas alfaias. Boas pinturas.

Boa Viagem. Conjunto muito harmonioso. Sofreu diversas alterações internas. Na capela-mor, azulejos ex-votos da maior raridade. Oferecidos por gente que naufragou e escapou.

CONVENTOS

Carmo. O convento foi cenário de episódio magno de nossa história: a capitulação holandesa em 1625. Igreja consideravelmente alterada. A observar: grades das capelas laterais, cadeiral do coro, frontão de prata do altar-mor, sacrário, imagens da Virgem do Carmo, de Santo Elias e de Santo Eliseu. Sacristia belíssima, uma joia de talha dourada, pinturas e jacarandá. Vista da Baixa dos Sapateiros ou das Sete Portas, a massa do convento do Carmo lembra Toledo.

São Francisco. Ponto mais alto da arte religiosa na Bahia. No convento, o claustro azulejado, repousante como um dia de primavera. Sala do capítulo, pequena, porém preciosa. Uma sacristia bastante rica e uma sala de biblioteca positivamente requintada. Tão requintada que o Itamarati se dignou copiá-la, para sua própria sala. A igreja, mundo

de sombras e ouro, que muito perde quando iluminado. Grades magníficas, pinturas de boa qualidade, uma efusão de talha dourada.

Lapa. Embora do século XVIII, dá impressão de medieval. A igreja é graciosa. Muito difícil de se visitar, pois clausura rigorosa. Na defesa da clausura, foi trucidada, em 1823, soror Joana Angélica, mártir da independência do Brasil na Bahia.

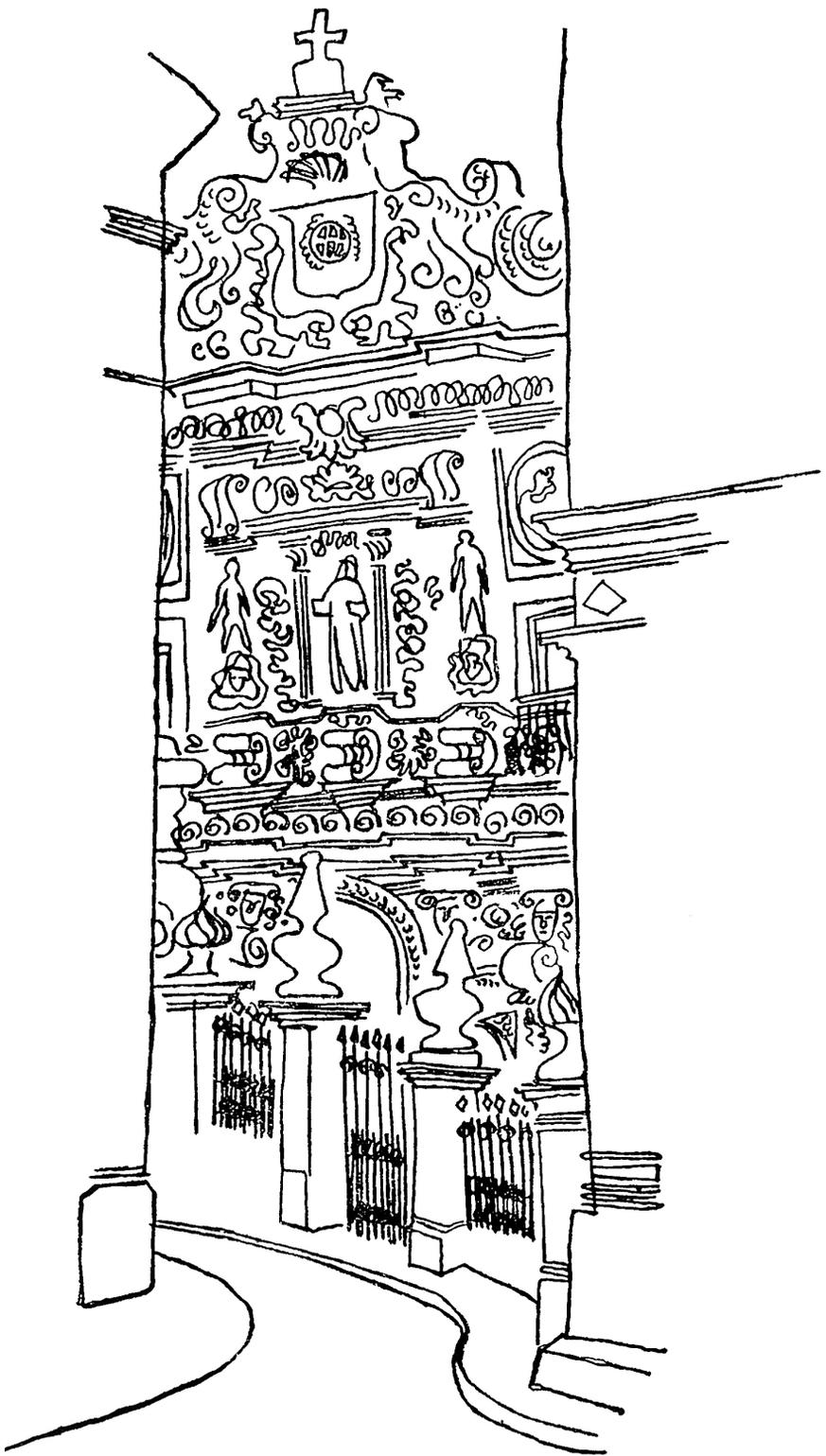
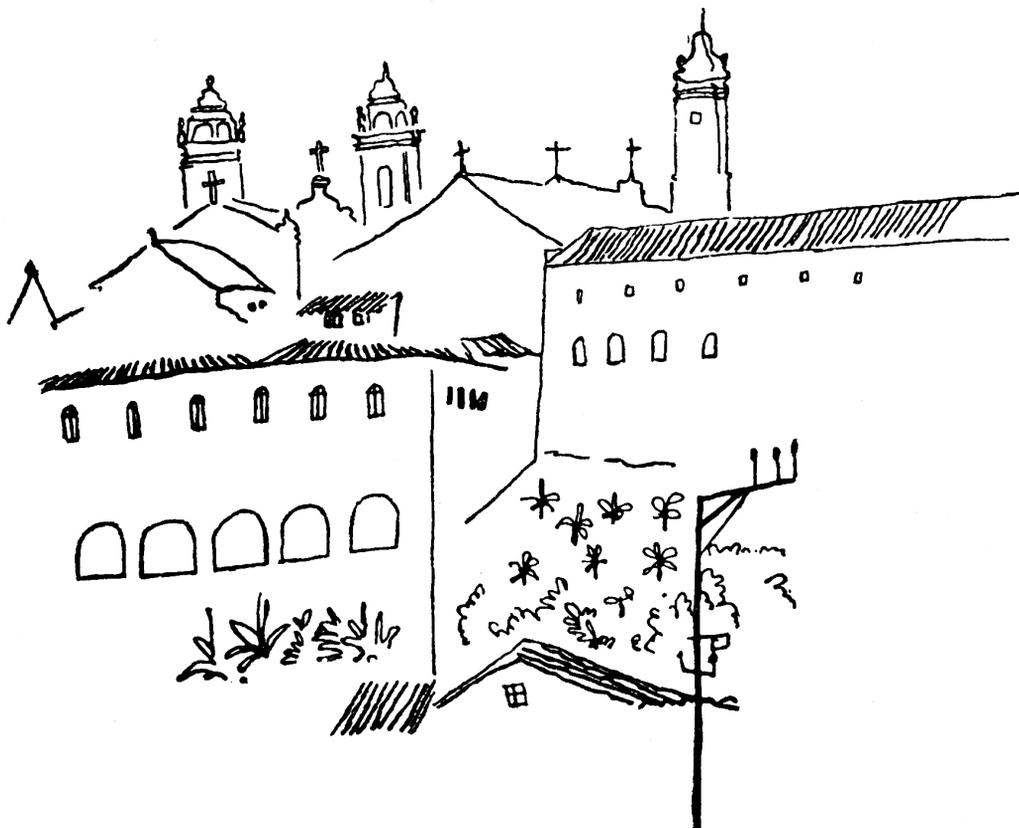
São Bento. Convento e igreja continuam majestosos, apesar das reformas. A igreja é fria; as capelas laterais e paravento evocam o barroco que destruíram. Boas alfaias e muitas peças bonitas, de pintura e mobiliário, tanto na sacristia como em corredores e salas do convento.

Desterro. É o convento feminino mais antigo do Brasil e provavelmente o mais bonito. Tem um relógio colonial, na torre do campanário, que até hoje funciona. Caso único. Toda a redondeza acerta as horas pelo carrilhão do Desterro. A igreja tem dois coros, riquíssimas alfaias, boas imagens. Nos corredores, exposição de arcas coloniais. Duas capelas internas de grande beleza. As freiras tratam com carinho a cela da santa do convento, madre Vitória da Encarnação.

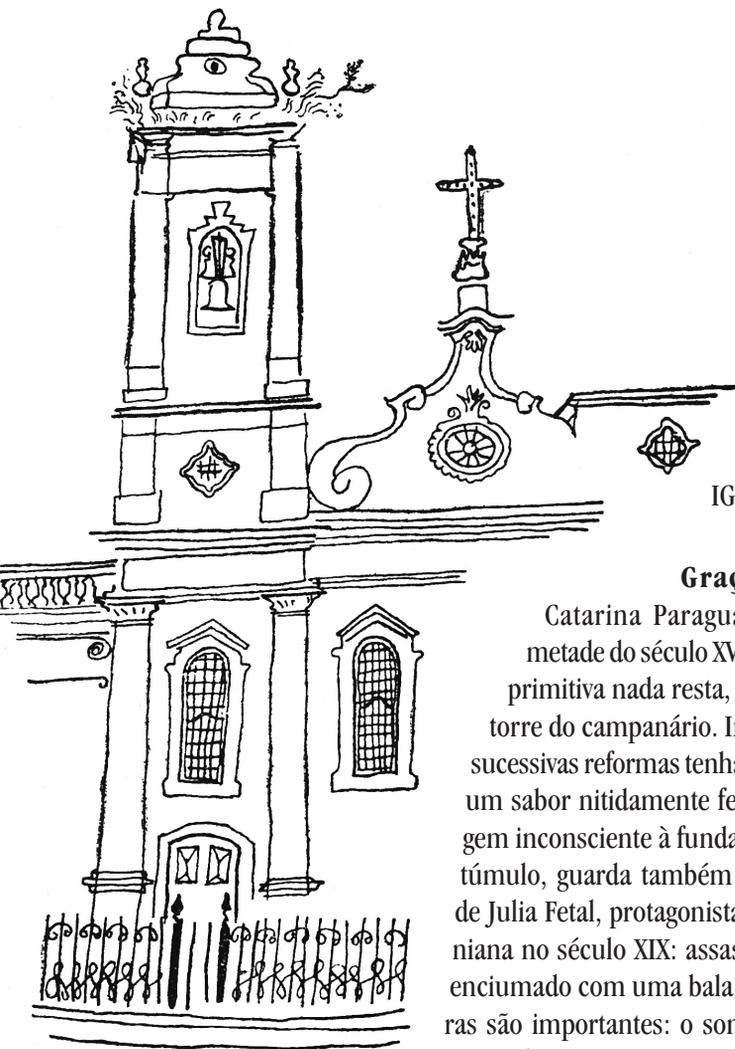
Santa Tereza. Outro convento que dá impressão de coisa medieval, embora seja do século XVII. Seu campanário e fachada formam um conjunto muito original. O claustro, pequeno e severíssimo. Confessionários abertos na própria parede da nave.

Palma. Presentemente, tem mais história do que interesse como arquitetura. Aí já funcionaram o Liceu Provincial, a Faculdade de Direito e o Foro. Na igreja, bastante alterada, merecem atenção as pinturas.

ORDENS TERCEIRAS

São Francisco. Com razão, de todas a mais famosa. A fachada de pedra lavrada, concluída em 1703, não tem similar no Brasil. É como um altar trazido para o exterior. O interior, entretanto, não possui mais a decoração barroca primitiva. Foi substituída com altares de gosto neoclássico. As pinturas são interessantes, de vários artistas baianos.

Carmo. A igreja primitiva incendiou-se pelos fins do século XVIII. A atual é de grande elegância, na escadaria de acesso, no corpo do edifício, nas torres.

São Domingos. Também reformada ao gosto neoclássico. Possui uma mesa justamente famosa e um arranque de escada que é glória da torêutica na Bahia.

Rosário da Baixa dos Sapateiros. Conhecida como Rosário dos Pretos. A outra, dita de João Pereira, fica na avenida Sete, e cometeu-se a insensatez de modificá-la. Os pretos conservam seu velho templo, que é uma das principais atrações da ladeira do Pelourinho. Exterior mais belo que interior. Entrando, observe os azulejos policromados.

IGREJAS

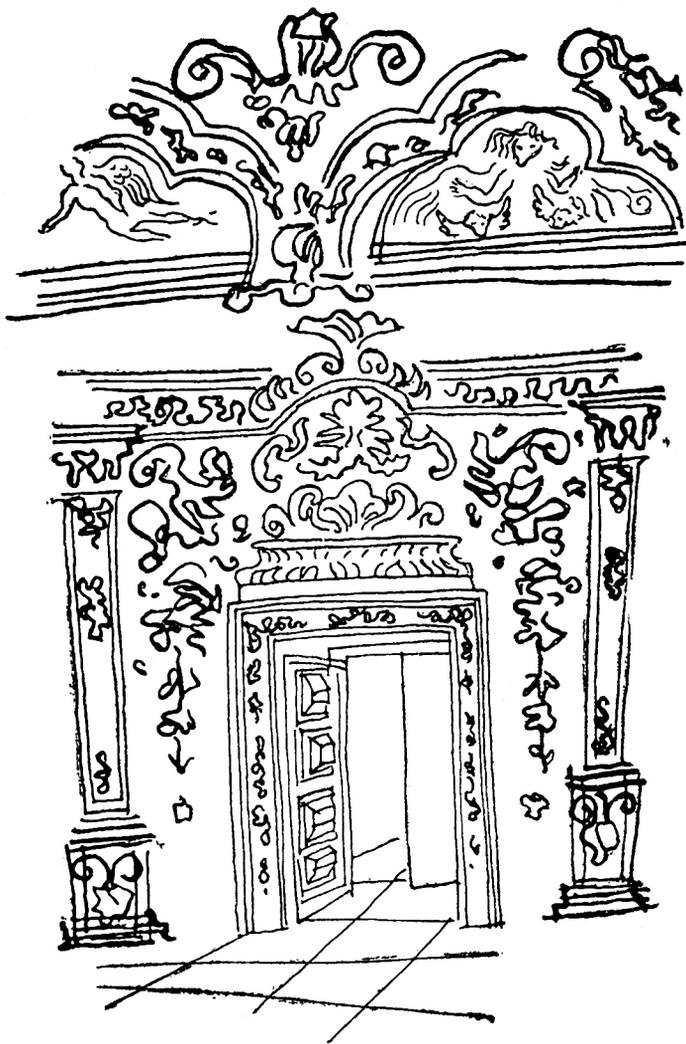
Graça. Fundada por Catarina Paraguaçu, na primeira metade do século XVI. Mas da estrutura primitiva nada resta, a não ser, talvez, a torre do campanário. Interessante que as sucessivas reformas tenham dado ao templo um sabor nitidamente feminino. Homenagem inconsciente à fundadora. Além de seu túmulo, guarda também os restos mortais de Julia Fetal, protagonista de tragédia byroniana no século XIX: assassinada pelo noivo enciumado com uma bala de ouro. As pinturas são importantes: o sonho de Paraguaçu, seu embarque para a França, uma visita do governador geral etc.

Santo Antônio da Barra. Magnificamente situada no alto de colina. Para ser contemplada de fora. Possui também curiosas acomodações de veraneio para clérigos.

Misericórdia. Altares no estilo rococó, que substituíram a obra de talha primitiva. Pode-se ter ideia da severidade anterior, olhando para o forro pintado de caixotões. Sobre o sacrário, grande imagem do Crucificado em marfim. Azulejos na nave, um dos painéis descrevendo a procissão dos Fogaréus em Lisboa. A sacristia é rica. O claustro é bem

proporcionado. Encantador é o lance de escadas que dá para o lado da baía, com seu patamar de três arcos e mármores coloridos.

ERMIDAS

Monte Serrat. O exterior é lírico. O interior aconchegante. Mas não se iluda: é arranjo recente. O altar-mor veio da igreja do mosteiro de São Bento, o forro não era envernizado, os nichos do cruzeiro são de talha moderna. Mas a imagem da Virgem do Monte Serrat é

mesmo a antiga, assim como os azulejos tricromados e as grades. À entrada, duas peças capitais: o São Pedro Arrependido, do lado da Epístola, e a pintura ex-voto de um sertanista, do lado do Evangelho.

TEMPLOS PROTESTANTES

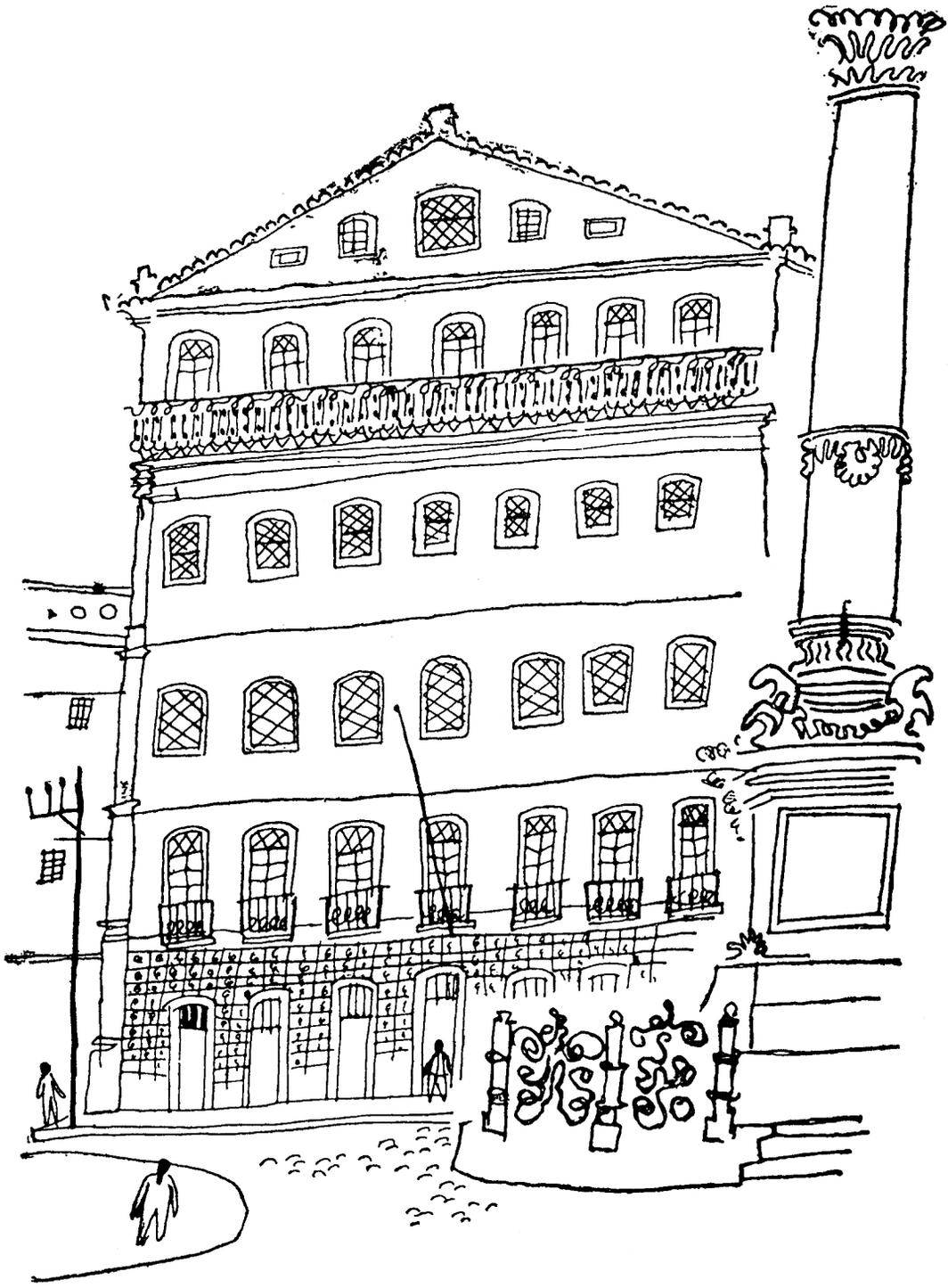
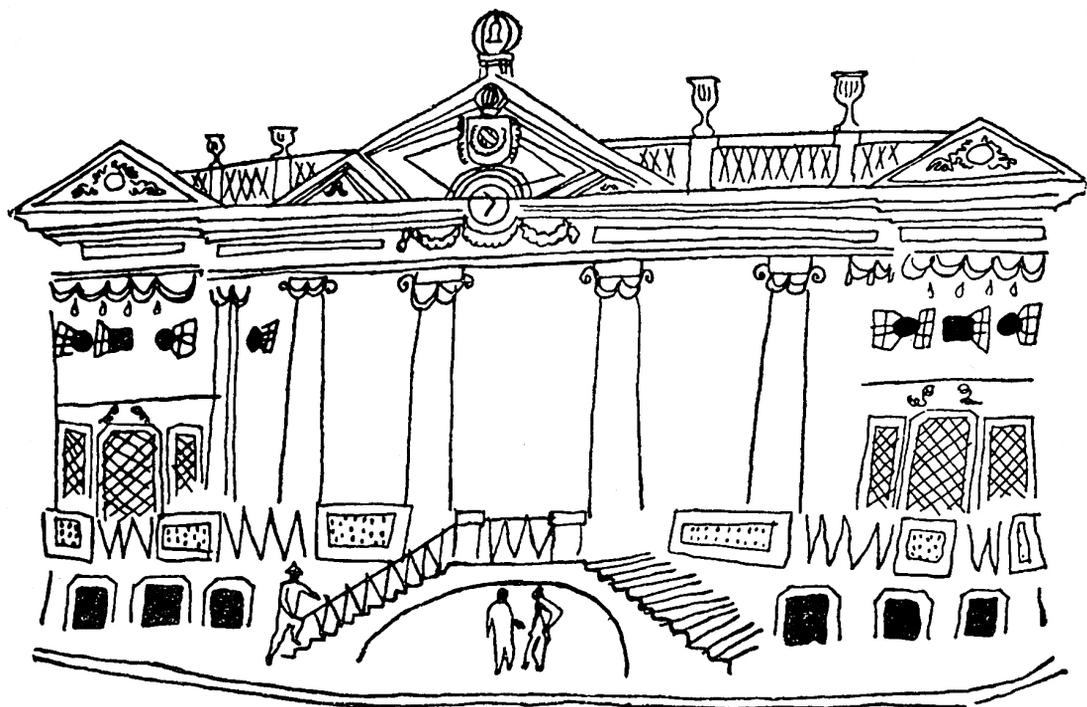
Saint George's Church. É a única manifestação de bom gosto que os protestantes até hoje tiveram na Bahia. Fica no Campo Grande, foi construída na segunda metade do século passado. De estilo neoclássico, da ordem jônica, singularmente tem parentesco com o ossuário da matriz do Pilar, também neoclássico.

PALÁCIOS E SOLARES

Além das igrejas, construíram os colonizadores da Bahia palácios, solares, casas de luxo e casas de simples residência, muitas de porta e janela, que formam o conjunto mais opulento de arquitetura antiga existente no Brasil.

Centenas já foram destruídas ou estupidamente alteradas. Chora-se a demolição do solar Aguiar, ao Canela, onde hoje se levanta o notável Hospital das Clínicas, com as mesmas lágrimas com que se chora a derrubada da igreja da Sé. Mas o que ainda sobrevive dá para se fazer ideia daquilo que a cidade foi, possivelmente a mais simpática cidade barroca do Novo Mundo.

Não resta nenhuma edificação civil do século XVI. Do século XVII o que temos é pouco. O grosso é do século XVIII. Muitos exemplares do século XIX merecem acatamento.

Alguns arquitetos modernos são francos admiradores da competência dos mestres de obras antigos. No que é essencial, para a segurança, conforto e conservação, sempre tinham uma solução adequada, fruto da experiência e da observação, do engenho e da arte.

Dentre o enorme acervo, salientam-se:

Casa dos Sete Candeeiros, do século XVII, futura sede regional da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O brasão de armas na porta principal foi da família Fonseca Galvão.

Palacete Berquó, da mesma época, ocupado pelo Ginásio São Salvador.

Seminário São Dâmaso, de cerca de 1700, transformado em cortiço.

Paço Arquiepiscopal da Sé, do primeiro quartel do século XVIII. Armas na portada de seu edificador, o grande arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide.

Paço do Saldanha, também desse período, atualmente Liceu de Artes e Ofícios. Tem a portada mais importante do Brasil.

Seminário da Jequitaia, do século XVIII, ocupado pelo Colégio dos Órfãos de São Joaquim e em parte pelo Exército.

Palácio de Verão do Arcebispo, também do século XVIII, ligado com passadiço à igreja da Penha.

Palácio do Conde dos Arcos, dos fins do século XVIII, atualmente Instituto Dois de Julho.

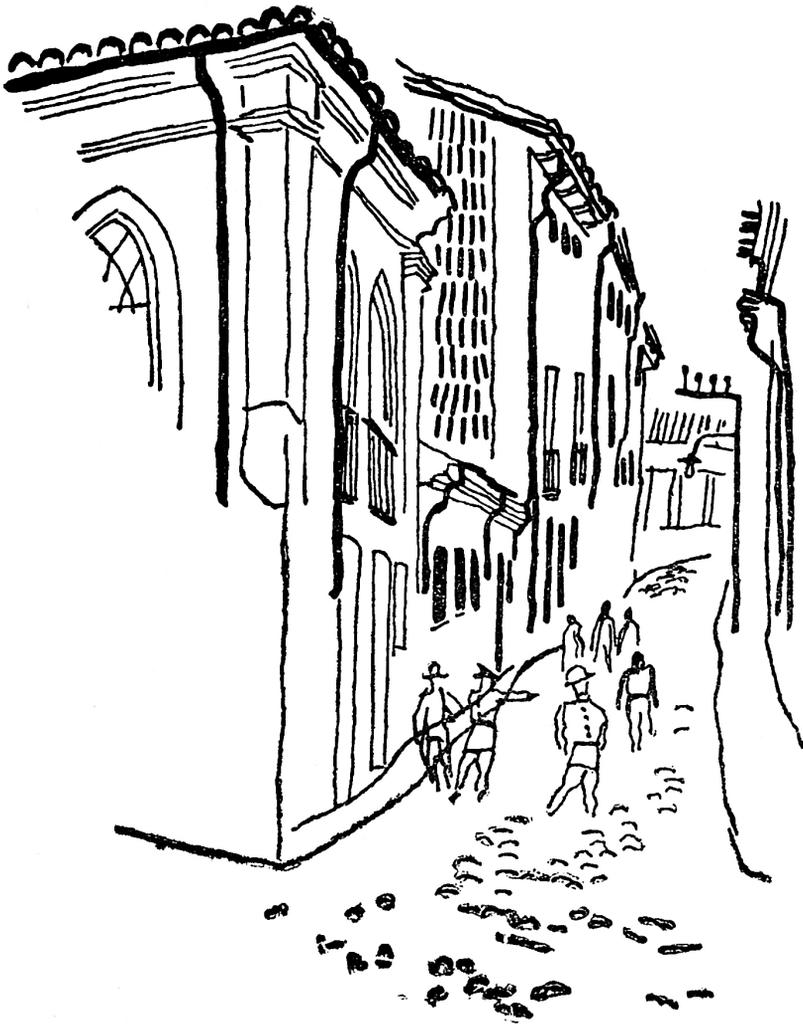
Solar do Barão do Rio Real, de cerca de 1800, onde funciona o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes.

Solar Marback, nome de seus atuais proprietários, também dessa época, à Baixa do Bonfim.

Palácio da Associação Comercial, inaugurado em 1816.

Alfândega, da segunda metade do século XIX.

ARQUITETURA MODERNA

Vai pegando aos poucos. O novo hotel, ao Campo Grande, o edifício Caramuru, na cidade baixa, o teatro Castro Alves, o hospital da Clínica Tisiológica, no Canela, estão abrindo o caminho. Começam a aparecer residências particulares, com especialidade nos bairros de gente endinheirada. Arquitetura moderna na Bahia, por enquanto, só para quem tem recursos.

Para quem gosta de estilo clássico em cimento armado, por mais falso que o resultado seja, temos o Fórum Rui Barbosa, inaugurado em 1949.

Moderno, distintamente enquadrado no ambiente, realmente funcional e discretamente belo: o mercadinho de peixe, no porto da Barra.

As residências em estilo moderno projetadas pelos arquitetos jovens da Bahia já evidenciam uma inclinação pelo ornamento que os diferencia de seus colegas do resto do país, mais preocupados com a questão de espaço.

Quando a "moda" do moderno pegar, com certeza vamos ter tantas preciosidades como as que nos deram o neocolonial, o mexicano, o californiano e outras importações.

ESCULTURA

As melhores peças de escultura da Bahia estão nas igrejas e conventos: são as imagens, desde o tamanho maior que o natural até a dimensão de pouco mais de um palmo.

Algumas são atribuídas ao século XVI. Com data fora de dúvida, conhecem-se diversas do século XVII. Enorme é o número do XVIII. Quando se passa ao XIX, já são sem conta.

A maior parte dessas peças é de autoria anônima. Nem é fácil dizer se vieram de Portugal ou Espanha, ou se foram feitas na Bahia. Como não será fácil estabelecer sua data, com base no estilo. Em pleno século XIX, e até no atual, muito santeiro continuou trabalhando de acordo com a tradição antiga.

Dos escultores coloniais, o mais importante foi frei Agostinho da Piedade, beneditino, que viveu no século XVII. Para admirar seu talento, veja-se o São Pedro Arrependido, na capelinha de Monte Serrat. Igualmente notáveis, porém de acesso difícil, são os bustos-relicários que se encontram no mosteiro de São Bento. Frei Agostinho modelava em barro.

No século seguinte, viu a Bahia nascer um escultor de grande força – Francisco Chagas, o Cabra. Duas obras de seu cinzel bastariam para consagrá-lo: o Cristo da Coluna, na capela interna do convento do Carmo, e o Senhor Morto, na sacristia de sua Ordem Terceira. A formosa imagem da Virgem do Carmo, também de sua lavra, ficou prejudicada com as reencarnações.

De muita fama, porém menos vigor escultórico, apesar de seus rebuscamentos de realismo, é Manuel Inácio da Costa, nascido no XVIII e falecido no XIX. Seu São Pedro de Alcântara, num dos altares laterais da igreja de São Francisco, consta que foi seriamente cobiçado pelo imperador Pedro II, quando de sua visita à Bahia.

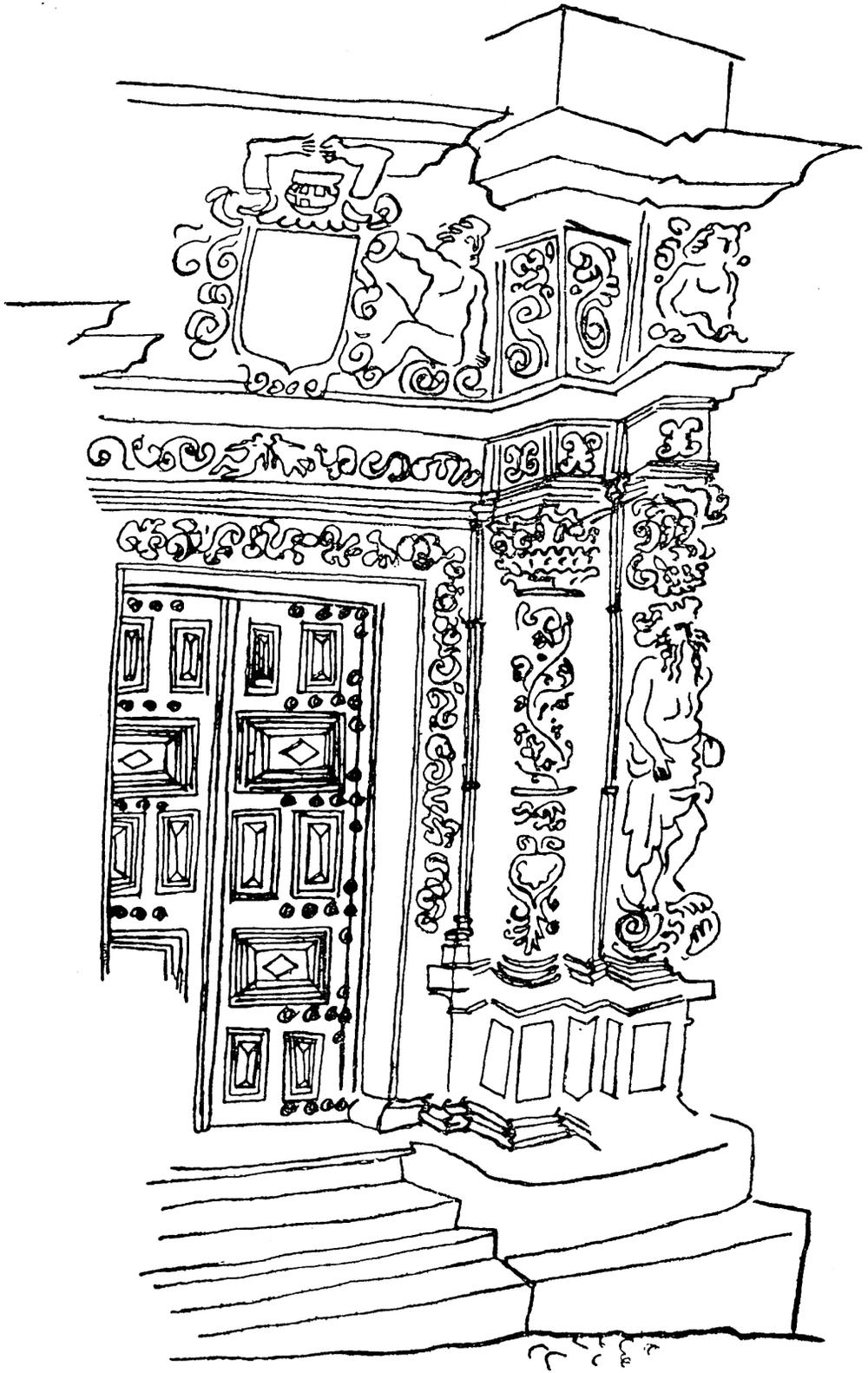
Bento Sabino dos Reis, da mesma época, deixou algumas imagens pequenas, meio corpo, em barro, curiosas. Pode-se apreciar uma, na sacristia da Ordem Terceira de São Francisco.

Outro escultor santeiro de renome foi Domingos Pereira Baião, mas dele nada se conhece do mesmo valor das obras acima citadas.

Observador cuidadoso de nossos costumes, Erótides de Araujo Lopes. Trabalhando em casca de cajazeira, legou-nos uma boa documentação de nossos tipos de rua. O melhor conjunto dessas estatuetas acha-se no Museu Histórico Nacional.

De grande merecimento foram os mestres toreutas que revestiram nossos templos de talha dourada, emolduraram suas pinturas e construíram seus altares. Nome mais conhecido, o irmão franciscano Luiz "Torneiro", responsável pelas magníficas grades laterais da igreja do convento.

Ultimamente, tem-se procurado chamar atenção para as esculturas de origem africana, ou de influência africana, encontradas na Bahia. Sobretudo fetiches. É justo.

***

Nesta matéria, nosso ponto fraco está nos monumentos públicos. Nem um só que seja realmente escultura de classe, e quase todos se caracterizam por uma complicação de símbolos e de fatos que deixa a pessoa confusa. Merecem uma visita:

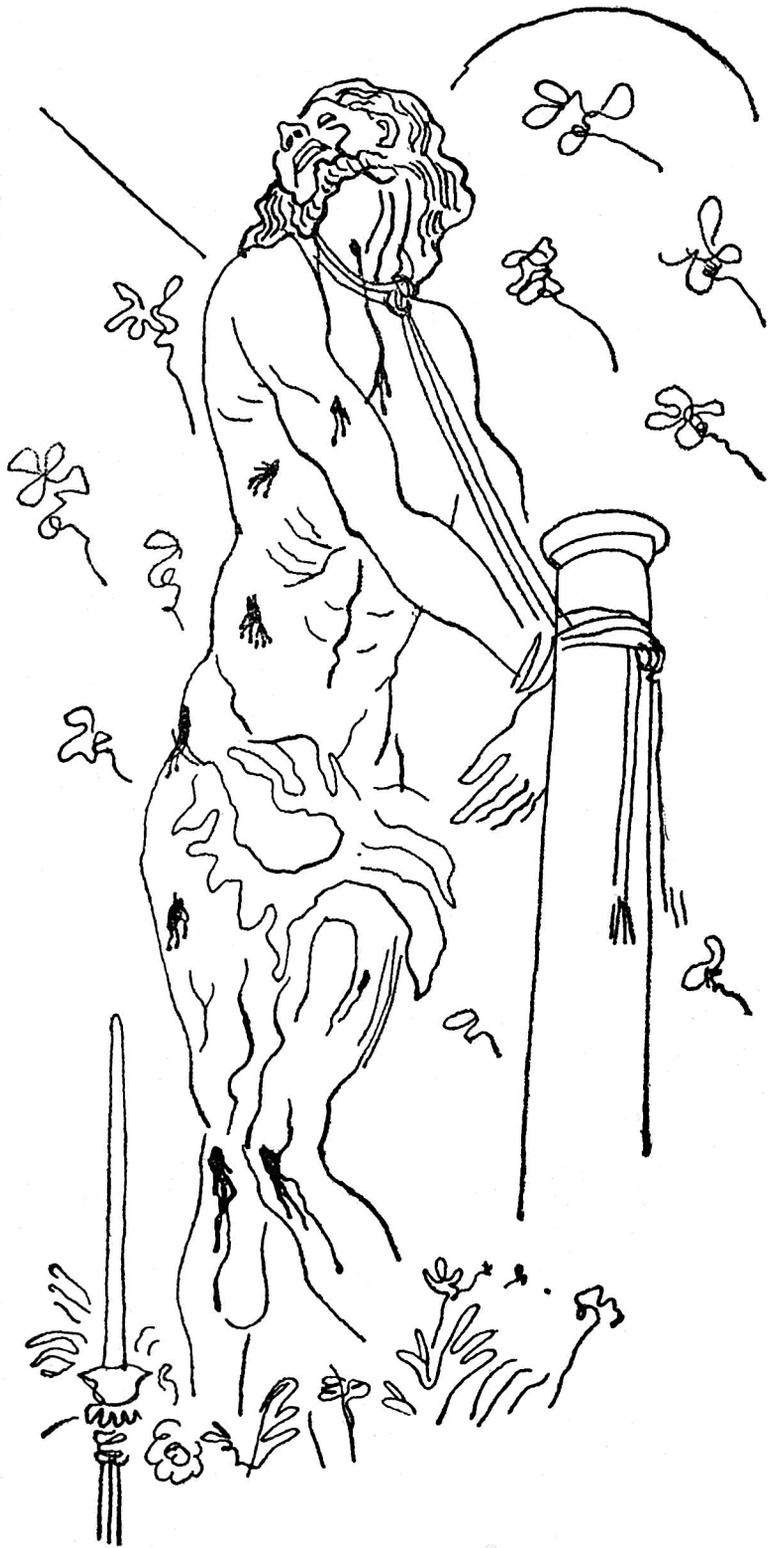
O **Monumento ao Dois de Julho**, comemorativo das lutas da Independência. É grandioso. Feito na Itália, inaugurado nos fins do século passado.

O **Obelisco da Aclamação**. Fazia parte do Passeio Público, e comemora o desembarque da família real portuguesa em 1808. Aclamação é o nome do palácio residencial do governador do Estado, em cuja frente o monumento foi indevidamente posto. Mandado erigir em 1815. É bonito, bem proporcionado.

A **Estátua da Fé**, no cemitério do Campo Santo, sobre o túmulo do barão de Cajaíba. De mármore, obra de escultor alemão do século passado. Trabalho frio, com excelente matéria-prima.

O **Monumento à Vitória do Riachuelo**, em frente à Associação Comercial.

Dom Pedro II, o barão do Rio Branco, Castro Alves, o conde dos Arcos, o visconde de Cairu, Góes Calmon, Luiz Tarquínio, Almeida Couto, Labatut, Julio David, Patterson, Rodrigues Lima, Seabra e outras personalidades de maior ou menor significação, ligadas à história da cidade, receberam a homenagem de estátuas, hermas ou simples lápides. Sempre que possível, os admiradores inauguram mais uma.

Diz o povo, numa tentativa de interpretar a atitude dos monumentos, que Castro Alves pede uma esmola com o braço estendido, ao que lhe responde o barão do Rio Branco com a mão no bolso que não tem trocado, enquanto o Cristo redentor da avenida Oceânica lamenta a falta de caridade.

PINTURA

Rara é a igreja da Bahia que não possua suas pinturas. No forro, nos altares, entre os altares, na sacristia, nos corredores. Não são muitas, porém, as que valham a pena procurar. A maioria tem mais interesse religioso e iconográfico do que propriamente artístico.

As pinturas mais antigas são de regra aquelas executadas em caixotões do forro ou das paredes. Podemos vê-las na igreja da Santa Casa, em São Francisco (na igreja e na sala do capítulo), na nave e na sacristia da Catedral, na sacristia do convento do Carmo. Veio depois o período dos gigantescos painéis de perspectiva, ilusionistas, a demandar artista de muito fôlego, e de que o melhor exemplo é o forro da Conceição da Praia. Outro bom exemplar no gênero acha-se na primitiva sala da biblioteca do colégio dos Jesuítas, atualmente ocupada pelo museu de arte sacra da Catedral. Finalmente, apareceu um tipo de pintura de moderadas pretensões ilusionistas, como que uma grande tela colada no forro. Franco Vellasco e Teófilo de Jesus trabalharam nessa maneira, e os melhores exemplos são de sua autoria: o Bonfim e a Ordem Terceira de São Francisco, de Vellasco; a Ordem Terceira do Carmo e a igreja dos Órfãos de São Joaquim, de Teófilo.

Nos altares, entre os altares, nas sacristias e corredores, deixaram nossos pintores extensa obra. Nessa modalidade, salientam-se pela perfeição: o painel principal do altar-mor da Catedral; os painéis da capela-mor da igreja da Santa Casa; as numerosas telas da matriz do Pilar e da igreja do convento da Palma; as pinturas nos altares laterais do Bonfim.

Fora da decoração das igrejas, embora ligados a instituições religiosas, conta a Bahia com alguns quadros de elevado mérito. O mais importante, provavelmente a melhor pintura antiga da Bahia, é o **Senhor dos Martírios**, do pincel de frei Ricardo do Pilar, no mosteiro de São Bento. Como retrato, impressiona o que Teófilo de Jesus fez do irmão Joaquim Francisco do Livramento, fundador da Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim, e aí conservado. Há muitos

outros retratos de interesse histórico, em diversas instituições: Santa Casa, Ordem Terceira de São Francisco, Câmara Municipal, Associação Comercial etc.

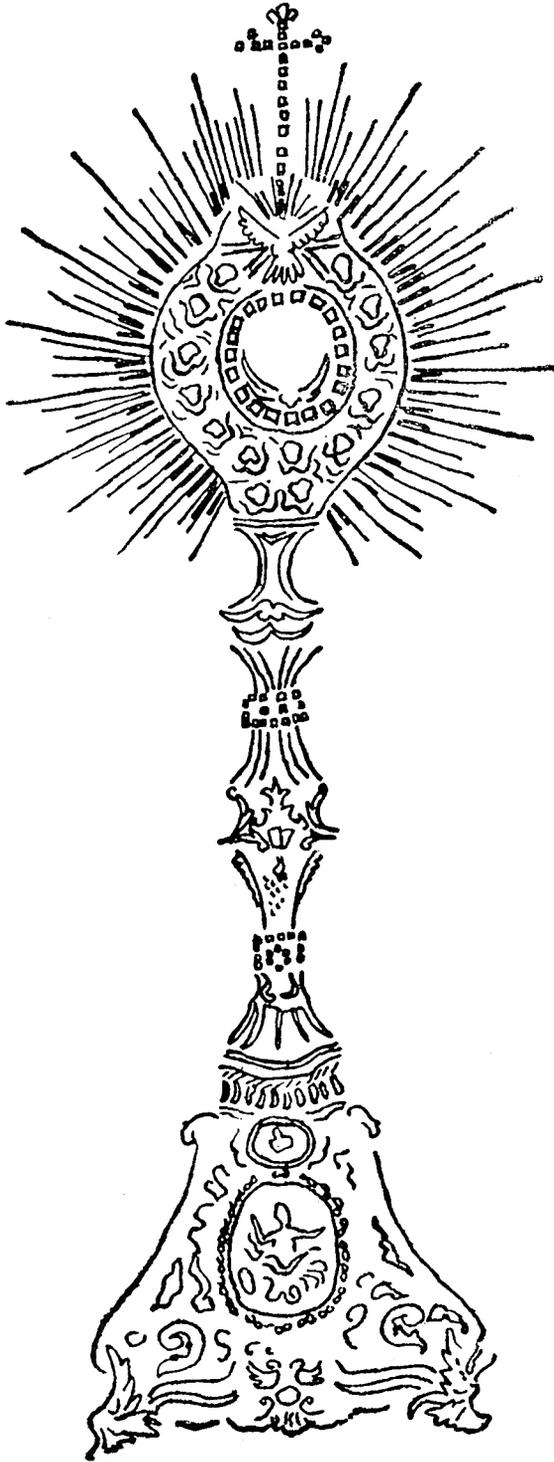
Nossos quadros históricos são todos conjecturais. Favoritos: a **Entrada do Exército Libertador**, de Presciliano Silva, na sala de despacho do prefeito; **Sacrifício de Joana Angélica**, de Firmino Monteiro, no salão nobre do Liceu de Artes e Ofícios.

Fala-se muito numa escola de pintura baiana. Já se disse até que essa escola de início inspirou-se nos azulejos narrativos, como os do claustro do convento de São Francisco, isso lá pelo século XVIII. De positivo e sempre com muitos anos de atraso, os pintores baianos têm reinterpretado, com maior ou menor felicidade e às vezes com certa originalidade, as escolas consagradas do outro lado do Atlântico.

Para estímulo dos artistas e educação do público, o governo realiza anualmente um Salão de Belas Artes, que tem âmbito nacional, aceita todos os estilos e dá prêmios de valor. Inaugurado em 1949. Os primeiros artistas premiados com medalha de ouro foram: Alberto Valença, da Bahia, e Lothar Charoux, de São Paulo.

Nos últimos anos, surgiu um movimento muralista, ainda muito cru, porém revelando uma disposição para trabalhos de envergadura que se diria desaparecida desde os tempos coloniais. Locais: Hotel da Bahia, bar Anjo Azul, escolas do Centro Educacional Carneiro Ribeiro e residências particulares.

OURIVESARIA E ARTES MENORES

Já houve tempo – fins do século XVII – em que tanta prata se consumia na forja dos ourives baianos que as autoridades se viram forçadas a tomar medidas enérgicas contra o desaparecimento das moedas. Era um tempo em que da Bahia se exportavam muitas baixelas para Angola, e de prata se faziam muitos utensílios domésticos para uso local.

No século seguinte, a produção de nossos ourives ainda mais cresceu. Foram instituídos ensaiadores, um para as obras de ouro e outro para as obras de prata, e o registro das marcas individuais.

Apesar da legislação em contrário, escravos sem conta foram postos no ofício, como fonte de renda para seus senhores. Quando, em 1766, foi proibido o exercício da ourivesaria em todo Brasil, 158 oficinas se demoliram na capital da Bahia.

O ofício voltou à legalidade, já no século XIX, porém o número de mestres nunca mais atingiu o mesmo nível. Nem o número, nem sua competência e imaginação.

Ourives notáveis da Bahia: os dois Francisco Vieira (pai e filho), no século XVII; Lourenço Ribeiro da Rocha, Manoel Lopes da Cunha, Domingos de Souza Marques, Antonio Francisco Lisboa e Antonio Coutinho da Cruz, no século XVIII; Boaventura de Andrade, João Bernardo e Manuel Eustáquio de Figueiredo, no século XIX.

É nas igrejas e conventos onde se encontram as peças mais preciosas da ourivesaria baiana. Cálices, âmbulas, osculatórios, caldeiras, gomis e bacias, turíbulos, castiçais e tocheiros, navetas, salvas e bandejas, crucifixos, coroas e resplendores, relicários, custódias. De todas, a mais falada, e com razão, porque feita na Bahia, porque é toda de ouro (inclusive os parafusos) e porque é uma obra d'arte: a custódia das solenidades do convento do Desterro, trabalho de Boaventura de Andrade em 1807. Na matriz do Pilar existe uma coroa de ouro com 140 brilhantes, 29 rubis e 14 esmeraldas, mas é obra portuguesa.

No terreno das joias, além da infinidade de brincos, colares, afogadores, pulseiras, anéis, broches, berloques e outros ornamentos da vaidade feminina, quase em tudo comparáveis aos que vinham da Europa, criaram nossos ourives a penca de balangandãs, para uso das crioulas. Compreende corrente, alça cinzelada com arco dentado, e um conjunto de berloques variados, cada um com sua significação votiva, propiciatória ou de simples recordação: animais, frutas, contas, chaves, ferramentas, partes do corpo humano, pedaços de coral, moedas encastoadas etc.

A ourivesaria moderna, tanto da prata como do ouro, nem chega a ser um pálido reflexo da antiga. Do que se faz, o mais digno de atenção são as imitações das antigas joias de crioula: brincos, correntões, pulseiras e balangandãs. Sobretudo os balangandãs.

***

Das outras artes menores, a única em que a Bahia realmente se distinguiu no passado foi a do mobiliário.

Seja barroco do século XVII, seja no estilo Dom João V, Dom José, Dona Maria, João VI, Império ou Segundo Reinado, os conhecedores logo diferenciam o móvel baiano do de Pernambuco, Minas ou Rio. Nossos marceneiros parece que caprichavam mais na conjugação das curvas e no pormenor dos ornamentos. Suas cadeiras, camas, catres, bancos, mochos, escabelos, cômodas, oratórios, atingem preços altos no mercado das antiguidades brasileiras.

***

A arte da renda e do bordado, que já foi meio de vida razoável para muita moça direita, está praticamente desaparecendo. Consequência da competição industrial.

***

A cerâmica que se encontra nas feiras e mercados da Bahia vem de lugarejos do Recôncavo. Panelas, frigideiras, moringas, alguidares, talhas, porrões, quartinhas, incensadores, cacos de planta, bacias, cuscuzeiros. A forma é funcional e por vezes nobre. A decoração – monocrômica e tão estilizada que se afigura abstrata – costumava ser boa. Agora estão surgindo peças pintadas com tintas de óleo, ainda com certa ingenuidade, mas de gosto inferior ao das outras.

***

Objetos de chifre fabricam-se na Penitenciária. Cuias de banho, espátulas, cornimboques e muitas coisas puramente decorativas: galeras, pássaros, aviões. Revelam jeito e paciência, mas não atingem a categoria de arte menor.

***

Nas zonas de praia, inicia-se uma indústria caseira de colares e pulseiras feitos com búzios. São decorativos.

MÚSICA

A Bahia é uma cidade de natureza eminentemente musical. Cantam as ondas nas suas praias, canta a brisa na folhagem de suas árvores, grandes flocos de nuvem parecem cantar, canta o céu azul.

O povo corresponde. Sempre que pode está cantando: nos jogos de capoeira, nas danças de candomblé, nas rodas de samba, puxando a rede de xaréu, em noites de luar, no trabalho doméstico. Durante o carnaval canta até perder a voz. Já houve tempo, no entanto, em que se cantava mais. Talvez a crescente luta pela vida esteja prejudicando o prazer da música vocal. Com especialidade as modinhas estão desaparecendo.

Antigamente, também se podia ouvir na Bahia a voz de seus campanários. Foi como a denominou o saudoso historiador e folclorista João da Silva Campos, impressionado com a variedade dos toques de sino e a competência dos sineiros. Hoje em dia, tem-se a impressão de que só sabem dobrar finados. E para desmoralização da arte, há capelas, como a do Sagrado Coração de Jesus – pobre Jesus! – que tocam discos de carrilhão.

Também está desaparecendo o gosto pelas bandas de música. Já foram, e não faz muito tempo, motivo de grande atração e de

orgulho local. Ficou célebre o maestro Wanderley, da banda de música da Polícia. Grandes homenagens recebeu. As estações de rádio e os serviços de alto-falantes vão-se encarregando de reduzir as bandas de música a uma quase inutilidade.

O grande intérprete da música da Bahia é Dorival Caymmi. Na música erudita, tivemos Deolindo Fróes, que compôs peças em toda parte apreciadas. Incansável batalhador foi o maestro Pedro Jatobá, fundador da Escola de Música. E uma palavra para aqueles compositores de música eclesiástica, que ainda se pode ouvir em certas festas e novenas.

A Sociedade de Cultura Artística, muito bem dirigida, continua trazendo à Bahia os mais conceituados "virtuoses" do mundo inteiro.

POESIA

A figura de Castro Alves de tal sorte domina a poesia baiana que as duas coisas praticamente se confundem. Abriu ele tão largo crédito que a Bahia ficou para sempre quites com a poesia brasileira.

Na vida quotidiana, porém, a grande vocação da poesia baiana é a sátira. Gregório de Mattos e Guerra, do século XVII, preside o trabalho desses epigramistas, que tanto sabem elogiar com elegância, sem subserviência, como destruir sem piedade, com a mesma elegância. O baiano tem toda razão em se acautelar contra o ridículo. Havendo ridículo, o epigrama está de meio caminho andado. E não demora. Nem o povo esquece.

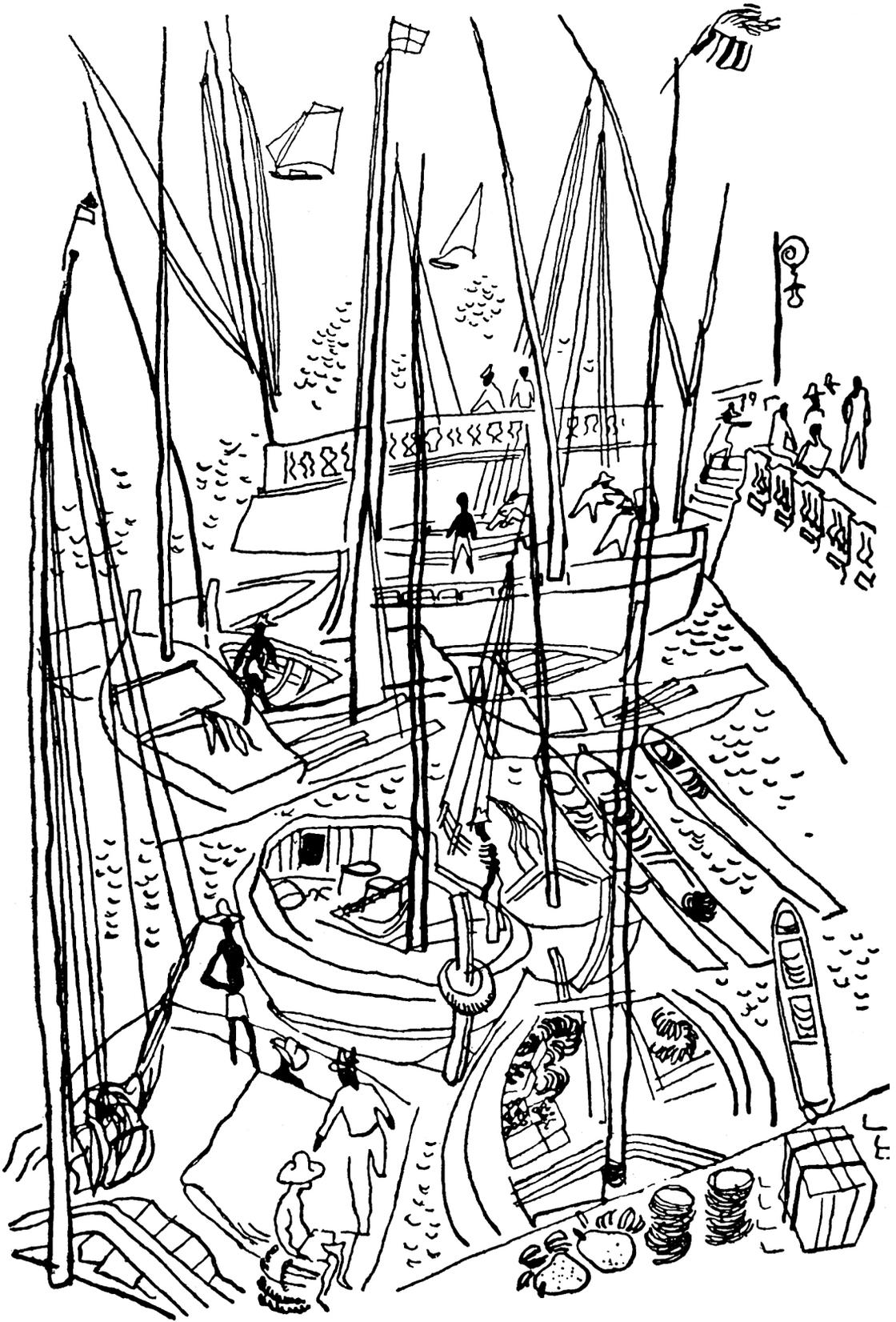
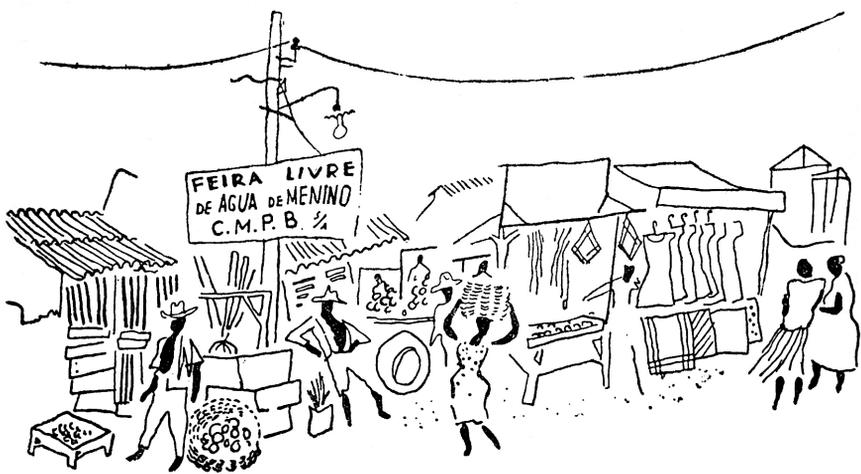
A lira popular, cuja produção é vendida em praça pública e nas esquinas, também se especializa na sátira. Exerce uma função policiadora de alcance, geralmente divulgando as sujeiras de medalhões da política e do comércio. **Cuíca de Santo Amaro**, "astro" mais conhecido, recita ele mesmo suas últimas criações, e assim aumenta a venda dos folhetos.

ESCRITORES

O talento literário baiano pede auditório. Os grandes escritores que a Bahia deu e os que no momento tem, foram e são quase todos oradores excepcionais. Talvez seja mais interessante ouvi-los do que lê-los. E aqui a arte do discurso é melhor cultivada do que noutras partes do país, sem prejuízo obrigatório, como se pensa, da substância do assunto. Quem duvidar que compareça a um congresso interestadual.

O padre Antonio Vieira e Rui Barbosa, como Castro Alves em relação à poesia, deixaram as contas saldadas no campo da prosa.

Bons **romancistas** e **novelistas**: Xavier Marques, Jorge Amado, Herberto Sales. **Ensaístas**, Afrânio Peixoto (também romancista), Eugenio Gomes (também poeta). **Historiadores**, frei Vicente, Jaboatão, Rocha Pita, Acioly, Sacramento Blake, Braz do Amaral, Teodoro Sampaio. **Juristas**, Teixeira de Freitas, Cairu. **Cientistas**, Alexandre Rodrigues Ferreira. **Gramáticos**, Carneiro Ribeiro. Todos escreveram, ou estão escrevendo muito. E sua obra é de repercussão nacional.

Ainda no primeiro quartel do século XVIII, menos de cem anos depois de Richelieu, tivemos nossa primeira academia de letras. Para a época, a moda chegou relativamente depressa. Denominou-se "dos Esquecidos". Décadas mais tarde, tivemos a "dos Renascidos". A atual, "Academia de Letras da Bahia", fundada no corrente século, pelo menos para rimar com as outras, poderia ser chamada "dos Desvanecidos" – Com quê? Com o título honorífico de "imortal", consagrado pela tradição d'aquém e d'além-mar.

BAHIA PITORESCA

PRECONCEITO DE COR

A GRANDE maioria da população da Bahia é de mestiços. De todos os matizes e suas variantes. Na pele, nos olhos, nos cabelos. No entanto a população vai clareando. Existe a expressão "branco da Bahia", adotada por um sociólogo que faz a vida em São Paulo, para indicar sua dificuldade na classificação de nossos tipos.

Já nossos avós diziam que há crioulas de "barriga limpa". Seus filhos, sendo também filhos de homem mais claro, puxam ao pai. Talvez a Bahia seja uma cidade com muitas pretas e mestiças de barriga limpa. Todos notam que marchamos para uma população totalmente mestiça, mas com aparência de branca. Enquanto isso, Rio, São Paulo, Nova Iorque, Chicago, graças à discriminação racial, vão-se enchendo de pretalhões puro sangue. Eles que resolvam seu "big" problema, que o nosso sabemos resolver. E com que satisfação!...

Mesmo assim, sentimento de cor é comum na Bahia. O preto claro se chama de mulato, mulato claro é moreno, sarará passou a louro. Pardo ninguém sabe o que seja. Branco fino se diz

daquele cujas origens e aspecto não dão margem a que se desconfie de mestiçagem. E os que são brancos mestiços não gostam nada de mostrar retrato dos avós.

Mas o preconceito não vai muito além. Verdade que se espera, de um preto ou de um mulato, que enxergue seu lugar. Isto é, alguns sonhadores esperam. Porque a mobilidade social baiana sempre foi estupenda, desde o período colonial. Dinheiro, talento, audácia, até mesmo a simples formosura física, entre nós sempre conquistam as posições mais invejáveis.

Queixava-se uma senhorita: – Meu chefe até parece neto dos escravos de meu avô. Queixava-se em vão. Na Bahia, qualquer pessoa de cor poderá atingir o mais elevado nível social. Elevadíssimo. Apenas terá que demonstrar ser tão bom, capaz e educado quanto se supõe que os brancos sejam.

No tempo da escravatura, circulava a sentença: – Bahia, inferno dos pretos, purgatório dos brancos, paraíso dos mulatos. Ainda continua válida. A única diferença a observar é que o purgatório se acha muito despovoado.

CANDOMBLÉS

No Rio se diz macumba, no Recife xangô. Para todos, porém, é a Bahia a Roma do culto fetichista no Brasil. O lugar onde se pode seguir – e há quem houvesse seguido – um curso de especialização nos segredos da magia negra.

Conhecem-se pais (e mães) de santo que ao morrer deixaram considerável fortuna. Quando faleceu um dos mais famosos – Bernardino do Bate Folha –, seu substituto, que estava no Rio, chegou de avião para assistir aos funerais. E os jornais noticiaram o óbito com os pormenores e seriedade que se usam para um bispo.

Na Secretaria da Segurança Pública existe um registro de todos os candomblés. São mais de uma centena. Nenhum pode dar festa pública sem pedir licença à polícia. Daí a necessidade do registro.

CASA SECULO XX

Consta que o mais antigo é o do Engenho Velho, fundado faz mais de 120 anos.

Fora da competência profissional, que leva tempo para se adquirir, não é preciso muita coisa para se instalar uma modesta casa de candomblés. Há também os afoitos, que entendem de abrir casa sem os necessários estudos e acabam pagando caro pela ousadia. Geralmente no Juliano Moreira.

De maneira direta ou indireta toda a população da Bahia respeita o bozó (feitiço). Na primeira fila estão os iniciados – pais e mães de santo, mães-pequenas, ogãs, ekedês, alabés, filhos e filhas de santo. Vêm a seguir os que não se iniciaram, mas acreditam piamente em tudo. Estrangeiros inclusive. Depois, os que acreditam duvidando, mas, em casos difíceis, logo recorrem à força dos encantados. Seja para obter o que desejam (muitas vezes o marido da próxima), seja para saber o que se acha fora do alcance dos olhos e dos ouvidos. Ainda há os que não acreditam propriamente, mas não se arriscam a desafiar, e finalmente os que na verdade não acreditam nem temem, mas preferem não melindrar a religião dos outros. Frequentemente a religião de amigos diletos, do compadre, da comadre, do patrão ou da família da noiva.

Antigamente, candomblé era assunto dos negros. Hoje em dia, embora continue controlado pela gente de cor, conta com elevado número de pessoas brancas – e até brancos finos – entre seus iniciados. Ainda não apareceu uma mãe de santo ou um pai de santo branco, porém ogãs, filhos e filhas, há de sobra.

Esse organismo poderoso, guardando a tradição africana, está dividido em nações. São como as seitas protestantes: os artigos de fé são os mesmos, as diferenças estão na denominação e métodos de adoração. Principais: queto (*ketu*) (de origem sudanesa-nagô), jeje (idem), ijexá (idem), angola (de origem bantu), congo (idem) e caboclo (produto de mistura local).

A ortodoxia aos poucos se vai quebrando. No passado, em terreiro jeje só se cantava em jeje e para os encantados jejes; queto

(ketu) era queto (ketu), e angola era angola. Presentemente, o distinto e apreciado é a versatilidade: num candomblé adiantado, espera-se que saibam invocar, receber e entreter santos de qualquer nação. De acordo com as nações, os mais importantes candomblés da Bahia são:

Queto (Ketu). Engenho Velho, Gantois, São Gonçalo, Procópio, Vidal, Manuelzinho de Oxóssi, Rufino, Alvinho detrás do Asilo, Alaketu, Vila Flaviana, Antonio Oxumarê.

Jeje. Bogun, Manuel Falefá e Manuel Menezes.

Ijexá. Eduardo, Joana de Ogum, Catita do Ponto da Mangueira.

Congo. Bate Folha.

Angola. Neve Branca, Camilo da Vila América, Miliana da Avenida Artur, Ciríaco da Vila América, Vavá Coice de Burro, André do Engenho Velho, Nanô de Brotas.

Caboclo. Joãozinho da Gomeia, Artur da Amaralina, Constância do Calabar, Cirila da Avenida Camarão.

As principais festas, algumas de data fixa e privativas de certos candomblés, outras móveis, conforme o calendário da casa:

2 de fevereiro – presente da mãe d'água
4 de dezembro – Iansã, Santa Bárbara
Águas de Oxalá – festa que inaugura as atividades anuais
Pilão de Oxalá
Dia de Ogum e Comida de Ogum
Dia de Oxóssi e Comida de Oxóssi
Olubajé de Omulu
Dia de Oxumarê e Comida de Oxumarê
Amalá de Xangô
Os acarajés de Iansã
Os pratos de Nanã
Dia de Exu e Comida de Exu
Dia das Iabás (todos os santos femininos)
Saída das iaôs (noviças)
Dia de dar nome das iaôs

Confirmação de ogã

Dia do fecha (entre a quarta-feira de Cinzas e o domingo de Ramos)

Olorum (ser superior, deus supremo)

Oxalá (pai dos outros deuses)

As principais divindades (em dialeto ketu, que é o mais usado):

Xangô (divindade das tempestades e dos raios, do trovão e descargas elétricas)

Oxóssi (divindade da caça)

Ogum (da guerra)

Omulu (da bexiga e moléstias em geral)

Oxumarê (o arco-íris)

Nanã (mais velha das mães d'água)

Iemanjá (mãe d'água principal)

Iansã (mulher de Xangô)

Oxum (divindade das fontes e regatos)

Exu (dono das encruzilhadas, mensageiro entre os homens e os encantados, e destes entre si)

Ibêji (os gêmeos, encantados de segunda classe, infantis)

Em africano, divindade, encantado, santo de candomblé, se diz **orixá**. No correr do tempo, foram identificados com santos católicos. O cristianismo batizou o que havia de bom no paganismo greco-romano; o candomblé africaniza o catolicismo. Oxalá é o Senhor do Bonfim; Xangô, São Jerônimo, São Pedro e João Batista; Oxóssi, São Jorge; Ogum, Santo Antonio; Omulu, São Lázaro, São Bento, São Roque e São Sebastião; Oxumarê, São Bartolomeu; Nanã, Santa Ana; Iemanjá, a Virgem da Conceição; Iansã, Santa Bárbara; Oxum, a Senhora das Candeias; Exu, o demônio. Noutros lugares de ascendência africana, a identificação é diferente.

O candomblé influi profundamente na vida particular de seus iniciados. A profissão não deve contrariar a natureza do orixá a que se pertence. Mulher fateira é filha de Oxóssi. Quem é de Omulu vende pipocas e acarajés. Quem é de Oxum trabalha de engomadeira,

costureira ou atividade em que se lide com adornos pessoais. E assim por diante.

Ao candomblé deve a cidade um de seus melhores ornamentos: a baiana de saia rodada, blusa e turbante, pulseiras e colares multicores. E talvez o curioso senso artístico de sua população, sobretudo sua inclinação pela dança. Porque não será fácil encontrar um espetáculo mais empolgante do que nos cultos afro-brasileiros, quando os orixás se metem no corpo de seus filhos e os levam a fazer o que bailarinos de carreira não conseguem.

CULINÁRIA

A cozinha baiana é uma das mais importantes do Brasil. Pelo menos a mais famosa. Tão conceituada que no Rio e São Paulo aparecem pratos à baiana e que nada têm a ver com nossas tradições culinárias.

Engana-se quem pensar que o povo da Bahia come diariamente os requintados quitutes de sua cozinha regional. Não haveria dinheiro que chegasse, nos dias apertados de hoje. Nos dias de festa, sim. Geralmente se começa por um vatapá, caruru ou efó, que servem para abrir o apetite, daí se passa a uma moqueca de peixe, de siri mole, ou de ostras, para afinal se chegar ao prato de carne que poderá ser sarapatel, xinxim ou ensopado. Para acompanhamentos, acaçá, arroz, farofa de dendê. E molho de pimenta. Para sobremesa, cocada ou um dos muitos doces em calda. Ou então mungunzá. Frutas? Laranja, manga, mamão, banana, abacaxi, pinha, sapoti.

A constelação da culinária baiana é formada dos seguintes pratos e sobremesas. Baiano que não os conhece – o que é diferente de não gostar ou não ter saúde bastante – só merece desprezo.

Acaçá, acarajé, abará, amoda, arroz de aussá.
Bobó.
Caruru, xinxim, cocada, cabidela, cuscuz.
Efó.

Farofa de azeite, frigideira.

Molhos de pimenta: só com limão, de azeite e vinagre, de nagô e de acarajé.

Moqueca, meninico, mungunzá.

Pamonha.

Sarapatel de porco e sarrabulho de vaca.

Vatapá.

É singular que numa cidade com tantas tradições de cozinha, quase não existam bons restaurantes. Já houve, no entanto, como a "Gruta Bahiana", onde se podia comer do bom e do melhor. Temos diversos restaurantes, tanto na cidade alta como na cidade baixa, onde se serve o chamado trivial internacional. Do ponto de vista internacional, porém, são casas de terceira classe. Quem é pobre come do pão que o diabo amassou. É pão sob a forma de feijoada, cozido, charque com farofa de água e sal, ensopado de ossos e pelancas de carne com farinha. Também se come muita banana, fruta-pão e jaca, que é entupitiva e dá sensação de barriga cheia.

Para comidas baianas, somente um restaurante se pode recomendar: o "São Pedro", da preta Maria de São Pedro, no Mercado Modelo. Nas festas populares de igreja, sobretudo Conceição, Bonfim e Ribeira, é que o baiano ajusta suas contas com o dendê e a pimenta. Nestas ocasiões, verdadeira orgia.

Diariamente, para não perder a educação do paladar, poderá comprar acarajés, abarás e cocadas, no tabuleiro das baianas que adornam certos pontos da cidade. O preço é módico. Para os que são boêmios, ou trabalham de noite, existe ainda o recurso das pretas que vendem comida na rua. Muita gente na Bahia faz sua principal refeição de noite e em plena via pública.

MERCADOS E FEIRAS

Os mercados e feiras baianas são muito bonitos em fotografia e no cinema. Grande riqueza plástica, tanto nas mercadorias

expostas – cerâmica, frutas, mantas de carne seca, cestaria – como nas pessoas que lhes dão vida – possantes negros e mestiços de torso nu, mulheres de saia rodada, adolescentes. Mas são também locais de grande falta de higiene, que muito maltratam qualquer narina menos afeiçoada aos odores picantes.

Mais famosa das feiras, a de Água de Meninos, que é livre e permanente. De fim de semana, temos ainda a da Baixa do Fiscal, a do Porto da Lenha e a do Porto da Barra. Quanto aos mercados, o que há de melhor para se ver é a rampa do Mercado Modelo, onde atracam os saveiros e barcas que trazem mantimentos do Recôncavo. Formam uma floresta de mastros, com o forte do mar, São Marcelo, ao fundo. Vários artistas de valor têm desenhado, pintado e gravado esse trecho realmente pitoresco da Bahia. Quem almoçar no restaurante “São Pedro” gozará da vista todo o tempo.

PESCA DO XARÉU

Outro espetáculo belo e emocionante é o da pesca do xaréu. Primeiro, a coragem dos mergulhadores, que para contar os peixes ou assegurar o bom funcionamento da rede, a muitas braças de fundo, de vez em quando se deparam com cações e tubarões. Depois, a coreografia do arrasto e os cânticos de louvação à mãe d’água.

A rede de xaréu segue o mesmo artifício das gamboas. O peixe entra e não sabe mais como sair. Bota-se rede de xaréu no Chega Negro e em Armação, estrada Amaralina-Itapoã. Antigamente, Armação era o lugar para onde se arrastavam baleias arpoadas. A pesca de baleias já foi entre nós indústria florescente. Atualmente – e alguns entendidos falam numa mudança das correntes marinhas – nem uma só para amostra.

CAPOEIRA

Meio dança meio luta, pena que só se possa ver com facilidade nas grandes festas populares, sobretudo Conceição da Praia. Joga-se capoeira o ano inteiro, em casas especiais, verdadeiras academias do gênero, mas não são no centro da cidade.

Música de acompanhamento a cargo de um berimbau (instrumento de corda que se percute com auxílio de uma moeda de cobre) e de um pandeiro (instrumento de percussão). Toadas de desafio. Formada a roda, os contendores se lançam nas mais incríveis cabriolas, podendo machucar, mas não machucando, fazendo acrobacias dignas de um circo, pilheriando para fazer pouco do adversário, e prestando uma atenção enorme para não se deixar apanhar.

A capoeira pode degenerar em luta de graves consequências, mas isso é muito raro.

É de origem angolana.

FESTAS POPULARES

Dizem que o povo baiano é muito conformado. Nada mais difícil – acrescenta-se – do que irritá-lo. Acostuma-se a toda sorte de abusos, seja da parte do governo, seja das companhias concessionárias de serviços públicos, seja dos senhores dos secos e molhados, dos abatedores, dos açougueiros, dos torrefadores, dos donos de casa de aluguel, seja de quem for.

Procure-se explicação para semelhante comportamento (diz o ditado: "Mais vale uma má acomodação do que uma boa demanda") e com certeza, dentre as muitas razões, ocorrerá a do número de festas populares. O povo baiano dispõe de tantas ocasiões para se distrair que os aborrecimentos acumulados na vida diária de vez em quando encontram uma válvula de escapamento. Enquanto houver todas essas festas, jamais teremos energia para subversões da ordem social.

O ciclo tem início com a Conceição da Praia, na primeira semana de dezembro. É uma festa de novenas, missas cantadas, procissões, barracas de comida, muitas frutas, muita cachaça e rodas de capoeira, quermesses e jogos de azar.

O Natal coincide com a festa da Boa Viagem, miniatura da festa da Conceição. Para os pobres, Natal quase que se resume na Missa do Galo, presépio e uma boa ceia com frutas. A novena da Boa Viagem se encerra com a procissão do Senhor dos Navegantes, no 1.° dia do ano.

A 5 de janeiro, noite de Reis. Comemora-se na Lapinha e já foi um dos grandes espetáculos da cidade. Está em franca decadência, apesar dos esforços das autoridades. Em palanque especialmente armado, dançavam os ternos tradicionais: Cardeal, Arigofe, Bacurau, Estrela d'Alva, Bonina, Bem-te-vi, Robalo. Houve porta-estandartes que deixaram fama para sempre.

A festa do Bonfim tem lugar na terceira semana do mesmo mês. Gira em torno de entusiástica novena ao protetor máximo dos baianos. Associações com o culto afro-brasileiro de Oxalá originaram a lavagem da igreja na quinta-feira. É pitoresca passeata que parte da Conceição da Praia e deve terminar no Bonfim, lavando-se a nave do templo. Deve; não termina mais, porque o arcebispo não dá permissão. O famoso sábado do Bonfim e o domingo em muito se parecem com as demais festas de igreja: comidas, bebidas, ternos, quermesses, namoros, piratarias.

Caráter próprio tem a segunda-feira da Ribeira, logo após a festa do Bonfim. Espécie de pequeno carnaval. Para rodas de samba não há melhor. Também se bebe e come muito, sobretudo melancias.

Enquanto o carnaval grande não chega, tem ainda a festa do Rio Vermelho, com seu bando anunciador. O presente à mãe d'água, a 2 de fevereiro, tem lugar em praia do mesmo bairro.

Carnaval da Bahia só apresenta duas notas curiosas: as batucadas, variadíssimas, e os afoxés. Estes são blocos organizados nas casas de candomblé, com pronunciado sabor africano. Os carros alegóricos, do Fantoches, Cruzeiro da Vitória e Inocentes em Progresso, por

mais dispendiosos que sejam sente-se que o seu tempo já passou. No resto o carnaval baiano consiste numa gigantesca reunião familiar, no meio da rua, milhares de cadeiras nas calçadas da avenida Sete, pais, mães e tios sentados, e a nova geração se distraindo moderadamente.

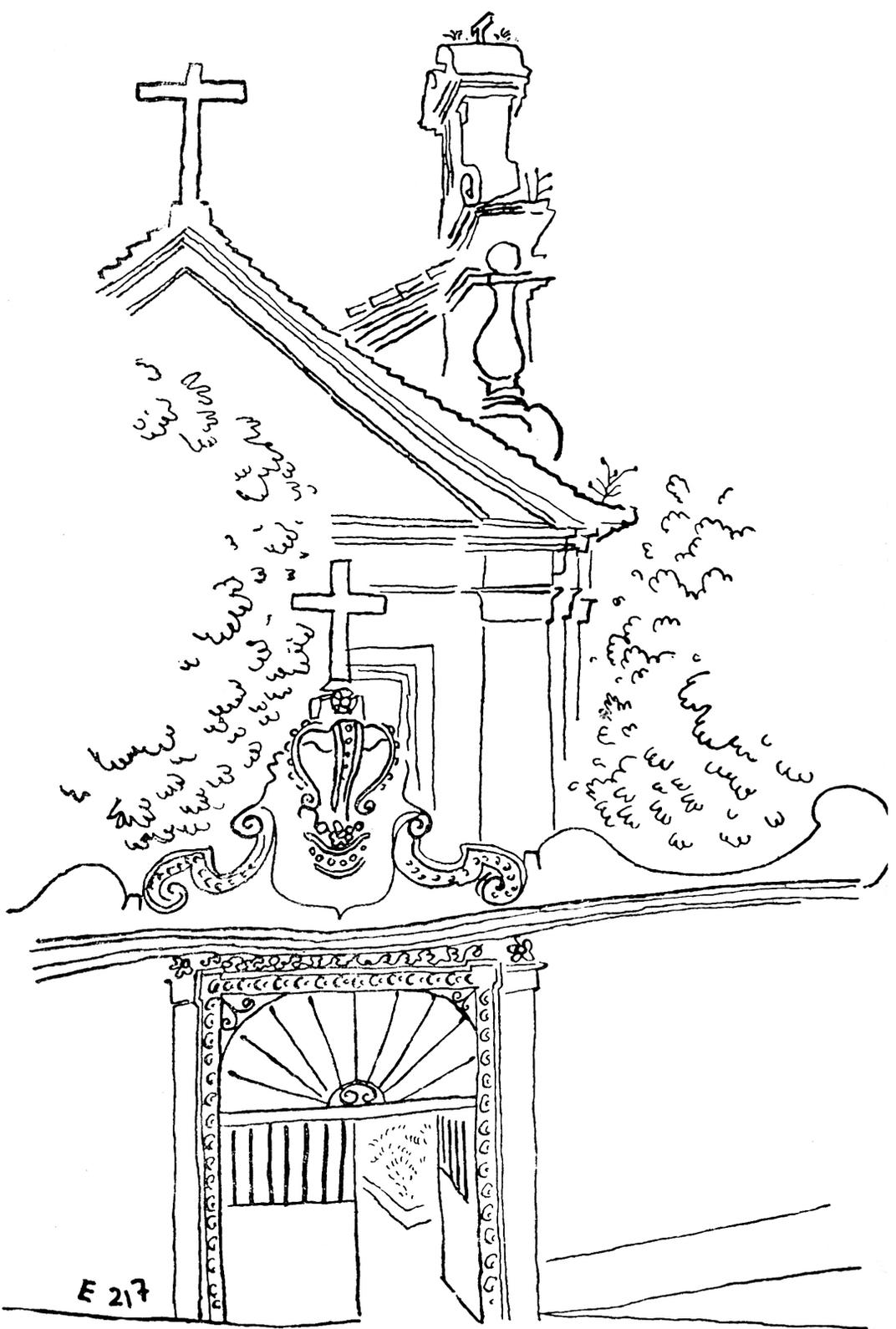
A micareme, reprise do Carnaval no domingo de Páscoa, desapareceu. A trezena de Santo Antônio, no princípio do mês de junho, ainda conta com muitos adeptos.

O São João, dos balões, das fogueiras, dos busca-pés e dos fogos de salão, está sendo transformado numa festa para-bélica. Só se ouvem estouros, como se as crianças se preparassem para bombardeios. Balões proibidos, fogos caríssimos, restam felizmente as canjicas, as pamonhas, os milhos cozidos e o licor de jenipapo. Das sortes que se costumava tirar, só os especialistas em folclore ainda falam.

São Pedro, logo depois, sempre foi um eco das festas de São João.

O Dois de Julho, data magna da Bahia, padece do mesmo mal da festa de Reis. O sentimento popular não vibra mais com o desfile do cortejo cívico, do mesmo modo que não se entusiasma com a passagem dos ternos. As ruas ficam apinhadas de gente, é verdade, porém mais na intenção do namorico, da aventura amorosa ou simplesmente pelo desejo de se confundir na multidão, do que pelo prazer de aplaudir o carro dos caboclos históricos com seus troféus militares, os encourados do Pedrão e outros figurantes das lutas de 1823.

De julho a dezembro, as festas populares baianas entram em férias. As particulares, de grupo, continuam, porém, nos clubes recreativos, nos candomblés. A 27 de setembro, a festa de Cosme e Damião, dedicada mais ao dendê e à pimenta do que aos santos gêmeos.

Se, lá pelo meado de outubro, o baiano estiver muito indignado com os abusos de que foi vítima no decorrer do ano, dentro de poucas semanas começará de novo o ciclo das festas. De tudo se esquecerá e voltará a ser o homem que diz consolado: – Mais vale uma má acomodação do que uma boa demanda.

E 217

OUTRAS INFORMAÇÕES

ESTRANGEIROS

MAIS de 400 anos tem a Bahia de vida portuária. Já houve ano – assim se afirma – com 3.140 navios, sendo 518 vindos do exterior. Presença de estrangeiro não assusta nem impressiona a gente de nosso povo. Certos homens de negócio, com especialidade importação e exportação, e também intelectuais, é que se mostram diferentes. Dir-se-ia que vivem a posar para Paris e Nova Iorque.

Quando o estrangeiro desagrada passa a ser chamado de gringo. É palavra que entre nós se aplica conforme o "inimigo" à vista. Já foi o português. Pode ser o galego da padaria ou do armazém; o judeu da prestação; o alemão racista; o francês astuto, o inglês manhoso, o suíço, o escandinavo; hoje em dia as preferências recaem no americano.

A Bahia muito deve aos estrangeiros. Muitos se incorporaram ao nosso povo. Desde os tempos coloniais. Casaram, constituíram família brasileira, aportuguesaram seu nome. Ou colaboraram para o desenvolvimento de nossas riquezas. Fazendo fortuna, é claro. Outros se dedicaram a trabalhos técnicos ou científicos. Há os que estudaram

nossa natureza e pesquisaram nossos costumes. E os artistas. E os missionários. E os agentes culturais.

Quando estrangeiro morre, estando identificado com a terra e com sua religião, vai para o cemitério do Campo Santo ou das Quintas. Os que não se identificaram e são ricos, depois de embalsamados voltam para as respectivas pátrias; não sendo ricos, vão para cemitérios ou quadras especiais, onde os vizinhos sabem as mesmas orações.

Atualmente, a colônia mais numerosa é a espanhola. Quase todos da Galícia. Dominam os secos e molhados, padarias, confeitarias, joalherias, penhores. A maioria vive com relativa modéstia, ajuntando dinheiro para visitar a terra natal. Não gostam muito de casar com brasileira; preferem casar na Espanha. Mas são muito sujeitos a ligações com mulheres de cor, e povoadores razoáveis. Seus filhos, mesmo os de sangue espanhol, amam o Brasil como a verdadeira pátria.

Temos também a colônia portuguesa, a italiana, a alemã, a suíça, a inglesa, a sírio-libanesa, a americana. E israelitas de diferente procedência e atitude. Desde o impertinente ao negocista, porém humilde, da Bessarábia ou Transilvânia. Possuem sua sinagoga, no Campo da Pólvora, e arremedos de *ghetto* em diferentes secções da cidade; também um sentimento de solidariedade tribal que supera qualquer outro laço.

Não é possível fazer história da Bahia sem consultar o depoimento dos visitantes estrangeiros. Observaram o que nossos olhos, pela força do costume, não podiam ver. Foram muito poucos durante o período colonial, pois as autoridades portuguesas viviam apavoradas com espionagem. Aumentaram ao tempo do Império. Pyrard de Laval, no princípio do século XVII, Gentil de La Barbinais, no XVIII, Tollenare, Mary Graham, Darwin, Spix e Martius, Débret, Rybeyrolles e o príncipe Maximiliano, no século XIX, foram os mais importantes.

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

No princípio eram os jesuítas. Vieram para educar os indígenas, cedo os colonos pediram que também educassem seus filhos. Controlaram nossos estudos até os dias da perseguição de Pombal, 1756.

Estudos mais avançados, a não ser os de Teologia, tinha-se que fazê-los na Europa. Muitos baianos ilustres, dos que ilustram todo o país, seguiram esse caminho.

Em 1808, nosso primeiro estabelecimento de ensino profissional superior: o Colégio Médico Cirúrgico, embrião da atual Faculdade de Medicina; em 1877, a Escola de Belas Artes; 1891, a Faculdade de Direito; 1897, a Escola Politécnica; 1905, a Faculdade de Ciências Econômicas; 1941, a Faculdade de Filosofia. Em 1946, finalmente, a criação da Universidade da Bahia, coroamento de uma obra secular.

Fora da Universidade ainda existem, para a pesquisa científica: a Fundação Gonçalo Moniz, no campo da Biologia; o Instituto Tecnológico; o Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose e a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, incipiente.

O ensino secundário é tão bom (ou tão ruim – talvez seja mais certo dizer) quanto no resto do país. Os estabelecimentos oficiais – Instituto Normal, Colégio da Bahia e sucursais – financiados pelo Estado, são os melhores. Melhores salários, melhor corpo docente, mais rigor no ensino. Jesuítas, maristas, salesianos, ursulinas, sacramentinas e outras ordens religiosas mantêm seus ginásios, alguns já tradicionais, outros disputando a preferência dos pais de família. Com nome de santo, ou de pessoa ilustre, ou de fato histórico, ou denominação puramente indicativa, há muitos estabelecimentos com relevantes serviços prestados à comunidade: Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora de Lourdes, São Salvador, Carneiro Ribeiro, Ipiranga, Dois de Julho, Instituto Baiano de Ensino, Instituto Feminino da Bahia são os mais conhecidos.

No ensino primário, a situação é mais ou menos a mesma. Onde há curso secundário também se ministra o primário. Excetuam-se

as escolas do Estado e do Município. As melhores escolas primárias são também as estaduais. Há muitos anos que suas instalações servem para se aferir a competência e iniciativa dos secretários de Educação.

O governo federal mantém uma Escola Técnica, onde se aprendem ofícios. A Marinha de Guerra, uma Escola de Aprendizes Marinheiros. Há uma Escola da Polícia Civil. Cursos do SENAI e do SENAC. Cursos da Campanha para Alfabetização de Adultos. O Instituto Mauá, para as artes da costura. A Escola Doméstica Kate White. A Escola de Comércio Remington. Dezenas e dezenas de escolas primárias, de datilografia e de corte e costura. Pode faltar educação; escolas é que não faltam.

MUSEUS E BIBLIOTECAS

A Bahia já tem antiguidade bastante para possuir um grande museu, um museu que correspondesse à grandiosidade e riqueza de seus templos, solares e palácios. Infelizmente não possui, nem parece que vá possuir tão cedo.

Atualmente temos os seguintes:

Museu do Estado. Avenida Joana Angélica 198. Instalado em casa residencial da segunda década do corrente século. Em exposição, coleções de arte antiga local e de arte estrangeira vinda para a Bahia no período colonial e século passado. Ênfase nas artes menores. Alguns objetos históricos de importância.

Museu do Instituto Histórico. No prédio do Instituto, à Piedade. De caráter geral, salientando-se a galeria de retratos, os antigos pendões da cidade e diversas relíquias históricas. Na secção etnográfica, a coleção de peças de candomblé.

Museu de Arte Sacra. Na Catedral, no salão da biblioteca do colégio dos Jesuítas. Entra-se pela sacristia, se o vigário consentir. Pinturas, imagens, oratórios, arcazes, fragmentos de talha e de altares da mais respeitável antiguidade. Aí se encontra também a imagem forrada de prata de Nossa Senhora das Maravilhas, diante da qual Antonio

Vieira, quando menino, sentiu o estalo na cabeça, sinal de que sua inteligência acanhada se havia transformado em gênio.

Museu do Instituto Feminino da Bahia. No prédio do Instituto, ao Politeama. Especializado em objetos antigos de uso das senhoras e das crioulas. Tem sua parte didática – etnografia e história natural – para as alunas do estabelecimento. Organiza exposições temporárias interessantes – leques, joias, porcelanas etc.

Museu do Instituto Nina Rodrigues. Na Faculdade de Medicina, entrada pela rua das Portas do Carmo. Dedicado à Medicina Legal, sua principal atração é a cabeça do famigerado bandoleiro do Nordeste – Lampião – e de sua concubina – Maria Bonita – e de alguns de seus asseclas.

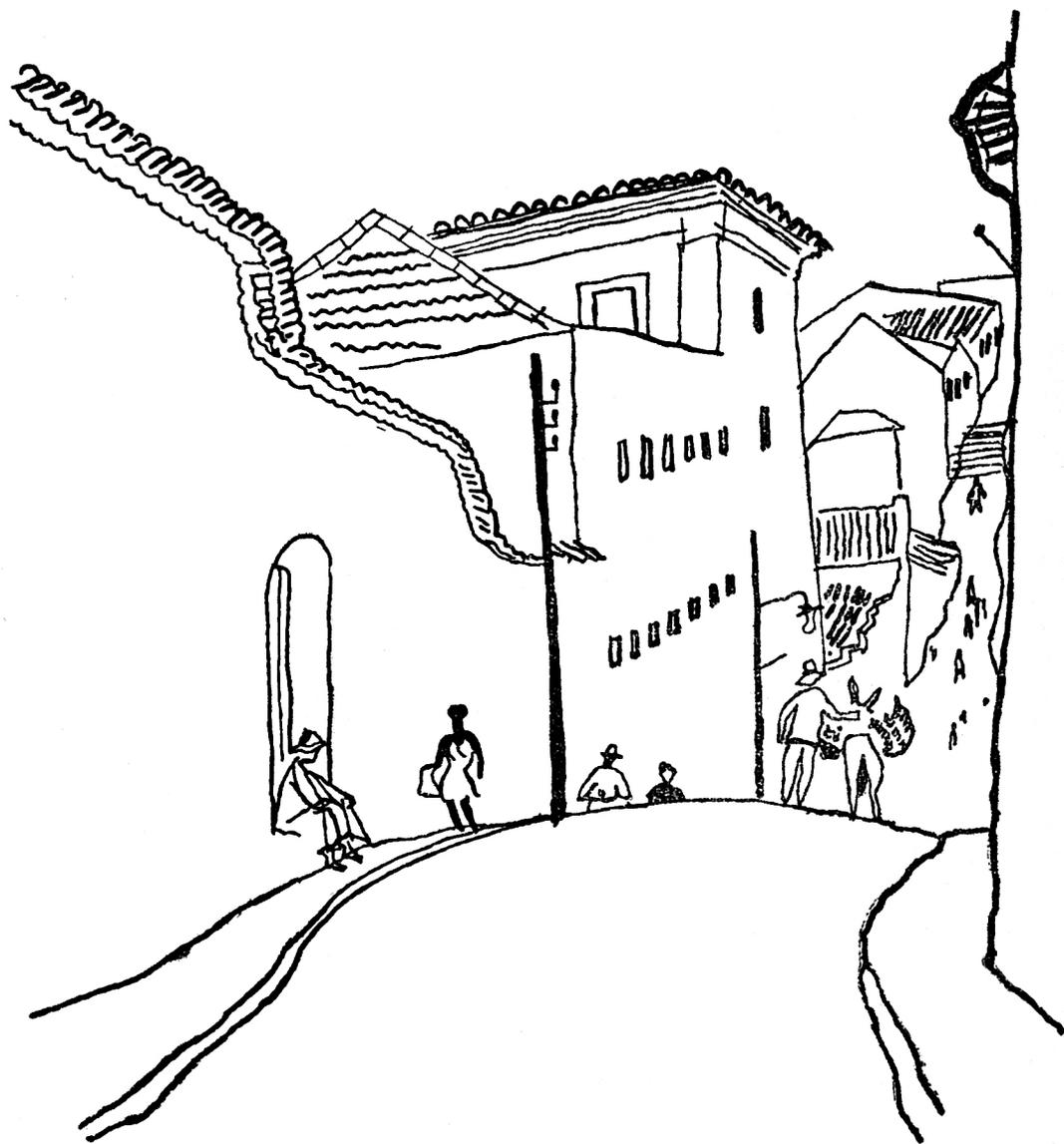
***

Em matéria de bibliotecas, a situação da cidade, se não é a ideal, também não é má. Além da Biblioteca Pública, todas as escolas superiores possuem sua biblioteca, assim como os estabelecimentos secundários de importância. Ainda há as especializadas, como as do Instituto Histórico e do Museu do Estado. As de propaganda cultural, no Gabinete Português de Leitura, Associação Cultural Brasil-Estados Unidos e Aliança Franco-Brasileira. As conventuais, em São Francisco, São Bento, Carmo, Piedade e Jesuítas. A da Academia de Letras etc.

Na Faculdade de Filosofia, funciona uma escola de biblioteconomia.

JORNAIS

O segundo jornal a circular em nosso país foi a **Idade d'Ouro do Brazil**, publicado na Bahia ao tempo do governo conde dos Arcos (segunda década do século XIX). Não durou muito, porém.

O povo baiano é bem conservador em matéria de jornais. Quase não toma conhecimento dos novos, por mais atraentes que se

façam. Até a publicidade segue a tradição: pequenos anúncios só se procuram no **A Tarde**, saída e entrada de navios no **Diário de Notícias**.

O jornal de maior circulação é **A Tarde**, que conhece o gosto de seus fiéis leitores. Gosto bem baiano, aliás: o que é internacional pelo alto, por mais grave que seja; nacional, o que é de sensação; local, tudo que significar mexerico. Seguem-se o **Estado da Bahia** e o **Diário de Notícias**. O **Diário da Bahia**, jornal muito antigo, embora não tenha desaparecido, não está circulando. Já **O Imparcial**, que também tinha sabor próprio, foi vendido e desmontado. **O Momento**, órgão comunista, é lido sofregamente pelos membros do partido. **A Foia do Roceiro**, jornal de crítica, redigido em fala de tabaréu, desfruta de grande prestígio nas classes operárias e até mesmo entre alguns curiosos da elite social.

Em tempo de eleição, surgem diversos jornais de vida temporária: cumprem sua missão e se recolhem até a próxima.

Estações radiodifusoras, temos três: a **Rádio Sociedade da Bahia**, que é a mais antiga, a **Rádio Excelsior** e a **Rádio Cultura da Bahia**, de todas a mais nova.

MISSAS

Quem for à missa das nove em São Bento, ou das dez na Piedade, ficará admirado com o número de pessoas que acompanham o Santo Sacrifício de missal na mão. Há pouco mais de dez anos não era assim: rezava-se pelos livrinhos de missa, com terços e com rosários. O gosto pelo missal foi resultado do movimento litúrgico patrocinado pelos beneditinos. Pregaram e forneceram os meios. Na Tipografia Beneditina da Bahia foi que se começou a editar a tradução brasileira do Missal Quotidiano.

Desde às 5 e meia da manhã que o baiano tem missa para ouvir: em São Francisco, na Piedade, em São Bento. Aos domingos, os que não se satisfazem com missa simples, poderão frequentar a conventual, em São Bento, às 10 horas.

Os sermões, assim como as missas cantadas, é que estão caindo no desagrado. E pensar-se que a Bahia já foi centro de grandes oradores sacros!... Agora – sinal dos tempos – o que se quer é missa rápida.

A figura das beatas, que aceitavam encomenda de rosários pela alma dos mortos, está quase desaparecida. Mais uma profissão que se extingue.

Também se está extinguindo o costume de levar imagens de casa para serem colocadas no altar durante a missa que se contratou. Dava margem a muitos abusos, sobretudo da parte dos fetichistas.

As missas de defunto, mais ou menos luxuosas, conforme as posses da família, continuam sendo pretexto para confabulações políticas, comerciais, literárias, científicas.

PROCISSÕES

Já houve tempo em que, na Bahia, se realizavam anualmente para mais de trinta procissões. Algumas dramáticas, como a dos Fogaréus, na Quinta-Feira Santa, com seus penitentes, suas tochas e lamentações; ou como a do Enterro do Senhor, com soldados à romana, as três Marias e a Verônica (pelo povo apelidada de Maria Beú), anjinhos carregando símbolos eucarísticos e da Paixão, José de Arimatéia e Nicodemus, João Evangelista e a Madalena, o esquife do Senhor Morto. Outras pomposas, como as reais, também chamadas da Câmara, a que compareciam obrigatoriamente os oficiais dos diferentes ofícios. A de Corpus Christi é uma delas.

Nos anos trinta do corrente século, dezessete ainda se organizavam, todas tradicionais. Dessas, algumas já desapareceram; em seu lugar, têm surgido procissõezinhas que procuram estimular devoções novas. E que atrapalham consideravelmente o trânsito.

Das antigas e conhecidas, e sobreviventes, as que mais tocam o coração devoto da gente simples da cidade são: a do Enterro do Senhor, na sexta-feira da Paixão, que sai da Ordem Terceira do Carmo, vem

ao centro da cidade e retorna; e a do Senhor dos Navegantes, procissão marítima, no primeiro dia do ano, da igreja da Boa Viagem para a Conceição da Praia, ida e volta, a imagem do Senhor em galeota especial.

JARDINS E O DIQUE

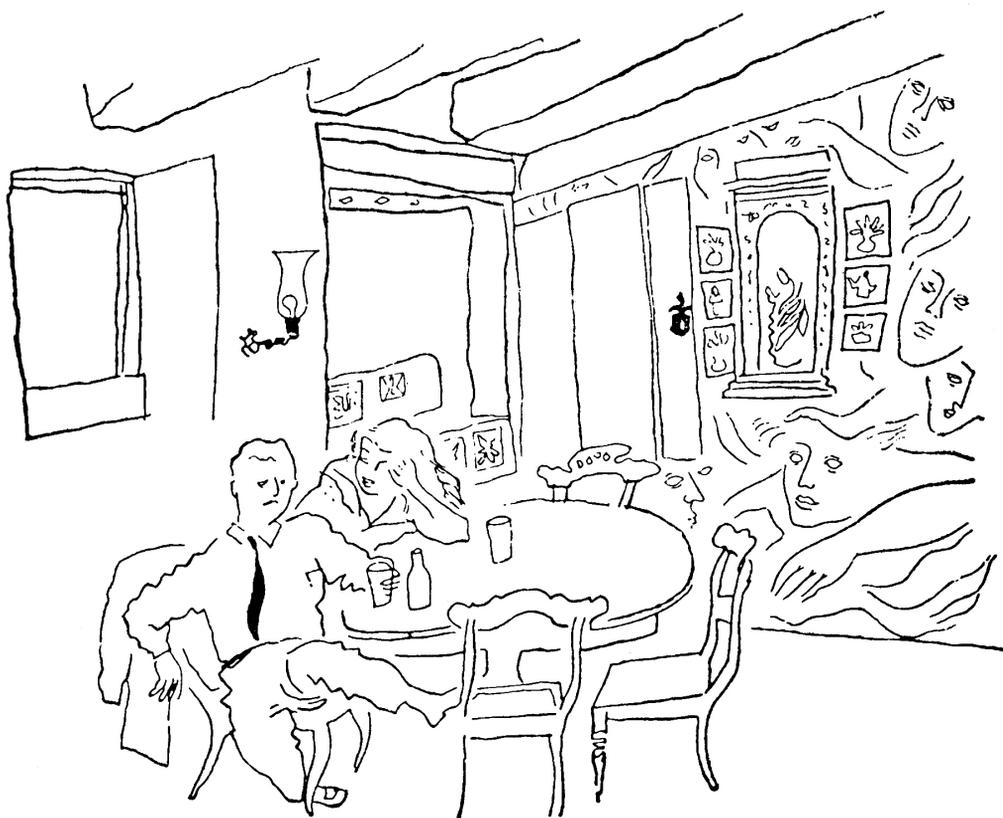
O mais antigo é o do Passeio Público, por detrás do Palácio da Aclamação. Poderia ser também o mais bonito, não fossem algumas reformas de mau gosto. Muito procurado pelos casais de namorados, à noite é realmente estimulante, com seu arvoredo, suas sombras, a vista sobre o mar, o silêncio.

O Campo Grande, onde se ergue o monumento ao Dois de Julho, foi plantado nos fins do século passado. Espaçoso, de aspecto nobre, árvores nativas e estrangeiras formando um conjunto harmonioso. É o melhor jardim público da Bahia.

Os jardins da Piedade, Terreiro, Campo da Pólvora e Nazaré têm passado por consecutivas transformações. Terreiro e Campo da Pólvora já foram enquadrados na estética amebiana, essa que desenha canteiros inspirados nos protozoários. A Piedade é catita. Nazaré ainda conserva certa dignidade.

Noutros pontos da cidade – Barris, Madragoa, Papagaio, Santo Antônio, Lapinha – há jardins públicos de menor fama, mas todos prestando seu bom serviço à população.

Nenhum local se prestaria melhor para um ajardinamento do que as margens dos vários diques que contornam a cidade. Tanto os do Tororó – o grande e o pequeno – como os do Tanque do Meio e Tanque da Conceição, e o que fica ao norte da estrada da Liberdade. Os primeiros são lagoas que primitivamente serviam à defesa interna da cidade; com o tempo se viram diminuídos pelos aterros. Os outros, represas construídas no século passado. Mas junto aos diques só mora a pobreza. Muito se terá de esperar até o dia em que compreendam as despesas para seu embelezamento.

Jardins particulares, residenciais, vale a pena procurar o pouco que resta do século passado. Com seus bancos de concha, urnas e figuras de cerâmica do Porto, transpiram melancolia. As mangueiras e outras árvores frondosas conseguem atenuar o gosto duvidoso dos jardins particulares modernos.

CLUBES RECREATIVOS E CABARETS

O baiano preocupado com sua projeção social deve pertencer pelo menos aos quadros do Bahiano de Tênis, ou da Associação Atlética, ou do Iate Clube. É onde se reúne a melhor sociedade da terra, o que quer dizer, onde as senhoras se vestem com mais elegância e os cavalheiros bebem com mais ardor. Cada um desses clubes tem seu baile de carnaval famoso, quando muita coisa acontece. Sábado na Associação, domingo no Iate, segunda no Bahiano. Outra festa animadíssima é a do *réveillon* no Bahiano.

Clubes da classe média são o Fantoches da Euterpe, o Cruzeiro da Vitória, o Comercial, o Inocentes em Progresso. Todos promovem festas notáveis, com especialidade durante o carnaval.

A colônia espanhola já possui seu clube próprio, revelando um gosto pela dança surpreendente. Também os sírio-libaneses. Há o Círculo Militar, onde os oficiais das forças armadas se divertem mais à vontade. O Clube Inglês, onde se bebe muito bem. Recém-fundado, o Cajazeiras Country Club, para os amadores do *golf*.

A gente do povo tem muitos clubes, em vários lugares. De todos o mais falado é o Palmeiras, na Barra Avenida, conhecido pelo seu elevado padrão moral (lá ninguém cheira éter nas festas de carnaval) e pelo seu rigor na admissão de sócios: só para empregados, operários, motoristas, em suma, pessoas de condição humilde.

Quem é boêmio e dispõe de recursos encontrará no cabaret Tabarís um bom centro de diversões: boa orquestra, mulheres bonitas e bem educadas, e que dançam bem; só a bebida é que é cara demais. Os boêmios pobres têm de valer-se do Belvedere ou de outros lugares ainda mais brabos. O Rumba Dancing, onde se paga por cada valsa, samba ou foxtrote é um sumidouro de dinheiro.

ESPORTES

Neste ponto a Bahia é como o resto do Brasil: o futebol constitui verdadeira mania. Times da primeira divisão: Bahia, Galícia, Ipiranga, Botafogo, Vitória, São Cristóvão, Guarani. Decano, o Vitória, que há mais de quarenta anos não consegue levantar um campeonato. Benjamin, o São Cristóvão, que se vem especializando em derrotar o Bahia, de todos os conjuntos o mais forte.

Esporte que entre nós já teve muitos torcedores, mas que agora passou a segundo plano, é o remo. As regatas se realizam na enseada da Ribeira. Os tradicionais adversários: Itapagipe, Santa Cruz, São Salvador, Vitória.

O basquete e o voleibol, o primeiro muito mais que o segundo, têm numerosos aficionados. Natação, equitação, atletismo e outras modalidades de cultura física possuem também seus devotos.

O belo estádio da Fonte Nova, em vias de conclusão, certamente trará mais animação ainda à prática dos esportes.

BARES E CONFEITARIAS

No gênero comum, a Bahia tem muitos bares, sorveterias e confeitarias. Basta andar pela cidade para encontrá-los – Perez, Triunfo, Chile, Mimosa, Alameda, Colón, Jundira, Silva, Azevedo, Palácio do Chopp etc.

De original, porém, apenas possui um, e que é meio-escondido: o Anjo Azul, à rua do Cabeça 34, criação de um grupo de artistas e escritores modernos. Acha-se decorado com pinturas murais novas e fragmentos de escultura colonial, que se combinam bem. Muito falada, é sua Madona em tiras de ferro. O ambiente é íntimo e repousante. Bebidas de confiança. Na porta, até as sete da noite, uma baiana autêntica vende abarás e acarajés feitos ali mesmo, na hora.

CINEMA E TEATRO

Como no resto do Brasil, os filmes exibidos na Bahia são na maioria de procedência americana. Convenientemente aparelhada para nosso clima, ou seja, com ar refrigerado, somente uma casa: o **Cinema Excelsior**. Os outros, também chamados de primeira linha, são o **Liceu**, o **Glória**, o **Oceania** e o **Jandaia**. Não menos frequentados são os da segunda linha, **Aliança**, **Liberdade**, **Popular**, **Itapagipe**, **Santo Antonio**, **Roma** e **Pax**. Estes dois últimos são os de maior lotação da cidade.

Para filmes selecionados, as exibições quase semanais do **Clube de Cinema**. Aí o filme europeu de categoria goza de mais prestígio do que nos cinemas comerciais. Tem o clube cerca de mil associados.

Teatros, em construção o **Castro Alves**, de arquitetura moderna arrojada; em funcionamento, o auditório do **Instituto Normal**, onde se fazem os concertos da **Cultura Artística** e o **Guarani**, recentemente reformado no seu interior, num estilo que a má língua popular já batizou "quarto de banho". O **Guarani** tem visto de tudo: desde as companhias de classe às mais porcas chanchadas. Sempre foi liberal.

HOSPITAIS

Dentro de poucos anos, o brasileiro que tiver a premonição de que vai cair doente, deverá quanto antes transferir-se para a Bahia. Seja pensionista, seja indigente, aqui terá uma larga escolha de hospitais a fazer.

A cidade não tinha hospitais. Desde o primeiro século da colonização, a Santa Casa era que atendia a quase todos os indigentes. O Português e o Espanhol faziam as honras aos pensionistas. Loucos para o São João de Deus, atual Juliano Moreira, doentes contagiosos para o Isolamento. O Santa Terezinha se encarregava dos tuberculosos.

Presentemente, todos os dedos dos pés e das mãos não chegam para contar os hospitais e casas de saúde que a Bahia possui. Milhares e milhares de leitos. Ainda não estão funcionando a todo pano, porque isso não se faz de uma hora para outra. E há muita escassez de enfermeiras habilitadas. Mas quando todos os leitos, de todas as enfermarias, de todos os hospitais estiverem prontos para serviço, a Bahia se consagrará sem dúvida como um centro de grande atração para os médicos do Brasil.

TELEFONES E ENERGIA ELÉTRICA

Na Bahia, o modo mais seguro para se chamar a assistência, ou os bombeiros, ou a polícia é gritar por socorro. Para avisar, convidar ou informar um amigo, um menino de recados.

Na mais pacata das cidades do Brasil, nada existe de mais temperamental, caprichoso e inconstante do que os telefones. Dias em que está ótimo, dias em que fica mudo. Ou que dá pipocos ensurdecedores. Basta um pouquinho de chuva para que todas as linhas se constipem.

A energia elétrica é também muito caprichosa. Gosta de fazer vergonha. Certo governador idealista convidou um grupo de industriais do sul para que vissem as enormes vantagens de montar fábricas entre nós. Na noite de sua chegada, faltou luz mais de meia hora.

Mas a usina hidroelétrica de Paulo Afonso vai resolver, mas a usina movida a gás de Aratu já está resolvendo – é o que se ouve da boca dos responsáveis. De certo, o povo sabe que energia elétrica e telefones pertencem à Circular.

Enquanto espera uma solução, diz ao visitante o baiano atrapalhado que, no meio do jantar, se vê às escuras: “Faz parte da cor local”. E grita: “Tragam um candeeiro daí de dentro!”

TRANSPORTES

Nos tempos coloniais e ainda durante o império – informam os cronistas da época –, o brasileiro de posição podia se privar de tudo, menos da ostentação social. Comia mal, dormia em catres, sentava-se em tamboretes, não se tratava direito de seus achaques. Vestia-se luxuosamente, porém. E não dispensava um par de negros, para carregá-lo de serpentina ou cadeirinha.

O baiano de hoje parece que herdou as mesmas disposições. Quem vê os automóveis particulares, tem a impressão de estar numa

cidade de milionários. Melhor que não vá a suas casas: com honrosas exceções, não estão à altura dos *Cadillacs, Packards, Lincolns* e *Buicks*.

O infeliz que precisar de um carro de praça estará exposto às mais desenfreadas explorações. Não se usam taxímetros. Prevalece o gosto do chofer. Mais dez cruzeiros, menos cinco cruzeiros, exigem ou dispensam conforme a simpatia pelo freguês. Dia de chuva o preço sobe; cai em dia de sol.

A maioria de nossa população transporta-se de bonde. Os bondes da Bahia gozam da fama de serem os melhores do Brasil. Quatro são os pontos de partida.

1. Praça da Sé, para as linhas de Barra, Barra Avenida, Federação, Rio Vermelho, Amaralina, Nazaré.

2. Praça Municipal, para Canela, Graça, Barris, Tororó.

3. Abrigo do viaduto, atrás da Prefeitura, para as linhas que vão pela Baixa dos Sapateiros: Calçada, Cabula, Quintas, Brotas, Santo Antonio, Estrada da Liberdade, Rio Vermelho de Baixo.

4. Praça Cairu, para todas as linhas da península de Itapagipe: Roma, Bonfim, Ribeira.

Ultimamente, muitos ônibus têm aparecido. As ladeiras da Bahia cedo estragam com seus motores. Se estragam o coração dos homens! Também surgiram os autolotações. Alguns bons, e a passagem cara. A maioria carros velhos aproveitados, umas caranguejolas, sujas, quebradas, freios ordinários... um perigo; mas também caras.

Da cidade alta para a cidade baixa: pode-se tomar o elevador Lacerda, que liga a praça Cairu à praça Municipal; o plano inclinado Gonçalves, da praça da Sé para o Guindaste dos Padres; o elevador do Taboão, e o plano inclinado do Pilar.

O povo da Bahia não gosta de andar. Talvez por isso se submeta a tanta ganância no negócio dos transportes.

ANTIQUÁRIOS

A paixão pelas antiguidades é uma paixão como outra qualquer. Não adianta dar conselhos. O apaixonado não ouve.

Para os que ainda não se apaixonaram, uma advertência: a Bahia é o lugar do Brasil onde as antiguidades são vendidas mais caro. As boas – em mobiliário, cerâmica, cristal, ouro e prata – faz bastante tempo que se esgotaram; o que se encontra, ou é de qualidade secundária, ou reconstituído, ou falsificado. E não são poucos os objetos enviados do Rio e São Paulo, e até importados da Europa, para aqui serem vendidos a preço mais elevado, como antiguidade baiana.

Alguns antiquários vivem, sobretudo, da imitação das joias antigas. Não fazem mistério. Nem lhes faltam fregueses, perfeitamente informados do que se trata. Uns e outros estão no seu direito.

Antiquários mais conhecidos: **Casa Moreira, A Miscelânea**, David, Carioca, Hercílio, Walmí.

NOTA FINAL

Poderia – assim creio – ter escrito um livro de erudição. Com muitos nomes, muitas datas e muitíssimos fatos. Nomes, datas e fatos que se encontram em diversos livros já publicados, e que eu arrumaria de acordo com meu plano de trabalho.

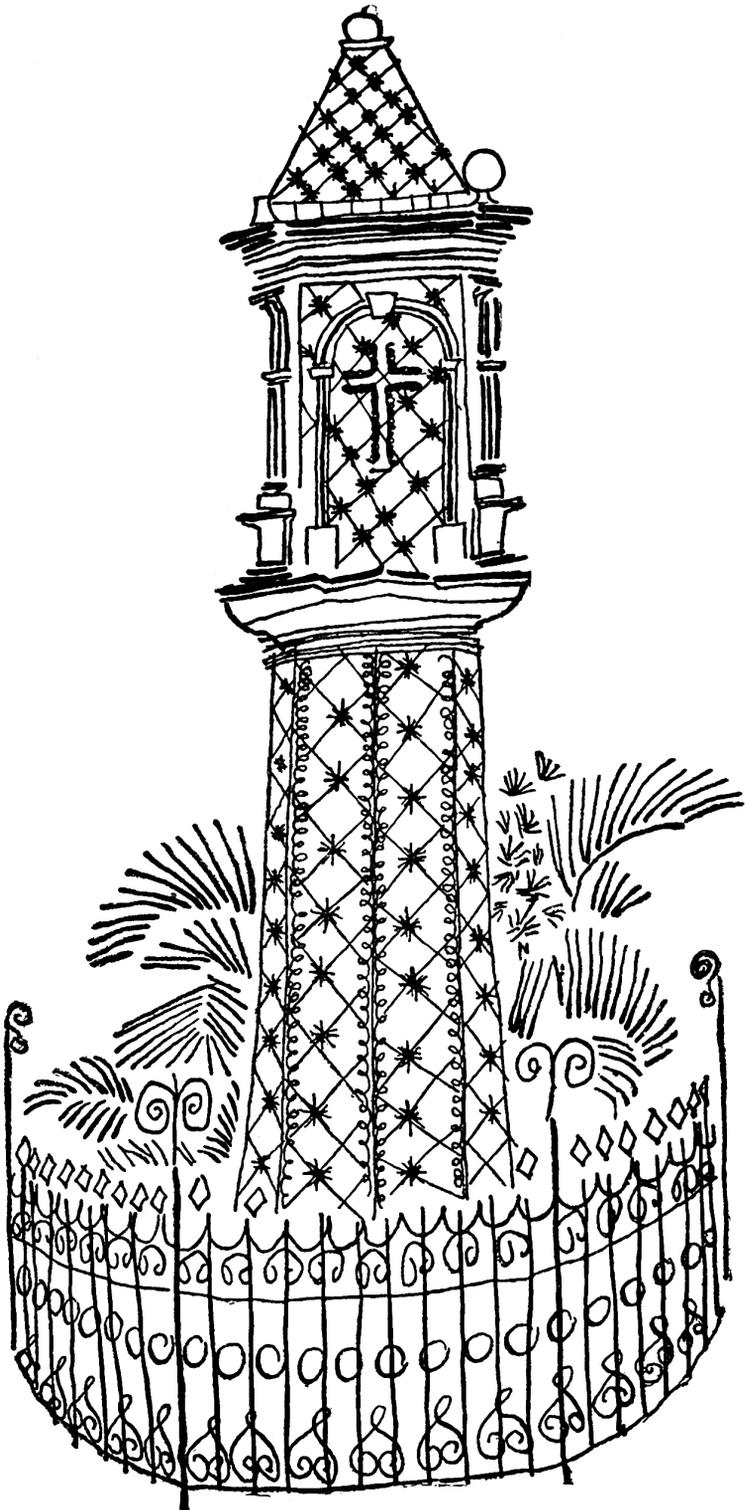
Gastaria mais tempo – oh! muito mais tempo – tomaria mais tempo do leitor, e talvez não chegasse ao mesmo resultado. Preferi elaborar, a respeito de minha cidade natal, que sei amar de todo coração, um trabalho despretencioso, cuja finalidade é apenas levar o eventual leitor a sentir interesse pelos seus encantos e riquezas, e tolerância para com suas tradições e contradições. Sou fundamentalmente contra a atitude de certos conterrâneos que presumem ser possível, no campo da informação, salientar o que eles consideram dignificante e esconder o que eles supõem desmoralizador. Pode acontecer que o tal dignificante seja supinamente enfadonho, desprovido de interesse

social autêntico; e que o suposto elemento desmoralizador represente a parte realmente viva da sociedade.

É possível que o **Bêabá da Bahia** não obtenha o resultado desejado. Consola-me o fato de o haver escrito com alma. A alma de baiano de quatro costados, que é assunto a merecer um estudo separado.

Embora este livro tenha o subtítulo "Guia turístico", não sinto a menor simpatia pela preocupação de muitos baianos com o turismo. Que a cidade da Bahia seja rica de atrativos turísticos ninguém poderá contestar. Mas será uma tristeza no dia em que, ao invés de pensarmos em nossas coisas, à nossa maneira e de acordo com nossas convicções, nos pusermos a pensar no conforto, curiosidade, gosto e caprichos do turista. Não será desta forma que a Bahia progredirá. Sejamos cordiais com os que nos dão a honra de sua visita; mas não sejamos subservientes. No final, nós é que sairemos perdendo. E a primeira coisa que se perderá será o caráter de nossa cidade, quase por milagre ainda conservado num Brasil cujas grandes cidades a passos largos se vão tornando excessivamente semelhantes às grandes cidades de qualquer parte do mundo. Quando menos imaginarmos, com essa mania de cortejar os turistas, a Bahia terá deixado de ser a Bahia.

Agradeço a colaboração que me foi tão generosamente prestada pelos amigos: Antônio Monteiro, nas questões afro-brasileiras; Herundina Batista e José Calasans, quanto à parte histórica; Carlos Ott, a artística; Noêmia Godinho, a bibliográfica; Diógenes Rebouças, a urbanística; Odorico Tavares e Magalhães Neto, sugestões de diversa ordem; Edith Alves da Silva, o trabalho datilográfico.

APÊNDICES

TITULARES DO GOVERNO DA BAHIA[1]

COLÔNIA

1549-53 - Tomé de Souza
1553-57 - Duarte da Costa
1558-72 - Mem de Sá
1573-78 - Luiz de Brito e Almeida
1578-81 - Diogo Lourenço da Veiga
1581-82 - Junta Governativa
1583-87 - Manuel Teles Barreto
1587-91 - Junta Governativa
1592-602 - Francisco de Souza
1602-07 - Diogo Botelho
1608-12 - Diogo de Menezes
1613-17 - Gaspar de Souza
1617-21 - Luís de Sousa, segundo conde do Prado
1621-24 - Diogo de Mendonça Furtado
1625-26 - Francisco de Moura Rolim
1626-35 - Diogo Luiz de Oliveira
1635-39 - Pedro da Silva
1639-40 - Fernando de Mascarenhas, conde da Torre
1640-40 - Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos
1640-41 - Primeiro vice-rei Jorge de Mascarenhas, primeiro marquês de Montalvão
1641-42 - Junta Governativa
1642-47 - Antônio Telles da Silva
1647-50 - Antônio Telles de Menezes, segundo conde de Vila Pouca
1650-54 - João Rodrigues de Vasconcelos e Souza, segundo conde de Castelo Melhor

[1] Para esta edição, os Apêndices foram alterados, utilizando-se as indicações existentes no livro "História da Bahia", de Luis Henrique Dias Tavares, publicado pela editora Unesp em parceria com a Edufba, 11. ed, em 2008. p. 203-205 para governadores e vice-reis da capitania da Bahia; p. 292-295 para presidentes da província da Bahia. Com relação à República, manteve-se a informação original. (Nota do Coord.).

1654-57 - Jerônimo de Ataíde, quinto conde de Atouguia
1657-63 - Francisco Barreto de Menezes
1663-67 - Segundo vice-rei Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos
1667-71 - Alexandre de Sousa Freire
1671-75 - Afonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, primeiro visconde de Barbacena
1675-78 - Junta Governativa
1678-82 - Roque da Costa Barreto
1683-84 - Antônio de Souza de Menezes
1684-87 - Antônio Luís de Sousa Telles de Menezes, segundo marquês das Minas
1687-88 - Mathias da Cunha
1688-90 - Governo interino do arcebispo frei Manoel da Ressurreição
1690-94 - Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho
1694-702 - João de Lencastre
1702-05 - Rodrigo da Costa
1705-10 - Luiz César de Menezes
1710-11 - Lourenço de Almada
1711-14 - Pedro de Vasconcellos e Souza, terceiro conde de Castelo Melhor
1714-18 - Terceiro vice-rei Pedro Antônio de Noronha, primeiro marquês de Angeja
1718-19 - Sancho de Faro e Sousa, segundo conde de Vimieiro
1719-20 - Governo Interino, formado pelo arcebispo d. Sebastião Monteiro da Vide, mestre-de-campo João de Araújo e Azevedo, e ouvidor do crime Caetano de Britto e Figueredo
1720-35 - Quarto vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes, primeiro conde de Sabugos
1735-49 - Quinto vice-rei André de Mello e Castro, segundo conde de Galvêas
1749-54 - Sexto vice-rei Luís Pedro Peregrino de Carvalho Menezes de Ataíde, décimo conde de Atouguia
Junta Governativa

1755-60 - Sétimo vice-rei Marcos de Noronha, sexto conde dos Arcos
1760-60 - Oitavo vice-rei Luís Antônio de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça Mello e Silva Mascarenhas, quarto conde de Avintes e primeiro marquês do Lavradio
1760-61 - Junta Governativa
1761-63 - Governo Interino, formado pelo arcebispo dom frei Manuel de Santa Inez, Gonçalo Xavier de Barros e Alvim e José de Carvalho de Andrade
1763-67 - António Rolim de Moura Tavares, primeiro conde de Azambuja
1767-68 - Governo interino exercido pelo arcebispo D. Frei Manuel de Santa Inez
1769-74 - Luís de Almeida Portugal Soares de Alarcão Eça Mello Silva e Mascarenhas, segundo marquês de Lavradio
1774-79 - Manuel da Cunha Menezes
1779-83 - Afonso Miguel de Portugal e Castro, quarto marquês de Valença
1783-84 - Junta governativa composta do arcebispo D. Frei Antônio Correia, chanceler José Inácio de Brito Bocarra Castanheda e coronel José Clarque Lobo
1784-88 - Rodrigo José de Menezes e Castro
1788-801 - Fernando José de Portugal
1801-02 - Junta governativa composta do arcebispo D. Antônio Correia, Firmino de Magalhães Cirqueira Fonseca e Florêncio José Correia de Mello
1802-05 - Francisco da Cunha Menezes
1805-10 - João de Saldanha da Gama Mello e Torres, sexto conde da Ponte
1809-10 - Governo interino exercido pelo arcebispo D. Frei José de Santa Escolástica, o chanceler Antônio Luiz Pereira da Cunha e o marechal João Baptista Vieira Godinho.
1810-18 - Marcos de Noronha e Britto, oitavo conde dos Arcos
1818-21 - Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma

IMPÉRIO

1824-25 - Francisco Vicente Viana, primeiro barão do Rio de Contas
1825-26 - João Severiano Maciel da Costa, marquês de Queluz
1827-27 - Nuno Eugênio de Lóssio e Seibitz
1827-30 - José Egídio Oordilho de Barbuda, visconde de Camamu
1830-31 - Luís Paulo de Araújo Bastos
1831-32 - Honorato José de Barros Paim
1832-34 - Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, visconde de Mont'Serrat
1834-35 - Francisco de Sousa Martins
1836-37 - Francisco de Sousa Paraíso
1837-38 - Antônio Pereira Barreto Pedroso
1838-40 - Tomás Xavier Garcia de Almeida
1840-41 - Paulo José de Melo Azevedo e Brito
1841-44 - Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos
1844-46 - Francisco José de Souza Soares d'Andréa, barão de Caçapava
1846-47 - Antônio Inácio de Azevedo
1847-48 - João José de Moura Magalhães
1848-48 - Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos
1848-48 - João Duarte Lisboa Serra
1848-52 - Francisco Gonçalves Martins, visconde de São Lourenço
1852-55 - João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe
1855-56 - Alvaro Tibério de Moncorvo Lima
1856-58 - João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu
1858-59 - Francisco Xavier Paes Barreto
1859-60 - Herculano Ferreira Pena
1860-61 - Antônio da Costa Pinto
1861-62 - Joaquim Antão Fernandes Leão
1862-63 - Antônio Coelho de Sá e Albuquerque
1864-64 - Antônio Joaquim da Silva Gomes
1864-65 - Luís Antônio Barbosa de Almeida
1865-66 - Manoel Pinto de Souza Dantas

1866-67 - Ambrósio Leitão da Cunha
1867-68 - José Bonifácio Nascentes de Azambuja
1868-71 - Francisco Gonçalves Martins
1871-72 - João Antônio de Araújo Freitas Henriques
1872-72 - Joaquim Pires de Machado Portela
1873-74 - Antônio Cândido da Cruz Machado
1874-75 - Venâncio José de Oliveira Lisboa
1875-77 - Luís Antônio da Silva Nunes
1877-78 - Henrique Pereira de Lucena, barão de Lucena
1878-78 - Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, barão Homem de Melo
1878-79 - Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, terceiro barão de São Francisco
1881-82 - João Lustosa da Cunha Paranaguá
1882-84 - Pedro Luiz Pereira de Souza
1884-84 - João Rodrigues Chaves
1884-85 - Espiridião Elói de Barros Pimentel
1885-85 - José Luís de Almeida Couto
1885-86 - Teodoro Machado Freire Pereira da Silva
1886-88 - João Capistrano Bandeira de Melo
1888-89 - Manoel do Nascimento Machado Portela
1889-89 - Antônio Luís Afonso de Carvalho
1889-89 - José Luís de Almeida Couto

REPÚBLICA

1889-89 - Virgílio Clímaco Damásio
1889-90 - Manoel Vitorino Pereira, Mal. Hermes da Fonseca, Virgílio Damásio
1890-91 - José Gonçalves da Silva
1891-92 - Almirante Leal Ferreira
1892-96 - Joaquim Manoel Rodrigues Lima
1896-900 - Luiz Vianna
1900-04 - Severino Vieira

1904-08 - José Marcelino de Souza
1908-11 - João Ferreira de Araújo Pinho
1911-12 - Aurélio Rodrigues Vianna, Bráulio Xavier da Silva Pereira
1912-16 - José Joaquim Seabra
1916-20 - Antônio Ferrão Moniz de Aragão
1920-24 - José Joaquim Seabra
1924-28 - Francisco Marques de Góes Calmon
1928-30 - Vital Soares
1930-30 - Cel. Ataliba Osório
1930-31 - Leopoldo Afrânio Bastos do Amaral
1931-31 - Artur Neiva
1931-37 - Juraci Magalhães
1937-38 - Cel. Antônio Fernandes Dantas
1938-42 - Landulfo Alves de Almeida
1942-45 - Renato Onofre Pinto Aleixo
1945-46 - Antônio de Araújo de Aragão Bulcão
1946-46 - Guilherme Carneiro da Rocha Marback
1946-47 - General Cândido Caldas
1947-51 - Otávio Mangabeira
1951-51 - Luiz Regis Pacheco Pereira

RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS RUAS ANTIGAS COM SUA NOMENCLATURA ATUAL

Açouguinho	J. Castro Rebelo, r
Acupe (ladeira do)	Clião Arouca, r
Adobes	Cassiano Lopes, r
Aflitos (ladeira e largo dos)	Gabriel Soares, r e Pe. Aspicuelta, pç.
Agonia	Barão do Rio Vermelho, r
Água Brusca (ladeira da)	Botelho Benjamim, r
Ajuda	Tomé de Souza, r
Alfândega (largo da)	Visconde de Cairu, pç
Algibebes	Júlio Adolfo, r
Alto de São Gonçalo	Visc. Cachoeira, r
Alvo (ladeira do)	Frei Caneca, r
Areal de Baixo	Oscar Freire, r
Areal de Cima	Carneiro de Campos, r
Areal da Penha	Alvaro Cova, r
Arsenal da Marinha	Marcílio Dias, r
Assembleia	Juliano Moreira, r
Baixa do Bonfim	Euzébio de Matos, pç
Baixa do Canela	Souza Lima, r
Baixa da Fazenda Garcia	Ataíde Seixas, r
Baixa do Fiscal	Pedreira Franco, r
Baixa da Graça	Princesa Isabel, av
Baixa das Quintas	General Argolo, r
Baixa dos Sapateiros	J. J. Seabra, Dr., r
Baluarte (ladeira do)	Botelho Benjamim, r
Banco d'Areia	Borges dos Reis, r
Banco dos Ingleses	José Marcelino, r
Bângala	Luiz Gama, r
Barbalho (largo do)	Barbalho, pç
Barra (largo da)	Azevedo Fernandes, pç

Barris	General Labatut, r
Barroquinha	Aristides Milton, r
Bela Vista do Cabral	Gonçalves Dias, r
Bigode (beco do)	Santo Agostinho, r
Bispo	Mont'Alverne, r
Boa Viagem (rua e largo da)	Luiz Tarquínio, av e Adriano Gordilho, pç
Boa Vista	Marquês de Abrantes, r
Bocama	Machado Monteiro, r
Bom Gosto da Calçada	Nilo Peçanha, r
Bom Gosto do Canela	João das Botas, r
Boqueirão (ladeira do)	Custódio de Melo, r
Bosque da Barra	Marquês de Caravelas, r
Cabeça	Gustavo dos Santos, r
Cabral	Inácio Tosta, r
Cabula	Silveira Martins, r
Cais das Barcas	Naus, av das
Cais do Bulcão	Riachuelo, pç
Cais do Ouro	Marechal Deodoro, pç
Cais do Porto	França, av
Cajueiro do Canela	Pedro Lessa, r
Calçada	Barão de Cotegipe, r
Caminho Novo	Petion de Vilar, r
Campo Grande	Dois de Julho, pç
Campo da Pólvora	D. Pedro II, pç
Campo Santo (ladeira do)	Bento Gonçalves, r
Candinho (beco do)	Candido Alves, r
Canta Galo	Francisco de Castro, r
Canto da Cruz	Maria Quitéria, r
Capitães	Rui Barbosa, r
Caquende	Joana Angélica, av
Carmo (ladeira do)	Luiz Viana, r

Carne Seca (beco da)	Diogo Dias, r
Carro	Álvaro Tibério, r
Carruagem (beco da)	Barão do Desterro, r
Carvões	Caio Moura, r
Castanheda	Ferreira França, r
Castro Neves (travessa do)	Vasco Ribeiro Caldas, tv
Cirilo (beco do)	José Mariz Pinto, r
Cobertos	Rodrigues Alves, r
Conceição da Praia (ladeira da)	D. Macedo Costa, r
Coqueiros do Canela	Basílio da Gama, r
Coqueiros do Farol	Alm. Marques de Leão, av
Coqueiros da Piedade	Professor França, r
Coqueiro do Pilar	Frederico Pontes, av.
Corpo Santo	Lopes Cardoso, r
Corredor da Lapinha	Teixeira Soares, r
Cortume (rua e largo do)	Luiz Maria, r e Teive e Argolo, pç
Cruzeiro de São Francisco	Padre Anchieta, pç
Currais	Emídio dos Santos, r
Currais Velho	Siqueira Campos, r
Curriachito	Vinte e quatro de Maio, r
Curva Grande	Pacífico Pereira, r
Custódio (ladeira do)	Cruz Rios, r
Dendezeiros	Bonfim, av
Dendezeiros do Canela	Marechal Floriano, r
Dendezeiros da Mariquita	Osvaldo Cruz, r
Desterro (rua, ladeira e largo do)	Santa Clara, r, Franco Velasco, r e Sátiro Dias, pç
Direita do Canela	Araújo Pinho, av
Direita do Jacaré	Barão de Macaúbas, r
Direita da Mariquita	Odilon Santos, r
Direita da Massaranduba	Carlos Lopes, r
Direita da Piedade	Marechal Bittencourt, r

Direita de Santo Antônio	Joaquim Távora, r
Direita da Saúde	Felipe Camarão, r
Droguistas	Conselheiro Lafayete, r
Engenho (largo do)	Deolino Mariz, pç
Estaleiros da Preguiça	Conceição, av
Estrada de Brotas	D. João VI, av
Estrada da Federação	Caetano Moura, r
Estrada de Ferro	Onze de Dezembro, pç
Estrada da Liberdade	Lima e Silva, r
Estrada do Retiro	José de Barros Reis, r
Estrada do Rio Vermelho	Garibaldi, r
Fabrício	Bandeirantes, r
Faísca	Senador Costa Pinto, r
Falcão (beco do)	Alm. Leal Ferreira, tv
Federação	Rodrigues Ferreira, r
Ferrão (ladeira do)	Angelo Ferraz, r
Flores	Eduardo Carigé, r
Fogo	Senador Costa Pinto, r
Fonte (ladeira da)	Gustavo de Andrade, r
Fonte do Boi	Brigadeiro Faria Rocha, r
Fonte Nova	Francisco V. Viana, pç
Fonte Nova do Desterro	Almeida Sebrão, r
Fonte das Pedras (ladeira da)	Joaquim Maurício, r
Forca	Pedro Jácome, r
Formosa	Alvares Cabral, r
Forte do Rio Vermelho	Guedes Cabral, r
Forte de São Diogo	Visconde de Taunay, r
Forte de São Pedro	Visconde de S. Lourenço, r
Fósforo (beco do)	Frederico Lisboa, r
Funil (ladeira do)	Tibúrcio Suzano, r
Futuro do Tororó	Lindolfo Rocha, r

Gado	Aristides Attico, r
Galés (ladeira dos)	Caramuru, r
Gamboa de Cima	Newton Prado, r
Gameleira	Sodré, r
Garapa (travessa do)	Vidal Negreiros, r
Garcia	Leovigildo Filgueiras, av
Gazômetro	Elias Nazaré, r
General (beco)	Afonso Taunay, r
Genipapeiro	Belarmino Barreto, r
Gravatá	Conselheiro Junqueira, r
Guadalupe	Veteranos, pç
Gusmão (beco do)	José do Patrocínio, pç
Hortas (rua e ladeira das)	Antônio Bahia, tv e Frei Carneiro, r
Hospital (ladeira do)	Frei Henrique, r
Hóstias	Manuel Beckman, r
Ilha dos Ratos	Corneta Lopes, tv
Imperador	Pedro I, r
Jaqueira (ladeira da)	Joaquim da Maia, r
Jaqueira de Nazaré	Garcia D'Ávila, r
Jaqueira de S. Pedro	Fagundes Varela, r
Jogo (beco do)	Horácio César, r
Jogo do Carneiro	Marquês de Barbacena, r
Jogo do Lourenço	J. Barbosa de Oliveira, r
Julião	Campos Sales, r
Lama	Visconde de Itaparica, r
Lapa	Joana Angélica, av
Lapinha (largo da)	Lapinha, pç
Laranjeiras	Francisco M. Barreto, r
Liceu	Guedes de Brito e Saldanha da Gama, rs

Limoeiro	Climério de Oliveira, r
Maciel de Baixo	Gregório de Mattos, r
Maciel de Cima	João de Deus, r
Madragôa (largo da)	Freire de Carvalho, pç
Mangueira da Mouraria	Rocha Galvão, r
Marchantes	Deraldo Dias, r
Mares (largo e travessa dos)	Padre Natividade, r e Botelho Oliveira, tv
Maria Paz (beco de)	Sabino Vieira, r
Maria Pires (travessa)	Getúlio dos Santos, tv
Mariquita (largo da)	Augusto Severo, pç
Martins (beco do)	Camerino, r
Massaranduba	Augusto de Freitas e Lopes Trovão, rs
Mata Escura	Vasco da Gama, r
Matança	Professor Viegas, r
Matatu Grande	Luis Anselmo e Raul Leite, rs
Matatu Pequeno	Barros Falcão, r
Mercês (travessa das)	Jonathas Abbott, tv
Mesquita dos Barris	Martius, r
Mesquita do Tororó	Amparo, r
Mineiro (beco do)	Canizares, r
Mirante da Graça	Cristiano Otoni, r
Misericórdia (ladeira da)	Padre Nóbrega, r
Montanha (ladeira da)	Barão Homem de Melo, r
Monte Conselho	Olavo Bilac, r
Monte Serrat	Rio Itapicuru, r
Monturo (ladeira do)	Doze de Outubro, r
Moinho do Tororó	Ismael Ribeiro, r
Mucambinho	Alfredo Barros, r
Nazaré (ladeira e largo de)	Virgílio Lemos, r e Cons. Almeida Couto, pç
Nova do Godinho	Oliveira Campos, r

Nova do Ouro	Torquato Bahia, r
Nova do Queimado	Campos França, r
Nova de São Bento	Joaquim Nabuco, r
Nova do Silva	Domingos Caetano, r
Oração	Sete de Novembro, r
Ordem 3ª. de São Francisco	Inácio Acioli, r
Ossos	Pedro Americano, r
Ourives	Guindaste dos Padres, r
Paciência	Euclides de Matos, r
Palma (rua, ladeira e largo da)	Pedro Carrascosa, tv, Leal Ferreira, r, Ana Nery, pç
Paiva (ladeira do)	Padre Brainer, r
Palmeira	Joana Angélica, av
Papagaio (largo do)	República, pç
Passo	Ribeiro dos Santos, r
Pau da Bandeira	Bento Lisboa, r
Pau Miúdo	Marquês de Maricá, r
Pedreiras	Luiz Murat, r
Pedrinhas	Marquês de Monte Santo, r
Pelourinho	José de Alencar, pç
Penha (ladeira e travessa da)	Prof. Santos Reis, r, Frederico Marinho, r
Pepino (ladeira do)	José Visco, r
Perdões	Monsenhor Tapiranga, r
Pitangueiras	Agripino Dorea, r
Pituba	Pernambuco, r
Poço	Beira Mar, av
Poeira	Pires de Carvalho, r
Politeama	Monsenhor Flaviano, r
Ponta de Areia	Cassemiro de Abreu, r
Portas do Carmo	Alfredo Brito, r
Portão da Piedade	Teixeira de Freitas, r

Porto do Bonfim (rua e lad. do)	Antônio Eusébio, tv, Benjamim Constant, r
Porto da Lenha	Beira Mar, av
Porto dos Mastros	Domingos Rabelo, r
Porto dos Tainheiros	Mem de Sá, av
Praça (ladeira da)	Visconde do Rio Branco, lad.
Prata (ladeira da)	Felipe dos Santos, r
Preguiça (rua, lad. e largo da)	Manuel Vitorino, r, Dionísio Martins, r e Tupinambás, pç
Princesa – Penha	Antônio Moniz, r
Protestantes	Lopes Rodrigues, r
Quebra-bunda (ladeira do)	São João, lad.
Queimado (largo do)	Pereira Monteiro, pç
Quinta da Barra	Miguel Burnier, pç
Quinta das Beatas	Cosme de Farias, r
Quitandinha do Capim	Visconde de Pirajá, pç
Rampa do Mercado	Cais da Palmeira
Retiro	Visc. de Monte Alegre, pç
Riachuelo (travessa)	Holanda, r
Ribeira	General Osório, pç
Rio São Pedro	Euclides da Cunha, av
Rio Vermelho	Colombo, pç
Roça do Genésio	Otaviano Pimenta, r
Roça do Lobo	Dr. João Ribeiro Caldas, r
Rocinha do Bom Gosto	Lino Coutinho, r
Rocinha do Queimado	Brig. Pessoa da Silva, r
Roda da Fortuna	General Andréa, r
Roma	Frederico Lisboa, tv
Rosário de Itapagipe	Lélis Piedade, r
Rua de Baixo	Carlos Gomes, r
Rua do Batista	Eulálio de Oliveira, r
Rua da Glória	Leão Veloso, r

Sabino	Conde Pereira Marinho, tv
Salete	Aurelino Leal, r
Sangradouro	Professor Mussurunga, r
Santa Bárbara	Pinto Martins, r
Santana (ladeira de)	Marquês de Montalvão, r
Santana - R. Vermelho (largo de)	Marechal Aguiar, pç
Santo Antônio (largo de)	Barão do Triunfo, pç
Santo Antônio da Mouraria	Monsenhor Teodolino, r
São Bento (largo de)	João Pessoa, pç
São José de Baixo	Militão Lisboa, r
São José de Cima	Augusto Guimarães, r
São Miguel (ladeira e largo de)	Frei Vicente, r e São Miguel, pç
Saúde (ladeira e largo da)	Cônego Lôbo, r e Severino Vieira, pç
Sete Portas (rua e largo das)	Djalma Dutra, r e Primeiro de Maio, pç
Silva (travessa do)	Brig. Freitas Guimarães, r
Socorro	Arlindo Fragoso, r
Soledade (largo da)	Liberdade, pç
Sossego	Conde Filho, r
Taboão	Silva Jardim, r
Táboas (beco das)	Alm. Leal Ferreira, tv
Tanque (largo do)	Eng.° Austricliano, pç
Teatro (largo do)	Castro Alves, pç
Terreiro	Quinze de Novembro, pç
Tesouro	Padre Vieira, r
Tijolo	Vinte e Oito de Setembro, r
Tingui	Zuavos, r
Tororó (rua e largo do)	Eloi Guimarães, r e Comendador J. Neiva, pç
Travasso	Flávio Araújo, r

Unhão	Des. Castelo Branco, r
Vala	Fernandes Vieira, r
Vileta	Polidoro Bittencourt, r
Vitória (largo da)	Rodrigues Lima, pç
Xixi	Pilar, r

BÊABÁ BIBLIOGRÁFICO[2]

ALVES, Marieta. *Convento de S. Francisco*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1949.

_______. *Convento do Desterro*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1950.

_______. *Ordem 3ª. de São Domingos*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1950.

_______. *Ordem 3ª. de São Francisco*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1949. (Série Pequeno Guia das Igrejas da Bahia).

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos*: guia das ruas e dos mistérios da Cidade do Salvador. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

AMARAL, Braz Hermenegildo do. *Resenha histórica da Bahia*. Salvador: Tipografia Naval, 1941.

AZEVEDO, Tales de. *Bahia, cidade museu*: roteiro artístico e histórico da cidade do Salvador. São Paulo: [s.n.], 1949.

_______. *Povoamento da cidade do Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

BRANDÃO, Darwin. *A cozinha bahiana*. Salvador: Livraria Universitária, 1948.

CALMON, Pedro. *História da fundação da Bahia*. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1949. n. 9.

_______. *História da literatura bahiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1948.

CARVALHO FILHO, Aloísio de. *Coletânea de poetas bahianos*. Rio de Janeiro: Minerva, 1951.

CARYBÉ. *Pesca do xaréu, Pelourinho, Capoeira, Feira de Água de Meninos, Festa do Bomfim, Conceição da Praia, Festa de Iêmanjá,*

[2] Atualizamos a bibliografia utilizada pelo autor de acordo com as normas da ABNT em vigor (Nota do Coord.).

Rampa do Mercado, Temas de Candomblé, Orixás. Salvador: [s.n.], 1951. (Série Coleção Recôncavo).

CAYMMI, Dorival. *Cancioneiro da Bahia*. São Paulo: Martins, 1947.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Bahia*. São Paulo: Oficinas Gráficas Romil e Lanzara, 1940.

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

_______. *Livro de horas.* Rio de Janeiro: Agir, 1947.

_______. *Quatro séculos de história da Bahia*. Salvador: Revista Fiscal da Bahia, 1949.

REQUIÃO, Hermano. *Itapagipe*: minha infância na Bahia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

SOUZA, Afonso Rui de. *A igreja da Ajuda e a devoção dos Passos*. Salvador: Prefeitura do Salvador, 1950.

_______. *Catedral Basílica*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1949. (Série Pequeno Guia das Igrejas da Bahia).

_______. *Convento e Ordem 3.ª do Carmo*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1949.

_______. *História política e administrativa da cidade do Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

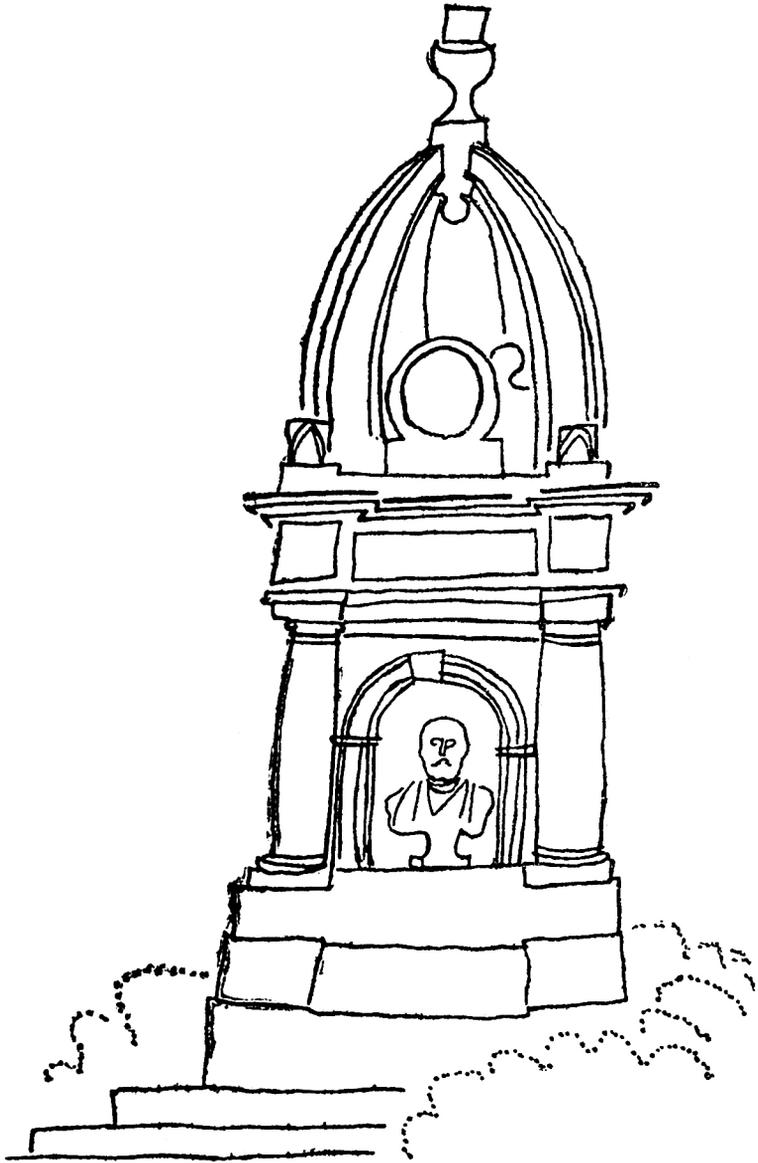
_______. *Mont-Serrat, o forte e a igreja*. Salvador: Prefeitura do Salvador, 1950.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Bahianos ilustres, 1564-1925*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

TAVARES, Odorico. *Bahia, imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

TÔRRES, Carlos. *Vultos, fatos e coisas da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1951.

TOURINHO, Eduardo. *Alma e corpo da Bahia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

WILDBERGER, Arnold. *Os presidentes da província da Bahia efetivos e interinos, 1824-1889*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.

Títulos da Coleção Nordestina

1. Joaquim Nabuco: abolição e a república
Manuel Correia de Andrade
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

2. A ciência e os sistemas
Pedro Américo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

3. A Escrita da História na Casa de Sergipe – 1913/ 1999
Itamar Freitas (org.)
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

4. Flor de romances trágicos
Luis da Câmara Cascudo
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

5. História da minha infância
Gilberto Amado
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

6. Cancioneiro Geral
Martins Napoleão
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

7. Cartas Literárias
Adolfo Caminha
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

8. Imagens de um Tempo em movimento - Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)
Maria do Socorro Silva Carvalho
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

9. Canais e Lagoas
Octávio Brandão
Editora da Universidade Federal da Alagoas/EDUFAL

10. Cordéis
Patativa do Assaré
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

11. Frei Caneca: acusação e defesa
Socorro Ferraz (org.)
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

12. Zé Limeira: o poeta do absurdo
Orlando Tejo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

13. Um códice setencista inédito de Gregório de Matos
Fernando da Rocha Peres e Silvia la Regina (orgs.)
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

14. Os Índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguay, seu destino após descobrimento
Moacyr Soares Pereira
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

15. A Ciência e os Sistemas: Questões de História e Filosofia Natural
Pedro Américo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

16. Macau
Aurélio Pinheiro
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

17. Os Portugueses no Brasil – Estudo Histórico e Crítico (séc. XVI ao séc. XIX) -
Felisberto Freire
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

18. Cancioneiro Geral Vol. 2
Martins Napoleão
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

19. O conto em 25 baianos
Cyro de Mattos (org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz- EDITUS/UESC

20. Antecipações
Gilberto Freyre
Editora da Universidade Estadual de Pernambuco/EDUPE

21. Naufrágio e prosopopéia
Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

22. Horto
Auta de Souza
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

23. Apontamentos de Folclore
Frederico Edelweiss
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

24. Maceió de outrora (org. e apresentação de Raquel Rocha)
Felix Lima Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

25. José Lins do Rego: modernismo e regionalismo
José Aderaldo Castelo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

26. Delírio da Solidão
Jader de Carvalho
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

27. O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social
Thales de Azevedo
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

28. Contos
Adolfo Caminha
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

29. O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional
Manoel Diegues Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

30. Nossa Senhora dos Guararapes
Bernardino Freire de F. A. e Castro
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

31. História do Modernismo em Alagoas
Moacir Medeiros de Sant'ana
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

32. Economia pernambucana no século XVII
Manoel Correia de Andrade
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

33. O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné - Waldir Freitas Oliveira
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

34. Dias e noites
Tobias Barreto (org. Luiz Antonio Barreto)
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

35. Aves de arribação
Antonio Sales
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

36. Memórias: antes que me esqueça
José Américo de Almeida
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

37. Termos tupi na geografia de Sergipe
Armindo Guaraná
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

38. Antologia panorâmica do conto baiano – século XX
Gerana Damulakis (org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC /EDITUS

39. Como melhorar a escravidão
Henry Koster (trad. Prefácio e notas: Nelson Patriota – estudo introdutório Manuela Carneiro da Cunha)
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

40. Naufrágio e prosopopéia
Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

41. Acusação e Defesa
Frei Caneca
Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE

42. O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social
Thales de Azevedo
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

43. O Engenho de Açúcar no Nordeste
Manuel Diegues Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

44. O Brasil, o Poder e o Povo
Miguel Arraes de Alencar
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

45. Ação da Bahia na obra da independência nacional
Braz do Amaral
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

46. Reisado Alagoano
Théo Brandão
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

47. Gestos e Vozes de Pernambuco
Luiz Delgado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

48. A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral
Julie Cavignac
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

49. Os Cinemas da Bahia 1897-1918
Silio Boccanera Júnior
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

50. A Mestiçagem no Brasil
Arthur Ramos
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

51. Cachaça: contos
Francisco Julião
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

52. Utopia Armada
Dirceu Lindoso
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

53. O Theatro na Bahia da Colônia à República (1800-19230)
Silio Boccanera Júnior
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

54. Paremiologia Nordestina – 2ª. Edição Ampliada
Fontes Ibiapina
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

55. Nelson Chaves - O homem além do tempo: A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.
Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago.(Org.)
Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE.

56. Resistência Indígena no Piauí Colonial: 1718-1774 – 2ª. Edição
João Renor F. de Carvalho
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

57. A Língua do Nordeste – 4ª. Edição
Mário Marroquim
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

57. Gestos e Vozes de Pernambuco
Luiz Delgado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE.

58. A Pré – Revolução Brasileira.
Celso Furtado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE.

59. Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)
Mario Augusto da Silva Santos.
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

60. Costumes Africanos no Brasil
Manuel Querino
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

61. A Testemunha na História e no Direito
Jayme de Altavila
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

62. Poemário de Cordéis v.1
Pedro Nonato Costa
Editora da Universidade Federal do Piauí / EDUFPI

63. Matas do Sertão de Baixo
Isaías Alves
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

64. O Sertão
Carlota Freitas
Editora da Universidade Federal do Piauí / EDUFPI

65. Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história
Robert C. Smith
Editora da Universidade Federal da Bahia / EDUFBA

66. Folclore Negro das Alagoas
Abelardo Duarte
Editora da Universidade Federal de Alagoas / EDUFAL

67. Universidade e democracia
Luis de Magalhães Melo
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE.

68. Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa. Volume I - (1927-1938)
Organização, seleção, apresentação e notas de Nelson Patriota
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN

69. Contos Reunidos
Aramis Ribeiro Costa
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz- EDITUS

70. Portugueses na Bahia na segunda metade do séc. XIX: emigração e comércio
Tania Risério d'Almeida Gandon
Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

71. Plínio de Almeida: obra reunida
Flávio J. Simões Costa (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz - EDITUS

72. O Teatro de Anchieta
Joel Pontes
Editora da Universidade Federal de Pernambuco - EDUFPE

73. Fernão Cabral de Ataíde e a Santidade de Jaguaripe
José Calasans
Editora da Universidade do Estado da Bahia- EDUNEB

74. Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & outros ensaios
João Craveiro Costa
Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

75. Bêabá da Bahia - Guia Turístico
José Valadares
Ilustrações de Carlos Thiré
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA